

NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KI  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA  
NÁ KAWAITE PARESI-HALITI MAWÉ PANARÁ KU  
ARÁ KURUAYA IKPENG SANAPANÁ KAWAITE PA  
I-HALITI MAWÉ PANARÁ KURUAYA IKPENG SA

# ASPECTOS GRAMATICAIS DE LÍNGUAS INDÍGENAS SUL-AMERICANAS

Organização

ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS

ANTONIO ALMIR SILVA GOMES

EDUARDO ALVES VASCONCELOS

**ASPECTOS  
GRAMATICAIS  
DE LÍNGUAS  
INDÍGENAS  
SUL-AMERICANAS**



# ASPECTOS GRAMATICAIS DE LÍNGUAS INDÍGENAS SUL-AMERICANAS

Organização

ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS

ANTONIO ALMIR SILVA GOMES

EDUARDO ALVES VASCONCELOS



Macapá  
UNIFAP  
2019

Copyright © 2019, organizadores

**Reitor:** Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira

**Vice-Reitora:** Prof.ª Dr.ª Simone de Almeida Delphim Leal

**Pró-Reitor de Administração:** Msc. Seloniel Barroso dos Reis

**Pró-Reitora de Planejamento:** Msc. Luciana Santos Ayres da Silva

**Pró-Reitora de Gestão de Pessoas:** Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento

**Pró-Reitor de Ensino de Graduação:** Prof.ª Dr.ª Elda Gomes Araújo

**Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Prof.ª Dr.ª Amanda Alves Secury

**Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias:** Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira

**Pró-Reitor de Cooperações e Relações Interinstitucionais:** Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

**Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá**

Antonio Sabino da Silva Neto

**Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá**

Fernando Castro Amoras

#### Conselho Editorial

Antonio Sabino da Silva Neto, Ana Flávia de Albuquerque, Ana Rita Pinheiro Barcessat, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daize Fernanda Wagner, Danielle Costa Guimarães, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Janielle da Silva Melo da Cunha, João Paulo da Conceição Alves, João Wilson Savino de Carvalho, Jose Walter Cárdenas Sotil, Norma Iracema de Barros Ferreira, Pâmela Nunes Sá, Rodrigo Reis Lastra Cid, Romualdo Rodrigues Palhano, Rosivaldo Gomes, Tiago Luedy Silva e Tiago Silva da Costa

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A838a

Aspectos gramaticais de línguas indígenas sul-americanas / Angela Fabiola Alves Chagas, Eduardo Alves Vasconcelos, Antonio Almir Silva Gomes (organizadores) – Macapá : UNIFAP, 2019.

148 p.

ISBN: 978-85-5476-069-4

1. Gramática. 2. Línguas Indígenas. 3. América do Sul. I. Angela Fabiola Alves Chagas. II. Eduardo Alves Vasconcelos. III. Antonio Almir Silva Gomes. IV. Título.

CDD 490

**Capa:** Leticia Quintilhano / Autografia

**Editoração:** Guilherme Peres / Autografia



Editora da Universidade Federal do Amapá  
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br  
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,  
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão dos organizadores. É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte. As imagens, ilustrações, opiniões, idéias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores dos capítulos.

# SUMÁRIO

---

Apresentação . . . . .	9
Dos sons à escrita: proposta de ortografia para o Kuruaya a partir do estudo fonológico da língua . . . . .	14
<b>ELISSANDRA BARRROS</b>	
Formação do verbo Ikpeng . . . . .	30
<b>ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS</b>	
Numerais e quantificadores Sanapaná (Maskoy) . . . . .	51
<b>ANTONIO ALMIR SILVA GOMES</b>	
Construções com numerais em Kawaiwete e a distinção contável-massivo . . . . .	69
<b>SUZI LIMA &amp; PIKURUK KAYABI</b>	
Aspecto gramatical em Paresi-Haliti (Arawak): distribuição e significado . . . . .	83
<b>GLAUBER ROMLING DA SILVA</b>	
Estrutura da Sentença em Mawé . . . . .	101
<b>RAYNICE GERALDINE PEREIRA DA SILVA</b>	
Sistema fonológico do Cayapó do Sul (Panará-Jê) . . . . .	119
<b>EDUARDO ALVES VASCONCELOS</b>	
Sobre os autores . . . . .	144



## Apresentação

**E**MBORA O PORTUGUÊS E O ESPANHOL SEJAM AS DUAS LÍNGUAS mais faladas e mais conhecidas quando se pensa na América do Sul, estudos indicam que sejam faladas mais de 500 línguas nesse subcontinente, agrupadas, geneticamente, em dezenas de famílias linguísticas. Dessas línguas, aproximadamente 170 estão em território brasileiro.

A diversidade linguística da América do Sul é consequência de sucessivas migrações de diversos grupos humanos em diferentes momentos da pré-história. Pesquisas arqueológicas recentes indicam que o homem pisou pela primeira vez neste solo há cerca de 50.000 anos. Desse período até os dias atuais, houve, dentre outras coisas, aumento exponencial da população humana, inúmeras diásporas com consequente formação de novos grupos, que por sua vez passaram a estabelecer relações com outros grupos com quem não interagiam anteriormente, fatos que influenciaram fortemente no surgimento de novos sistemas linguísticos na região. Dessa forma, a diversidade quantitativa e qualitativa das línguas sul-americanas é resultado das mudanças naturais que afetam todo e qualquer sistema ao longo do tempo, mas também de fatores sociais, como isolamento e contato linguístico.

Tal diversidade é representada neste livro por artigos que tratam de diferentes aspectos gramaticais de línguas geneticamente distintas. A saber, línguas dos troncos Tupi (Kuruaya, Kawaiwete e Mawé) e Macro-Jê (Cayapó do Sul-Paraná); e por línguas das famílias Aruák (Paresi-Haliti), Karib (Ikpeng) e Maskoy (Sanapaná).

No primeiro artigo, Elissandra Barros em *“Dos sons à escrita: proposta de ortografia para o kuruaya a partir do estudo fonológico da língua”* trata de aspectos da fonologia Kuruaya (família Mundurukú, tronco

Tupi) relacionados às vogais e às consoantes. Assim, baseada em Picanço (2005) e Barros (2009), apresenta um conjunto de seis vogais orais e seis vogais nasais. Segundo a autora “o kuruaya não apresenta oposição *oral vs. nasal* para todas as vogais, conforme descrito por Costa (1998), Picanço (2005) e Barros (2009)”. Além disso, Barros trata de outros aspectos relacionados às vogais kuruaya, tais como distribuição, diferentes realizações fonéticas, alternâncias e alçamentos. Tais processos norteiam as discussões empreendidas no sentido de sistematizar uma ortografia para a referida língua. Assim, ao apresentá-los, a autora trata, concomitantemente, das decisões tomadas em relação à ortografia Kuruaya. Sobre as consoantes, Barros, baseada em sua dissertação de mestrado (defendida em 2009), apresenta um conjunto de 17 fonemas. Da mesma maneira, ao referir-se aos processos envolvidos na constituição das consoantes, discute, também, as escolhas relacionadas ao sistema ortográfico. Após as discussões referentes à organização do sistema ortográfico, Barros apresenta um alfabeto para a língua kuruaya composto por 21 letras, que representam as seis vogais e as 17 consoantes.

O segundo artigo do livro trata da “*Formação do verbo Ikpeng*”. Nesse artigo, Angela Chagas argumenta que os verbos Ikpeng (Karib) “podem ser gerados (com o acréscimo de morfologia) tanto a partir de raízes sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ), quando derivados de raízes categorizadas, como nomes (N) e adjetivos (A)”. Chagas afirma que “os verbos Ikpeng são o resultado da combinação de um categorizador verbal (morfema funcional) com uma raiz sem categoria sintática (morfema lexical -  $\sqrt{\quad}$ ), ou com um nome (N), ou com um adjetivo (A)”. A autora mostra ainda que os “morfemas verbalizadores”, possuem traços semânticos e, por isso, dão origem a verbos com sentidos relacionados. Na sequência, a autora faz referência a processos de formação de verbos a partir de nomes, de adjetivos e de raízes não-categorizadas, com base na proposta teórica de Hale & Keyser (2002). Na seção sobre valência e causatividade, a autora apresenta os morfemas de mudança (aumento e diminuição) de valência e o morfema causativizador em Ikpeng, mostrando que causativização e transitivização são fenômenos distintos nessa língua, com morfologia própria para cada fenômeno.

Em “*Numerais e quantificadores Sanapaná (Maskoy)*”, Antonio Almir Silva Gomes faz referência ao sistema numérico expresso por numerais

e ao sistema de quantificação Sanapaná. O objetivo do artigo, segundo o autor, é descrever os mecanismos morfossintáticos e semânticos inerentes aos mesmos sistemas. Língua falada no chaco paraguaio, o Sanapaná apresenta um conjunto de numerais cuja contagem básica vai de 1 a 10 e utiliza-se de campos semânticos através do uso da palavra referente à mão para quantidades superiores a cinco. Segundo a análise do autor, configura-se um caso de classificador em Sanapaná. No geral, o uso de numerais incide sobre interpretações de plurais ao sintagma, já que nomes são nus para a marcação de número. Para o caso dos quantificadores, Gomes distingue três conjuntos também delimitados semanticamente, caracterizados pelos traços [+], [-] e [GEN]. Ao comparar numerais e quantificadores, o autor os assemelha sintaticamente.

Suzi Lima e Pikuruk Kaiabi, no artigo “*Construções com numerais em Kawaiwete e a distinção contável-massivo*”, assumem que “(1) a denotação básica dos nomes nesta língua é de número neutro e (2) na ausência de classificadores, nomes-container (como cuia, copo) são usados como a unidade de individuação para construções com nomes massivos (como água) e numerais”. Na seção 3 do artigo, os autores fazem um breve histórico das discussões acerca da distinção contável-massivo, apontando a importância de tais discussões “para o debate acerca da tipologia da distinção contável-massivo”. Tipologicamente, os autores defendem que a língua Kawaiwete é do tipo número neutro, classificada como o terceiro tipo de língua segundo a indicação de número: os outros dois são “línguas de classificador” e de “número marcado”. Sobre o sistema numérico em Kawaiwete (família Tupi-Guarani, tronco Tupi), os autores mostram que os números até quatro são simples, de 5 a 20 “referem aos dedos das mãos (5 a 10) e dos pés (10 a 20)”. Nas seções seguintes do artigo, os autores explicam que, combinados a nomes e a verbos, os numerais apresentam morfologia distinta. Por fim, tratam de argumentos nus, plurais, numerais e da distinção contável-massivo na referida língua.

O artigo “*Aspecto Gramatical em Paresi-Haliti (arawak): distribuição e significado*”, de Glauber Romling da Silva, versa sobre a distribuição, as características morfossintáticas e os significados dos morfemas de aspecto perfectivo e imperfectivo. O autor inicia seu artigo assumindo a

intenção de “explicar a lógica subjacente” a quatro generalizações relacionadas aos morfemas de aspecto na palavra verbal Paresi-Haliti (Arawak). Glauber Silva assume que sua análise para os morfemas *-tya*, *-ka*,  $\emptyset$  é “substancialmente diferente” de análises propostas por outros autores. Dentre várias outras características relacionadas a aspecto na língua analisada, Glauber Silva considera que as oposições [+PART] vs [-PART], [+BOUNDED] vs [-BOUNDED], propostas por Filip (1993) como tendência entre línguas naturais, constituem um problema quando são aplicadas em Pareci-Haliti, pois não permitem prever “eventos que sejam [-PART] e [-BOUNDED] ao mesmo tempo”. Segundo Glauber Silva, em Pareci-Haliti *hena* pode representar justamente um evento com essa configuração de traços. Após essa análise, na última seção do artigo, o autor explica que o morfema *heta* assemelha-se ao *conventional rules* de Smith (1997).

Raynice Geraldini Pereira da Silva apresenta em seu artigo “*Estrutura da Sentença em Mawé*” um panorama bastante amplo da estrutura da sentença nesta língua. Assim, trata do verbo transitivo, que “admite marcadores de pessoa do Grupo I, série ativa, e do Grupo II, série inativa, e recebe ainda os elementos relacionais [...]”, e do verbo intransitivo, possuidor de outro comportamento morfossintático relacionado à marcação de pessoa. Após distinguir os verbos transitivos e os verbos intransitivos quanto à marcação de pessoa, Raynice Silva analisa a oração transitiva e a oração intransitiva. Sobre a última, a autora apresenta dois tipos: a oração intransitiva ativa (Sa) e a oração intransitiva não ativa (So). Construções interrogativas, imperativas e a negação constituem as subseções seguintes no artigo de Raynice Silva. Sobre construções interrogativas, a autora mostra o uso de partículas e/ou palavras interrogativas. Para as imperativas, a autora menciona a presença de partículas imperativas e as distingue do exortativo, utilizando-se de características semânticas. Finalmente, para o caso da negação, Raynice Silva apresenta um conjunto de morfemas responsáveis por atribuir negação ao sintagma e/ou à sentença.

No último artigo do livro, “*Sistema fonológico do Cayapó do Sul (Panará-Jê)*”, Eduardo Alves Vasconcelos propõe – baseado em registros linguísticos produzidos entre o final do século XVIII e início do XX – uma

hipótese sobre o que foi o sistema fonológico do Cayapó do Sul. Antes de iniciar a análise fonológica pretendida, Vasconcelos sistematiza, em um conjunto de quadros, as análises grafemáticas para cada registro disponível sobre o Cayapó do Sul. Essa investigação busca identificar as oposições básicas e secundárias do sistema fonológico e, para tal objetivo, o autor propõe um sistema consonantal em que a oposição básica se dá entre obstruintes e soantes, oposição que fica evidente nas restrições fonológicas encontradas na *coda* silábica e nos *clusters*. Apesar dos limites impostos pelos registros, Vasconcelos propõe um sistema vocálico com 13 vogais, que tem como oposição básica oral vs. nasal, e como secundárias: grave vs. agudo e compacto vs. difuso. Tais oposições se mostram relevantes também para o licenciamento dos segmentos consonantais em *coda* e na formação dos *clusters*. Por fim, concluí que “o sistema fonológico apresentado nesta análise é uma hipótese norteada pela identificação das oposições da língua que outrora foi falada pelos Cayapó do Sul. Continua com lacunas, lacunas estas que evidenciam os limites impostos pela qualidade dos registros linguísticos”.

Este livro apresenta aos seus leitores um pouco da diversidade linguística sul-americana mencionada anteriormente e pretende servir como fonte de informação para linguistas, estudantes dos cursos de Letras e de Licenciatura Indígena, professores indígenas e demais interessados no tema aqui abordado.

*Angela Fabíola Alves Chagas*  
*Antonio Almir Silva Gomes*  
*Eduardo Alves Vasconcelos*

# Dos sons à escrita: proposta de ortografia para o Kuruaya a partir do estudo fonológico da língua

**ELISSANDRA BARRROS**

## 1. O início, a pausa e o retorno

**O**S KURUAYA VIVEM NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA, REGIÃO OESTE do Pará. A TI Curuaya está localizada na margem direita do rio Curuá, subfluente da bacia do Xingu. Nessa área os Kuruaya estão distribuídos entre três aldeias: Kuruatxi, Irinapãj e Kurua. A maior parte do grupo, contudo, vive na cidade de Altamira. Em 2008, eles formavam aproximadamente 12 famílias, constituídas pela união de Kuruaya com Xipaya, Juruna e não-índios.

Em 2006, comecei meu trabalho entre o povo. O objetivo era documentar e descrever a língua kuruaya, pertencente à família Munduruku, tronco Tupi, até então com quatro falantes conhecidos. Pouco antes de minha chegada faleceram Paulo Curuaia e Maria de Lurdes Curuaia (Paya), figuras importantes tanto pela sua fluência em Kuruaya quanto pelo conhecimento que tinham da memória do grupo.

Em novembro de 2008, fiz a primeira viagem a Altamira e procurei, por indicação da professora Carmen Rodrigues, Maria Xipaya, conhecida por ser a última falante da língua Xipaya, mas cuja mãe era kuruaya. Carmen Rodrigues já trabalhava há muito tempo com o xipaya e sabia que Maria Xipaya ainda lembrava um pouco a língua materna. Também cheguei a visitar Emília Curuaia (Kirinapãj), mas esta já estava bastante debilitada. Dadas às circunstâncias, minha pesquisa ficou focada em Maria Xipaya.

Durante as sessões de trabalho com Maria Xipaya, conheci seu marido, Alberto Curuaia (Nāj), filho de pais Kuruaya. Em muitas ocasiões notei que Nāj murmurava as palavras em Kuruaya, antes mesmo de Maria Xipaya. Foi então que fiz o convite para trabalharmos juntos. Após algumas sessões com Nāj, constatei que seu domínio do Kuruaya era maior que o de Maria Xipaya. Além disso, ele preservava melhor a pronúncia de sons kuruaya, como [ŋ, ð, ʔ]. Maria Xipaya sempre dizia: *“Pergunta pro Nāj, ele sabe tudinho. Eu num consigo fazer que nem ele, minha língua não dá mais”*. Entre 2006 e 2008 fiz três viagens a Altamira, período em que gravei listas lexicais, enunciados curtos e cantos. Na última viagem, Nāj me contou que estava lembrando uma narrativa. Pedi para registrarmos, mas ele disse que somente gravaríamos quando conseguisse narrar tudo em Kuruaya. Não houve tempo, em junho de 2008 Nāj nos deixou. Kirinapāj também havia falecido no início do mesmo ano.

Com a morte de Nāj, Maria Xipaya ficou bastante abalada, o que impossibilitou a continuação do estudo linguístico. A partir dos dados levantados até então elaborei minha dissertação sobre as *“Estruturas fonéticas e fonológicas de vogais e consoantes da língua kuruaya”*, defendida em 2009. Infelizmente, não pude cobrir mais aspectos da fonologia.

Logo após a morte de Nāj, Maria Xipaya decidiu mudar-se para a TI Xipaya, localizada as margens do rio Iriri, local onde ela nasceu e foi criada. Retornei a Altamira em 2010, mas não encontrei Maria Xipaya, que estava na Aldeia. Em fevereiro de 2014, fui convidada pela Secretaria Municipal de Educação de Altamira para participar de uma oficina cujo objetivo era discutir a produção de materiais didáticos para os povos indígenas da região, entre eles os Kuruaya. Reencontrei Maria Xipaya nesse evento. Embora algumas vezes seja triste *“falar na gíria”*, como ela costuma dizer, Maria Xipaya acompanhou os professores xipaya e kuruaya durante os dias do evento e ajudou a tirar muitas dúvidas surgidas sobre as línguas. Ela foi uma das maiores incentivadoras para a produção de materiais em xipaya e kuruaya.

O Xipaya já possuía uma ortografia, mas era necessário discutir com todos uma proposta ortográfica para o Kuruaya. As discussões resultaram na proposta inicial de ortografia para o Kuruaya, que ora descrevo.

## 2. Aspectos gerais

Aspectos da fonologia da língua kuruaya foram tratados em Costa (1998), Picanço (2005), Mendes (2007) e Barros (2008, 2009). Entre os autores há divergência quanto à oposição fonológica entre [o] e [ɔ] e o *status* fonológico de [dʒ], [n] e [ð]. Através de medições e análises acústicas, Barros (2009) comprovou que [dʒ] é uma variante de /d/ em contextos específicos. A análise acústica também foi utilizada pela autora para verificar a dispersão de [o] e [ɔ] no espaço acústico, o que ajudou a demonstrar o *status* fonológico de /o/ e /ɔ/. Quanto ao [ð], este parece ser realmente uma variante da lateral [l] (COSTA, 1998; BARROS, 2009). O [n] é uma variante de /d/ em contexto oral, mas mantém seu *status* fonológico em posição de coda silábica.

Não foram realizados estudos mais detalhados sobre o acento na língua. Para Costa (1998, p. 36), o acento em Kuruaya recai, invariavelmente, na última sílaba do vocábulo, não havendo, por isso, necessidade de acentuá-la. Considerando a afirmação do autor, os exemplos não foram acentuados e devem ser lidos com o acento na sílaba final.

## 3. Vogais

### 3.1. Vogais orais

O Kuruaya possui dez fonemas vocálicos – seis vogais orais /i, ɨ, o, e, ɔ, a/ e quatro nasais /ĩ, õ, ê, ã / (PICANÇO, 2005; BARROS, 2009).

(01)	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i ĩ	ɨ	o õ
Médias <sup>1</sup>	e ê		ɔ
Baixas		a ã	

Contudo, a língua distingue somente seis qualidades vocálicas, exemplificadas abaixo:

(02)	/i/	[i]	/takíp/	'quente'
			/odipi/	'avó'

(03)	/e/	[ɛ]	/etʃetek/ /korapepe/	‘puxar’ ‘facão’
(04)	/i/	[i]	/eliptip/ /opi/	‘folha de tabaco’ ‘coluna’
(05)	/a/	[a]	/ekap/ /toropa/	‘passar’ ‘bacuri’
(06)	/o/	[o]	/ekop/ /etʃepo/	‘descer’ ‘vai deitar’
(07)	/ɔ/	[ɔ]	/ibepot/	‘filhote’

O kuruaya não apresenta oposição oral x nasal para todas as vogais, conforme descrito por Costa (1998), Picanço (2005) e Barros (2009).

(08) Vogais orais	(09) Vogais nasais
/i/    /i/    /o/	/ĩ/        /õ/
/e/        /ɔ/	/ẽ/
/a/	/ã/

Quanto à distribuição das vogais orais, a vogal baixa /a/ e as altas /i/ e /i/ possuem apenas um fone [a, i, i], respectivamente, que podem formar sílaba isoladamente (10), (12) ou com consoante (11, 13-15), sempre ocupando a posição de núcleo silábico.

### **/ a / → [a]**

(10)	[akip]	/akip/	‘piolho’
(11)	[marɛw]	/marew/	‘morcego’

### **/ i / → [i]**

(12)	[ihi]	/ihi/	‘macaco da noite’
(13)	[putip]	/potip/	‘peixe’

/ i / → [i]

- (14) [pɨj] / pɨj / 'cobra'  
 (15) [ɛ̃nɛ̃pirik̃] / edãpirik / 'moquear'

Para escrever as vogais /a, i, i/ utilizamos os símbolos <a, i, y>. Dessa forma, temos:

	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
(16)	/akip/	akip	[a'kip]	'piolho'
(17)	/ihi/	ihi	[i'hi]	'macaco da noite'
(18)	/pɨj/	pyj	[pɨj]	'cobra'

A vogal média anterior /e/ pode ser realizada como [e] ou [ɛ], embora na fala espontânea os consultores tendessem a pronunciar com mais frequência a vogal [ɛ]. Diante do glide /j/ somente [e] é possível. A seguir apresento a sistematização da ocorrência de [e]:

- (19) /e/ → [e] / \_ [j] [wej] /wej/ 'perna'  
 (20) /e/ → [ɛ ~ e] / n.d.a. [etfejo] ~ [etfejo] /etfejo/ 'bebe'

Note que em (20) há duas possibilidades para a pronúncia do /e/ no início da palavra. Contudo, na ortografia o fonema /e/ será grafado como <e>. A regra de realização fonética de [e] seguido por glide deve ser observada. Note no exemplo (21) que somente há alternância entre [ɛ] e [e] no início da palavra, a segunda ocorrência de [e] não alterna, dada a presença do glide.

	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
(21)	/etfejo/	etxeju	[etfejo] ~ [etfejo]	'bebe'

Na região posterior, o Kuruaya possui duas vogais: a média /ɔ/ e a alta /o/. A vogal /o/ pode ser realizada livremente como [o] ou [u], como demonstrado nos dados (22), em que as vogais [o] e [u] alternam-se em início de palavra. Nesse contexto vale ressaltar que embora seja possível e aceitável pelos falantes o emprego do [o], estes tendem a utilizar a forma [u].

(22) /o/ → [o ~ u]

[utaðap] ~ [otaðap] /otalap/ 'sobrancelha'

[uba] ~ [oba] /oba/ 'braço'

Em (23) temos exemplos de alternância livre entre [o] e [u] em outros contextos.

(23) /o/ → [o ~ u]

[putip] ~ [potip] /potip/ 'peixe'

[karurɛ] ~ [karorɛ] /karore/ 'taboca'

A vogal média posterior /ɔ/ é realizada como [ɔ], como em (24):

(24) /ɔ/ → [ɔ]

[ðadetɔ] /ladetɔ/ 'catitu'

[hɔj] /ɔj/ 'espinho'

Em se tratando da ocorrência de [ɔ], [o] e [u] em Kuruaya, podemos notar a alternância seguinte:

(25) /ɔ/ → [ɔ ~ o] [darakɔ] ~ [darako] /darako/ 'saracura'

[bɔɔ] ~ [bɔro] /bɔɔ/ 'onda'

/o/ → [o ~ u] [ajuru] ~ [ajoro] /ajoro/ 'raposa'

[turupa] ~ [toropa] /toropa/ 'bacuri'

Não nos foi possível determinar a causa exata desse fenômeno. Parece haver em kuruaya a seguinte alternância [ɔ] → [o], [o] → [u], esquematizada em (26).

(26)	Média	o	Alta	u
		↑		↑
	Baixa	ɔ	Média	o

A seta marca a direção única da mudança, de uma vogal mais baixa para uma mais alta. Essa direção também indica que não é permitido em Kuruaya [ɔ] ser realizado como [u] ou, contrariamente, [o] ser realizado como [ɔ]. Isso nos permite concluir que quando há alternância entre [o] e [u], ou [ɔ] e [o], temos sempre o fonema subjacente /o/ para o primeiro par, e /ɔ/, para o segundo.

Para a ortografia discutimos qual seria o melhor símbolo para representar os fonemas /o/ e /ɔ/, considerando-se o esquema acima. Embora, fonologicamente, não ocorra a vogal alta posterior, a letra <u> é a que melhor representa o fonema /o/ em kuruaya, dada a alternância entre [o] e [u]. O fonema /ɔ/, que alterna entre [ɔ] e [o], é representado pela letra <o>. Para a escolha das letras representativas, a regra observada em (26) foi fundamental. Assim, nunca teremos /ɔ/ representado pela letra <u>, como também não há ocorrências do fone [u] quando utilizamos a letra <o>.

(27)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/ɔ/	/darakɔ/	darako	[darakɔ] ~ [darako] 'saracura'
		/bɔrɔ/	boro	[bɔrɔ] ~ [bɔro] 'onda'
	/o/	/ajoro/	ajuru	[ajuru] ~ [ajoro] 'raposa'
		/toropa/	turupa	[turupa] ~ [toropa] 'bacuri'

### 3.2. Vogais Nasais

O Kuruaya possui uma série de quatro vogais nasais /ĩ/, /ẽ/, /ã/, /õ/:

/ĩ/	[ĩ]	/tĩtĩʔa/	'maracá'
/ẽ/	[ẽ]	/tẽʔa/	'quarto de animal'
/ã/	[ẽ]	/okãʔa/	'seio'
/õ/	[õ]	/õŋʔa/	'joelho'

As nasais /ã/ e /ĩ/ possuem apenas a realização fonética [ẽ] e [ĩ]:

**/ã / → [ẽ]**

(28) [pẽwẽ] /pawã/ 'banana'

**/ĩ / → [ĩ]**

(29) [ẽwĩ] /ɛwĩ/ 'pau d'arco'

Já as vogais /õ/ e /ẽ/ possuem duas formas de realização cada. A nasal /õ/ pode ser produzida livremente na região posterior como [õ] ou [ũ] (30); enquanto a nasal /ẽ/ apresenta dois fones, [ẽ] e [ẽ̃], em flutuação (31):

**/õ / → [õ ~ ũ]**

(30) [ĩtõre] ~ [ĩtũre] / itõre / 'torto'

**/ẽ / → [ẽ ~ ẽ̃]**

(31) [tẽʔa] ~ [tẽ̃ʔa] / tẽʔa / 'morto'

Na ortografia utilizamos o <~> para indicar que a vogal é nasal. Efeitos de nasalidade decorrentes do contexto nasal não são marcados.

(32)	Fonema	Ortografia	Pronúncia		
	/ itõre /	itõre	[ĩtõre]	~	[ĩtũre] 'torto'
	/ tẽʔa /	tẽ'a	[tẽʔa]	~	[tẽ̃ʔa] 'morto'

## 4. Consoantes

A língua Kuruaya possui 17 fonemas consonantais (BARROS, 2009). Tais fonemas distribuem-se em cinco pontos de articulação (labial, alveolar, palatal, velar e glotal) e cinco modos de articulação (oclusivo, nasal, fricativo, lateral e aproximante). A seguir apresento o inventário fonêmico<sup>1</sup>

1. Em Barros (2009) propus uma classificação das consoantes do Kuruaya embasada em seu

das consoantes do Kuruaya. A representação ortográfica é representada abaixo dos fonemas.

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
<b>Oclusivas</b>	/p/ /b/	/t/ /d/	/tʃ/	/k/	
	p b	t d	tʃ	k	
<b>Nasais</b>	/m/	/n/		/ŋ/	
	m	n		ŋ	
<b>Fricativas</b>		/s/	/ʃ/		
		s	ʃ		
<b>Lateral</b>		/l/			
		l			
<b>Aproximantes</b>	/w/	/r/	/j/	/ʔ/	/h/
	w	r	j	ʔ	h

#### 4.1 Oclusivas

A língua Kuruaya apresenta um conjunto de seis consoantes oclusivas /p, b, t, d, tʃ, k/, que são distintas considerando-se o ponto em que se dá a oclusão, e a ausência /p, t, tʃ, k/ ou presença /b, d/ do vozeamento.

**/p/ Oclusiva bilabial surda:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. No início da sílaba é sempre [p], mas no final é uma consoante não explodida, [pʰ]. Na ortografia o fonema /p/ é grafado como <p>.

(33)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/potip/	putip	[potipʰ]	‘peixe’
/p/	/ɛkop/	ekup	[ɛkopʰ]	‘descer’
	/pij/	pij	[pij]	‘cobra’

**/t/ Oclusiva alveolar surda:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. No início da sílaba é sempre [t], mas no final é uma consoante não explodida, [tʰ]. Na ortografia o fonema /t/ é grafado como <t>.

---

comportamento fonológico. Nesse sentido, oclusivas e africadas constituem uma única classe. As glotais /ʔ, h/ e a vibrante /r/, ao lado da labial /w/ e da palatal /j/, constituem a classe das aproximantes.

(34)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/takip/	takip	[takip']	'quente'
/t/	/edot/	edut	[edot']	'chamar, vir'
	/toj/	tuj	[toj]	'sangue'

**/k/ Oclusiva velar surda:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. No início da sílaba é sempre [k], mas no final é uma consoante não explodida, [k']. Na ortografia o fonema /k/ é grafado como <k>.

(35)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/korekore/	kurekure	[kurekure]	'sapo'
/k/	/iperek/	iperek	[iperek']	'amarelo'
	/kodepa/	kudepa	[kudepa]	'pássaro bico de agulha'

**/tʃ/ Oclusiva palatal surda:** ocorre somente no início da sílaba. Na ortografia o fonema /tʃ/ é grafado como <tx><sup>2</sup>.

(36)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/tʃawap/	txawap	[tʃawap']	'comida'
/tʃ/	/tʃoʔa/	txu'a	[tʃoʔa]	'morro'
	/apatʃi/	apatxi	[apatʃi]	'jacaré'

**/b/ Oclusiva bilabial sonora:** ocorre somente no início da sílaba. Na ortografia o fonema /b/ é grafado como <b>

(37)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/bajo/	baju	[bajo]	'pai'
/b/	/baro/	baru	[baro]	'coruja'
	/tobia/	tubia	[tubia]	'ovo'

2. Essa opção pela forma ortográfica <tx> levou em consideração também a grafia existente para a língua xipaya. Como muitos kuruaya também são xipaya e terão acesso aos materiais produzidos nas duas línguas, procuramos, sempre que possível, utilizar as mesmas letras para representar os mesmos fonemas.

**/d/ Oclusiva alveolar sonora:** em kuruaya o fonema /d/ possui várias realizações. Barros (2009) apresenta uma análise de todas as realizações de /d/. De forma geral, este fonema passa por algum processo de palatalização quando antecedido ou sucedido por [i], exemplos (39) e (40). Com as demais vogais orais /d/ é realizado como [d], (38). Diante das nasais /ã, ê, õ/ o fonema /d/ é realizado como [n], (41). Contudo, em processo análogo ao que ocorre com a vogal oral [i], [n] passa por algum processo de palatalização de quando antecedido ou sucedido por [ĩ], (42) e (43). As regras de alofonia para o fonema /d/ são apresentadas abaixo.

(38) /d/ → [d] / \_\_V - [i] [ðade] /lade/ 'porco'

(39) /d/ → [dʒ] / \_ [i] [kadʒi] /kadi/ 'sol'

(40) /d/ → [dʲ] / [i] \_ [kidʲap] /kidap/ 'veado'

(41) /d/ → [n] / \_\_Ṽ - [ĩ] [tẽnẽ] /tadẽ/ 'rato'

(42) /d/ → [ɲ] / \_ [ĩ] [ĩɲĩ] /idĩ/ 'rede'

(43) /d/ → [nʲ] / \_ [ĩ] [ĩɲēmõŋ] /idãmõŋ/ 'cheio'

A escolha do símbolo ortográfico para /d/ foi bastante discutida. Mesmo reconhecendo as realizações de /d/, foi difícil para os kuruaya visualizarem a possibilidade de um único símbolo para tantas realizações. Além disso, como a nasal /n/ é fonema em kuruaya, a escolha de <d> como a representação gráfica para todas essas realizações tornaria a escrita muito distanciada do uso da língua. Assim, 'rede' [ĩɲĩ], seria <idĩ> na ortografia. A solução encontrada foi utilizar <d> para as realizações orais do fonema /d/, ou seja, [d], [dʲ] e [dʒ]; e <n> para as realizações nasais de /d/: [n], [nʲ] e [ɲ]. Assim, temos:

	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
(44)	/lade/	lade	[ðadɛ]	‘porco’
(45)	/kadi/	kadi	[kadʒi]	‘sol’
(46)	/kidap/	kidap	[kid <sup>h</sup> ap <sup>h</sup> ]	‘casa’
(47)	/tadê/	tanê	[tɛ̃nɛ̃]	‘rato’
(48)	/idĩ/	inĩ	[ĩɲĩ]	‘rede’
(49)	/idãmõŋ/	inãmong	[ĩɲɛ̃mõŋ]	‘cheio’

#### 4.2. Nasais

Há três fonemas consonantais nasais em kuruaya: /m, n, ŋ/. Elas se distinguem quanto ao ponto de articulação em labial, alveolar e velar.

**/m/ Nasal bilabial:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. Na ortografia o fonema /m/ é grafado como <m>.

(50)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/maradi/	maradi	[maradʒi]	‘cana-de-açúcar’
/m/	/kumarataja/	kumarataja	[kūmarataja]	‘gingibre’
	/irêm/	irêm	[iřêm]	‘verde’

**/n/ Nasal alveolar:** ocorre somente no final da sílaba. Em início de sílaba [n] é uma variante do fonema /d/, como explicado anteriormente. Na ortografia utilizamos <n> para grafar o fonema /n/, além das variantes nasais de /d/, (47-49), acima.

(51)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
/n/	/ajkõn/	ajkõn	[ãj <sup>h</sup> kõn]	‘banco’
	/karin/	karin	[karin]	‘mucum’

**/ŋ/ Nasal velar:** ocorre somente no final da sílaba. Na ortografia o fonema /ŋ/ é grafado como <ng<sup>3</sup>>.

3. Outra opção discutida foi o grafema <ḡ> para indicar o fonema nasal /ŋ/. Mas os kuruaya acharam mais complicado utilizar esta grafia e optaram pela forma <ng>.

(51)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/n/	/lõŋ/	lõng	[ðõŋ] ‘pulga’
		/otʃetajbiŋ/	utxetajbing	[utʃetajbiŋ] ‘aprender’

#### 4.3. Fricativas

Em Kuruaya os fonemas fricativos ocorrem somente em posição inicial de sílaba. Essas fricativas são detalhadas a seguir.

**/s/ Fricativa alveolar surda:** possui apenas uma realização fonética: [s]. Na ortografia o fonema /s/ é grafado como <s>.

(52)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/kusi/	kusi	[kusi]	‘babaçu’
	/s/	/sirak/	sirak	[sirakʰ] ‘goma de tapioca’
		/isalo/	isalo	[isaðɔ] ‘peixe piau’

**/ʃ/ Fricativa palatal surda:** possui apenas uma realização fonética: [ʃ]. Na ortografia o fonema /ʃ/ é grafado como <x>.

(53)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/ife/	ixe	[ife]	‘banha, gordura’
	/S/	/laxa/	laxa	[ðaxa] ‘fogo’

#### 4.4. Lateral alveolar

Barros (2009) apresenta a lateral /l/ no quadro fonológico da língua. Picanço (2005) afirma que essa consoante tem a característica de variar foneticamente entre a lateral [l] e a interdental [ð], o que também foi observado por Barros (2009). A escolha do símbolo ortográfico para identificar o fonema /l/ foi motivo de discussão. Ao final, os kuruaya optaram pelo uso de <l>, embora não tenha havido consenso.

(54)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/lariwa/	lariwa	[ðariwa ~ lariwa]	‘mucura’
/l/	/wali/	wali	[waði ~ wali]	‘meu chapéu’
	/isalb/	isalo	[isaðɔ ~ isalɔ]	‘aracu’

#### 4.5. *Aproximantes*

O inventário fonêmico do Kuruaya possui as aproximantes /w, j, r, ʎ, h/, considerando-se que sons aproximantes são aqueles produzidos por uma aproximação aberta dos articuladores, com passagem de ar central, de modo que nenhum barulho ou fricção seja produzido (ABERCROMBIE, 1967, p. 50). Picanço (2005), afirma que em Kuruaya segmentos [+sonorantes] assimilam a nasalidade, por isso as aproximantes do Kuruaya têm os fones [w, j, r, ʎ, h] em contexto oral e são realizadas, respectivamente, como [w̃, j̃, r̃, ʎ̃, h̃], em contexto nasal.

**/w/ aproximante bilabial:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. Na ortografia o fonema /w/ é grafado como <w>.

(55)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/we/	we	[we]	‘capivara’
/w/	/obɨkiw/	ubykiw	[obɨkiw]	‘falta de sorte’

**/j/ aproximante palatal:** pode ocorrer no início ou no final da sílaba. Na ortografia o fonema /j/ é grafado como <j>.

(56)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/jotop/	jotop	[jotop̃]	‘marido’
/j/	/akaj/	akaj	[akaj]	‘cajá’

**/r/ aproximante alveolar:** não ocorre no início da palavra, mas somente entre vogais. Na ortografia o fonema /r/ é grafado como <r>.

(57)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/arie/	arie	[arie]	'lagarta'
	/r/	/iperek/	iperek	[iperek']
				'amarelo'

**/ʔ/ aproximante glotal surda:** ocorre somente em início de sílaba. Na ortografia o fonema /ʔ/ é grafado como <'>.

(58)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/ʔip/	'ip	[ʔipʰ]	'pau, árvore'
	/ʔ/	/putipʔa/	putip'a	[putipʰ'a]
				'pescada'

**/h/ aproximante glotal sonora:** não ocorre, fonologicamente, em início de palavra, embora possa ocorrer nessa posição de forma opcional, se a palavra for iniciada por vogal. Contudo, isso não é marcado na escrita. Na ortografia o fonema /h/ é grafado como <h>.

(59)	Fonema	Ortografia	Pronúncia	
	/ɔʔi/	o'ip	[hɔʔi ~ ɔʔi]	'taboca'
	/h/	/oʔa/	u'a	[huʔa ~ uʔa]
				'cabeça'

## 5. O alfabeto

Com base na fonologia da língua e nas discussões realizadas com os kuruyaya, o alfabeto ficou composto por 21 letras, que representam os 23 fonemas, sendo seis vocálicos e 17 consonantais.

### ALFABETO KURUAYA

A a	B b	D d	E e	H h	I i	J j	K k	L l	M m	N n
/a/	/b/	/d/	/e/	/h/	/i/	/j/	/k/	/l/	/m/	/n/
O o	P p	R r	S s	T t	U u	W w	X x	Y y	'	
/ɔ/	/p/	/h/	/s/	/t/	/o/	/w/	/ʃ/	/i/	/ʔ/	

A diferença entre o número de letras e fonemas é decorrente das combinações <tx> e <ng>, representando os fonemas /tʃ/ e /ŋ/, respectivamente. As vogais nasais são representadas com o acréscimo do <~>: ãa, ãe, ãi, õõ.

## 6. Considerações

O kuruaya é uma língua em vias de extinção. Seus registros não são suficientes para um trabalho de “revitalização”, dada à ausência de falantes fluentes. Contudo, este povo se empenha em registrar e conservar o pouco da memória linguística do grupo. Assim, construir a ortografia da língua foi um passo importante, principalmente para os professores indígenas que agora podem homogeneizar a escrita das palavras kuruaya, até então realizada de forma intuitiva. Ainda serão realizadas oficinas para que os kuruaya possam compreender melhor a ortografia. Talvez algumas alterações ainda sejam necessárias para facilitar a escrita e/ou aproximá-la do uso. Acredito que mais do que fazer a ortografia, o mérito aqui é o de despertar o interesse pelo conhecimento da língua e de proporcionar que esta chegue às escolas kuruaya.

## Referências

- ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics*. Edinburgh University Press, 1967.
- BARROS, E.S. Fonologia da Língua Kuruaya: distribuição e dispersão das vogais orais. *Anais do SETA*, Campinas, v. 2, p. 471-476, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estruturas Fonéticas e Fonológicas de Vogais e Consoantes da Língua Kuruaya*. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- COSTA, R. N. V. *Fonologia da Língua Kuruaya*. 1998. 65 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.
- MENDES, D.G.J. *Comparação Fonológica do Kuruáya com o Mundurukú*. 2008. 66f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- PICANÇO, G. L. *Mundurukú: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony*. 2005. 410f. Tese (Doutorado) - University of British Columbia, 2005.

# FORMAÇÃO DO VERBO IKPENG<sup>4</sup>

ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS

## 1. Introdução

**A** LÍNGUA IKPENG, AO LADO DO BAKAIRI E DO ARARA DO PARÁ, faz parte do ramo Pekodiano das línguas Karib do sul (MEIRA; FRANCHETTO, 2005). É falada por cerca de 500 pessoas que vivem em quatro aldeias (Moygu, Arayo, Rawo e Tupara) na região do médio Xingu, no estado do Mato Grosso.

O objetivo deste capítulo é descrever a formação dos verbos na língua Ikpeng. Mostraremos que os verbos podem ser gerados (com o acréscimo de morfologia) tanto a partir de raízes sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ), quando derivados de raízes categorizadas, como nomes (N) e adjetivos (A). Apresentaremos também os morfemas verbalizadores, que quando unidos a uma raiz ( $\sqrt{\quad}$ , N ou A) dão origem aos diferentes tipos de verbos encontrados nessa língua, como transitivos, inergativos e inacusativos. Mostraremos também os morfemas envolvidos nos processos de mudança (aumento e diminuição) de valência e na causativização.

De acordo com Beard (2001, p. 2), três principais teorias sobre a derivação surgiram recentemente na literatura linguística: (i) uma que a considera como uma forma de seleção lexical; (ii) outra que a vê como uma operação ou grupo de operações, ou seja, um morfema derivacional não é considerado um “objeto selecionado”, mas sim um processo de

---

4. Este artigo é uma adaptação do capítulo II da tese de doutorado intitulada “O Verbo Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical”, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP em agosto de 2013.

inserção ou reduplicação de afixos; e (iii) outra que a considera como um grupo de relações lexicais paradigmáticas estáticas.

A primeira delas, que adotamos neste trabalho, argumenta em favor de uma “sintaxe da palavra”, afirmando que estas possuem uma estrutura hierárquica interna, composta por: especificador, núcleo e complemento, semelhante à estrutura das orações. Nesta concepção, os afixos estão em condições de igualdade com os radicais, no que diz respeito ao seu conteúdo fonológico, gramatical e semântico. Por esse motivo, os afixos – assim como os radicais – também podem funcionar como núcleos de uma estrutura. Nas teorias da sintaxe da palavra, o núcleo (mesmo quando ele é um afixo) é o que determina a categoria gramatical da palavra derivada (LIEBER, 1992; HALE; KEYSER, 2002).

Neste trabalho, para explicarmos a formação dos verbos Ikpeng, adotaremos a proposta teórica de Hale & Keyser (2002), para quem a formação de um verbo se dá através de relações hierárquicas e estruturais mantidas entre os núcleos e seus argumentos com as estruturas sintáticas projetadas pelos itens nucleares (p.1).

Antes de apresentarmos os dados, é importante mencionar que nos apropriamos da noção de raízes não categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ), tal como previsto na Teoria da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; HALLE, 1997; HARLEY; NOYER, 1999,) que surgiu como proposta alternativa ao Lexicalismo de Chomsky (1970). Na proposta lexicalista, a formação das palavras e a formação das sentenças eram vistas como processos distintos. Nessa perspectiva, os vocábulos ficam armazenados no Léxico (de onde saem já com uma categoria gramatical específica) e servem de *input* para sintaxe. Esse modelo prevê duas computações distintas: uma para gerar palavras e outra para gerar sentenças.

A proposta da Morfologia Distribuída (MD) é de que a formação das palavras, bem como das sentenças, se dá a partir das mesmas operações sintáticas. Na visão da MD, a sintaxe não opera com palavras extraídas do Léxico e sim com traços abstratos que sofrem operações sintáticas que dão origem a unidades lexicais que, por sua vez, sofrem as mesmas operações para dar origem às sentenças. Ou seja, em princípio, não há entradas lexicais formadas e armazenadas no Léxico.

Nessa proposta teórica, as raízes não são categorizadas, o que acontecerá apenas na derivação, assim, uma dada raiz pode dar origem a palavras de diferentes categorias gramaticais, como: nomes, verbos, adjetivos. Mostraremos na seção seguinte que a proposta da MD referente à existência de raízes não categorizadas pode ser aplicada à língua Ikpeng.

## 2. Raízes Não-Categorizadas Ikpeng

Fizemos uso na noção de raízes não-categorizadas porque, como pode ser visto nos exemplos abaixo, grande parte das palavras da língua Ikpeng parecem ser formadas a partir de raízes sem categoria gramatical que quando combinadas a uma morfologia específica (verbal, nominal, adjetiva) dá origem a unidades sintáticas. Para exemplificarmos, apresentamos abaixo algumas raízes recebendo diferente morfologia categorizadora que dá origem a palavras de diferentes classes gramaticais na língua analisada:

### (01) Formação de Palavras a partir da Raiz $\sqrt{\text{agin}}$ :

a. agin-gem:	'doente'	(nome)
b. agin-te	'adoecer'	(verbo)
c. agin-ke	'curar'	(verbo)

### (02) Formação de Palavras a partir da Raiz $\sqrt{\text{akp}}$ :

a. akp-o	'água, lagoa'	(nome)
b. akp-i	'beber'	(verbo)
c. akp-ĩlĩ	'molhar'	(verbo)

### (03) Formação de Palavras a partir da Raiz $\sqrt{\text{ang}}$ :

a. ang-a	'buraco'	(nome)
b. ang-keni	'cavador, fazedor de buraco'	(nome)
c. ang-e	'cavar, esburacar'	(verbo)

### (04) Formação de Palavras a partir da Raiz $\sqrt{\text{eng}}$ :

a. eng-ru	'olho'	(nome)
b. en-eng	'ver'	(verbo)

c. eng-kĩ	'dormir'	(verbo)
d. eng-ke	'acordar'	(verbo)
e. eng-uke	'lembrar'	(verbo)
f. eng-po	'cegar, ficar cego'	(verbo)

Segundo Hale & Keyser (2002), que também adotam a noção de elementos acategoriais, são as raízes que carregam os traços semânticos e fonológicos de um determinado item lexical.

Como pode ser observado, com os exemplos acima, essa proposta pode ser aplicada às raízes da língua Ikpeng, pois embora não participem de nenhuma categoria gramatical, elas são unidades fonológicas dotadas de traços semânticos, de modo que cada uma delas deriva grupos de palavras com significados relacionados. A categorização dessas raízes (morfemas lexicais), bem como a sua realização fonética, depende da ocorrência de morfemas categorizadores (funcionais) que determinam a sua participação em uma dada classe gramatical.

### 3. Formação dos Verbos Ikpeng

Os verbos Ikpeng são o resultado da combinação de um categorizador verbal (morfema funcional) com uma raiz sem categoria sintática (morfema lexical - ( $\sqrt{\quad}$ )), ou com um nome (N), ou com um adjetivo (A). Os morfemas usados para formar verbos a partir de raízes sem categoria gramatical são os mesmos encontrados na derivação de verbos a partir de outras categorias gramaticais (como nomes e adjetivos), por isso, os chamaremos genericamente de 'verbalizadores' (vblz), uma vez que sua função é transformar um item lexical (não-categorizado, nominal, adjetivo) em verbo. Os verbalizadores Ikpeng podem ser fonologicamente realizados ou nulos. Até o presente momento foi possível identificar os seguintes morfemas verbalizadores nessa língua:  $\{-\emptyset\}$ ;  $\{-ge\}$ ;  $\{-ke\}$ ;  $\{-me\}$ ;  $\{-pang\}$ ;  $\{-te\}$ ;  $\{-tong\}$ ; e  $\{-m\}$ .

Ao que pode ser observado, não há distribuição desses morfemas quanto à valência verbal, isto é, não há um grupo de morfemas que forme exclusivamente verbos transitivos e outro que forme verbos intransitivos, o que de acordo com a proposta de Hale & Keyser (2002) significa que eles não pertencem a uma única estrutura argumental. Há, porém,

morfemas responsáveis pelo aumento ou diminuição da valência de um tema verbal já categorizado, como será mostrado na seção 4.

É possível atribuir traços semânticos para determinados verbalizados, uma vez que alguns deles formam verbos com sentidos relacionados<sup>5</sup>. Por exemplo, o morfema {-pang}, quando agregado a nomes, parece formar verbos que indicam que o argumento (S) intransitivo ou (P) transitivo “ficou com ou adquiriu” o elemento codificado pelo nome. Observe os exemplos abaixo, com suas respectivas paráfrases:

(5.a) *Ekiri-pang*: ‘envelhecer’ (ficar com/ter velhice)

velho-VBLZ

(5.b) *Gekeripangli*

g-ekeri-pang-li

1S-velho-vblz-PAS.IM

‘Eu envelheci’

(6.a) *Mreyum-pang*<sup>6</sup>: ‘casar’ (ficar com/ter marido)

marido-VBLZ

(6.b) *Kotmreyumpangli*

k-ot-mreyumpang-li

1S-intr- casar -PAS.IM

‘Eu me casei’

(7.a) *Ymuyeng-pang*<sup>7</sup>: ‘casar’ (ficar com/ter esposa)

esposa-VBLZ

(7.b) *Kotximuyengpangli*

k-ot-imuyengpang-li

1S-intr-casar-PAS.IM

‘Eu me casei’

5. Agradeço ao professor Sérgio Meira que, em comunicação pessoal, chamou minha atenção para esse fato, mostrando-me que análise semelhante era possível para a língua Bakairi, também pertencente à família Karib.

6. Fala feminina.

7. Fala masculina.

O morfema {-ke}, que se realiza como {-k} depois de vogal, parece formar verbos que indicam que algo é retirado de alguma coisa ou de alguém, isto é, que uma entidade perdeu alguma coisa ou propriedade. Observe os exemplos, com suas respectivas paráfrases.

(8.a) *Igra-ke*: ‘espremer’ (ficar sem/tirar o caldo, o sumo, o suco)  
√-VBLZ

(8.b) *Yigrakeli* tariwe  
*y-igrake-li* tariwe  
1A/3P-espremer-PAS.IM mandioca  
‘Eu espremi a mandioca’

(9.a) *Ip-ke*: ‘descascar’ (ficar sem/tirar a casca)  
√-VBLZ

(9.b) *Yipkeli* tariwe  
*y-ipke-li* tariwe  
1A/3P-descascar-PAS.IM mandioca  
‘Eu descasquei a mandioca’

(10.a) *Mreyum-ke*: ‘separar, divorciar’ (ficar sem marido)  
marido-VBLZ

(10.b) *Imreyumkeli* petkom  
*i-mreyumke-li* petkom  
3S-separar-PAS.IM mulher  
‘A mulher se separou’

A maioria dos exemplos acima pode ser parafraseada de duas formas. A primeira delas ‘ficar sem x’ seria a leitura possível para a versão intransitiva dos verbos, enquanto que a segunda ‘tirar x’ é a interpretação para a forma transitiva.

Outro morfema que parece conter uma informação semântica é {-tong}, que possui o alomorfe {-rong} quando pós-vocálico. Esse morfema forma verbos que descrevem atividades que envolvem as mãos nas suas realizações:

- (11.a) *Ampugup-tong*: ‘pendurar, amarrar’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (11.b) Awrat        yampuguptongli  
awrat        y-ampuguptong-li  
rede        1A/3P-amarrar-PAS.IM  
‘Eu amarrei a rede’
- (12.a) *Enikpo-rong*: ‘tecer’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (12.b) Yenikporongli        kwapi  
y-enikporong-li        kwapi  
1A/3P-tecer-PAS.IM        esteira  
‘Eu teci a esteira’
- (13.a) *Ep-tong*: ‘semear, plantar’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (13.b) Yeptongli        maku        ali  
y-eptong-li        maku        ali  
1A/3P-semear-PAS.IM        algodão        semente  
‘Eu plantei as sementes de algodão’

Outro morfema que parece formar verbos com uma semântica específica é o verbalizador {-te}, que se realiza como {-re} depois de vogal. Esse morfema forma verbos que denotam mudança de estado dos argumentos (S) ou (P). Observe os exemplos abaixo:

- (14.a) *Agin-te*: ‘adoecer’        (ficar doente)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (14.b) Aginteli        ugwon  
 $\emptyset$ -aginte-li        ugwon  
3S-adoecer-PAS.IM        homem  
‘O homem adoeceu’
- (15.a) *Akolon-te*: ‘afundar’        (ficar afundado)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$

- (15.b) Akolonteli                      muy  
 Ø-akolonte-li                      muy  
 3S-afundar-PAS.IM              canoa  
 'A canoa afundou'
- (16.a) *Apko-re*: 'rachar, quebrar' (ficar rachado, quebrado)  
 √-VBLZ
- (16.b) Yapkoreli                      wayo  
 y-apkore-li                      wayo  
 1A/3P-quebrar-PAS.IM        cuia  
 'Eu quebrei a cuia'

Para os demais morfemas identificados na língua ({{-ge}; {-me}; e {-m}) não foi possível atribuir algum significado até o presente momento. Talvez com um maior número de exemplos, consigamos identificar se esses verbalizadores também formam verbos com significado pré-determinado ou não. Exemplificamos abaixo alguns verbos formados com os morfemas mencionados:

Verbos Formados com {-ge}:

- (17.a) *Kutpi-ge*: 'embelezar'  
 √-VBLZ
- (17.b) Kogutpigeli  
 ko-kutpige-li  
 1A/2P-embelezar-PAS.IM  
 'Eu embelezei você'
- (18.a) *Enpan-ge*: 'vestir'  
 √-VBLZ
- (18.a) Korenpangetkeli  
 k-ot-enpange-tke-li  
 1S-intr-vestir-iter-PAS.IM  
 'Eu me vesti'

## Verbos Formados com {-me}:

(19.a) *Agri-me*: ‘fazer/ter/sentir sede’

√-VBLZ

(19.b)	Eramkum	agrimeli	ugwon
	e-ramku-m	∅-agrime-li	ugwon
	3-calor-gen	3A/3P-fazer.sede-PAS.IM	homem

‘O calor do homem fez sede nele’

(20.a) *Ano-me*: ‘ajudar’

√-VBLZ

(20.b) Kwanomeli  
 ko-anome-li  
 1A/2P-ajudar-PAS.IM  
 ‘Eu ajudei você’

## Verbos Formados com {-m}:

(21.a) *Aginu-m*: ‘chorar’

choro-VBLZ

(21.b) Gaginumli  
 g-aginum-li  
 1S-chorar-PAS.IM  
 ‘Eu chorei’

(22.a) *Ongyeto-m*: ‘sonhar’

√-VBLZ

(22.b) Gongyeto-li  
 g-ongyeto-li  
 1S-sonhar-PAS.IM  
 ‘Eu sonhei’

Os morfemas formadores de verbos são chamados por Hale & Keyser (2002) de ‘verbos leves’ e consistem em um núcleo (V) que, por ser desprovido de carga semântica suficiente para funcionar como um ‘verbo pleno’, necessitam de um complemento que pode ser uma raiz (√), um nome (N) ou um adjetivo (A) para a sua projeção lexical.

3.1. *Formação de Verbos a partir de Nomes*

Veremos abaixo alguns exemplos de derivação de verbos a partir da categoria de nomes. Esses verbos possuem a estrutura: [N-vblz].

É importante dizer que aqui estamos diante de um processo de recategorização, uma vez que temos inicialmente raízes não-categorizadas (morfemas lexicais) que recebem uma morfologia categorizadora (morfemas abstratos: funcionais) que pode ser nula ou fonologicamente realizada e que dará origem a nomes que só então receberão novos morfemas abstratos (funcionais) que gerarão verbos a partir das raízes categorizadas como nomes.

(23.a) √*aginu*-∅                      ‘choro’  
Rz-NMLZ

(23.b) *aginu*-m                      ‘chorar’  
choro-VBLZ

(23.c) *Aginumli*  
**∅-aginum-li**  
‘Ele chorou’

(24.a) √*muluk*-∅                      ‘catarro’  
Rz-NMLZ

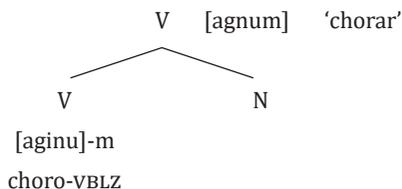
(24.b) *muluk-te*                      ‘tossir’  
catarro-VBLZ

(24.c) *Imulukteli*  
**i-mulukte-li**  
1S-tossir-PAS.IM  
‘Eu tossi’

(25.a) √*awi*-∅                      ‘arroto’  
Rz-NMLZ



Segunda Fase:



O que vemos acima é uma raiz nominal (N) sendo recategorizada como verbo a partir da operação *conflation*<sup>8</sup> que acontece no núcleo (V), quando esta passa a carregar o morfema verbalizador e a ter um comportamento verbal no léxico da língua. Isso é o que se supõe que ocorra com todos os verbos denominais em Ikpeng, seguindo a proposta de Hale & Keyser (2002).

### 3.2. Formação de Verbos a partir de Adjetivos

Apresentamos abaixo alguns exemplos da derivação de verbos a partir da categoria de adjetivos. Esses verbos possuem a estrutura: [A-vblz].

Nesses casos, também nos deparamos com recategorização, pois da mesma forma que os nomes, os adjetivos aqui apresentados são constituídos de um morfema lexical (raiz) e um morfema abstrato (categorizador), que dão origem a uma estrutura [ $\sqrt{\text{adjtz}}$ ], que posteriormente receberá a morfologia que os recategorizará como verbos.

(26.a)  $\sqrt{\text{irip}}-\emptyset$  'quente'  
Rz-ADJVZ

(26.b)  $\text{irip}-\emptyset$  'arder'  
quente-VBLZ

8. *Conflation* consiste na fusão do núcleo com seu complemento quando o primeiro for vazio ou fonologicamente defectivo, ou seja, um morfema zero ou um afixo, respectivamente (HALE; KEYSER, 2002).

- (26.c) Pugu            ĩrĭpnoplĭ                            eperin  
 pugu            Ø-ĭrĭp-nop-lĭ                        e-peri-n  
 remédio        3A/3P-doer-tran-PAS.IM        3-ferida-gen  
 ‘O remédio fez arder a ferida dele’  
 (Lit.: O remédio ardeu a ferida dele)
- (27.a) √araypa-Ø                        ‘magro’  
 Rz-ADJVZ
- (27.b) araypa-m                            ‘emagrecer’  
 magro-VBLZ
- (27.c) g-ar-aypang-lĭ  
 g-ot-aypang-lĭ  
 1S-intr-emagrecer-PAS.IM  
 ‘Eu emagreci’
- (28.a) √apre-Ø                            ‘branco’ (nome)  
 branco-ADJVZ
- (28.b) apre-k                                ‘branco’ (adjetivo)  
 branco-ADJVZ
- (28.c) aprek-te                              ‘embranquecer’  
 branco-VBLZ
- (28.d) ĩretput                                aprekteli  
 ĩ-retput                                aprek-te-lĭ  
 1-cabelo                                branco-VBLZ-PAS.IM  
 ‘Meu cabelo embranqueceu’

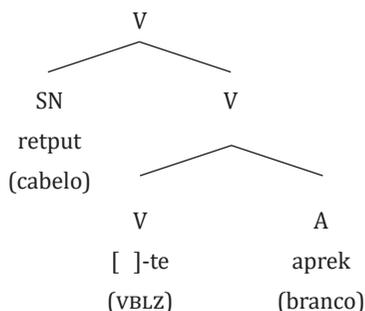
Segundo Hale & Keyser (2002), adjetivos (A) são elementos predicativos que requerem um nome sobre quem predicar. Por essa característica predicativa, dão origem a verbos alternantes, isto é, aqueles que podem sofrer aumento de valência.

Isso se aplica aos verbos de adjetivais da língua Ikpeng, pois quando os ‘verbos leves’ Ikpeng tomam como complemento uma raiz predicativa, que pode ser um adjetivo (A) ou uma raiz não-categorizada ( $\sqrt{\quad}$ ), essa fusão dá origem a um verbo alternante. Isso ocorre porque dadas as características predicativas da raiz, ela demanda um nome que ocupará a posição de especificador do núcleo (V) e que será um candidato a argumento interno do verbo, caso ele venha a ser transitivizado.

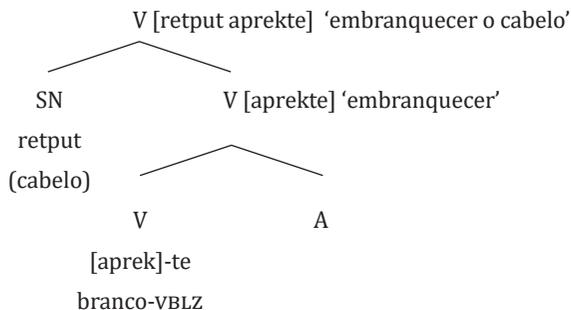
Proposta de Formação do Verbo a partir de Adjetivos:

Yay-ewrogru	aprek	Īretput	aprekteli
Yay-ewrogru	aprek	ĩ-retput	aprek-te-li
flor-árvore	branco	1-cabelo	branco-VBLZ-PAS.IM
‘A flor é branca’	‘Meu cabelo embranqueceu’		

Primeira Fase:



Segunda Fase:



A estrutura acima ilustra uma raiz adjetiva (A) sendo recategorizada como verbo a partir da operação *conflation* com o núcleo (V). Observe que essa raiz predicativa projeta um spec, que funciona como argumento (S) dos verbos deadjetivais. Esse elemento é promovido a argumento interno (P) desses verbos quando eles são transitivizados, por esse motivo, Chagas (2013) classificou-os como inacusativos.

### 3.3. Formação de Verbos a partir de Raízes Não-Categorizadas

Conforme mostrado na seção 2, raízes desprovidas de categoria gramatical podem dar origem a palavras de diversas classes na língua Ikpeng, dependendo apenas da morfologia que se agrega a essas raízes. Veremos abaixo exemplos da formação de verbos a partir desse tipo de raiz. Esses verbos possuem a seguinte estrutura: [ $\sqrt{\text{ }}$  -vblz]:

(29.a)	$\sqrt{\text{eng-kí}}$	'dormir'	INERGATIVO
(29.b)	Angpi	yengkĩli	
	angpi	y-engkĩ-li	
	criança	3-dormir-PAS.IM	
	'A criança dormiu'		
(30.a)	$\sqrt{\text{eputxik-te}}$	'engrossar'	INACUSATIVO
(30.b)	Eputxikteli	wok	
	$\emptyset$ -eputxikte-li	wok	
	3-engrossar-PAS.IM	mingau	
	'O mingau engrossou'		
(31.a)	$\sqrt{\text{agu-}}$	'comer'	TRANSITIVO
(31.b)	Aguli	wot	
	$\emptyset$ -agu-li	wot	
	3A/3P-comer-PAS.IM	peixe	
	'Ele comeu peixe'		

(32.a)  $\sqrt{\text{apko-re}}$  ‘quebrar ao meio, rachar’ TRANSITIVO

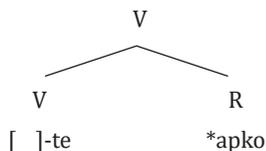
(32.b) Yapkoreli                      taktori  
 y-apkore-li                      taktori  
 1A/3P-quebrar-PAS.IM      panela  
 ‘Eu quebrei a panela’

Os exemplos (29-32) mostram que a combinação de raízes e categorizadores verbais pode dar origem a todos os tipos de verbos atestados na língua Ikpeng: transitivos, inergativos e inacusativos. Já apresentamos como se dá a formação dos verbos inergativos e inacusativos em Ikpeng, mostraremos a seguir a formação dos verbos transitivos.

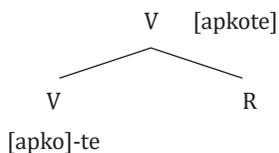
Segundo Chagas (2013), os verbos transitivos Ikpeng, assim como os demais, são morfologicamente complexos, ou seja, são formados a partir da fusão de um morfema funcional – ou seja, um núcleo verbal (vblz), que pode ser fonologicamente realizado ou não – com um morfema lexical, isto é, uma raiz não categorizada ( $\sqrt{\text{ }}$ ).

Yapkoreli                      wayo  
 y-apkote-li                      wayo  
 1Ax3P-quebrar-PAS.IM      cuia  
 ‘Eu quebrei a cuia’

Primeira Fase:



Segunda Fase:



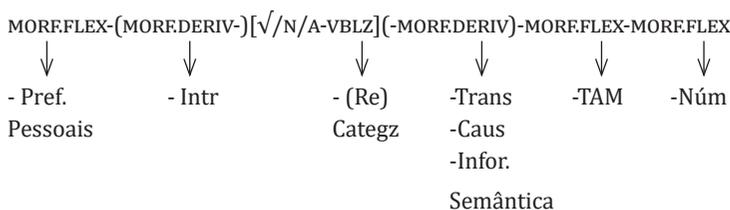
### 3.4. O Tema Verbal

A combinação de uma raiz ( $\sqrt{\text{V}}$ ), de um nome (N), ou de um adjetivo (A) aos categorizadores verbais (vblz) dá origem a um tema verbal que serve como base para receber outros afixos de caráter derivacional ou flexional.

Os morfemas derivacionais podem adicionar uma informação semântica nova ao verbo; ou mudar a sua valência. Esses morfemas se unem diretamente à base verbal prefixal ou sufixalmente.

Os morfemas flexionais referem-se à pessoa e tempo/aspecto/modo (TAM) e são mais periféricos em relação à base verbal, permitindo a ocorrência de afixos derivacionais entre eles e o verbo.

Os temas verbais [ $\sqrt{\text{V/N/A+vblz}}$ ] desprovidos de morfologia flexional são ininteligíveis para os falantes nativos da língua Ikpeng. É obrigatória a realização dos prefixos pessoais e/ou dos sufixos TAM. A estrutura morfológica do verbo em Ikpeng pode ser vista abaixo:



### 4. Valência e Causatividade

No que diz respeito à valência, há em Ikpeng duas categorias de verbos: os transitivos e os intransitivos. Os verbos transitivos são aqueles que exigem a presença de dois argumentos: um em função de sujeito (A) e outro na função de objeto (P); enquanto que os verbos intransitivos exigem a presença de apenas um argumento (S).

Em Ikpeng, um verbo com dois argumentos pode ser naturalmente transitivo, ou transitivizado; da mesma forma que o verbo que expressa apenas um argumento pode ser inerentemente intransitivo, ou intransitivizado. Abaixo, apresentamos os processos de transitivização e intransitivização dos verbos.

#### 4.1. Intransitivização

Em Ikpeng, um verbo transitivo pode ser intransitivizado a partir da prefixação do morfema {**ot-**}<sup>9</sup>, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(33.a) Forma Transitiva		(33.b) Forma Intransitivizada	
Yampukeli	pola	Arapukeli	pola
y-ampuke-li	pola	Ø- <b>ot</b> -ampuke-li	pola
1A/3P-estourar-PAS.IM	bola	3S-intr-estourar-PAS.IM	bola
‘Eu estourei a bola’		‘A bola estourou’	

(34.a) Forma Transitiva		(34.b) Forma Intransitivizada	
Uro yangkuli	panana	Panana arangkuli	
uro y-angku-li	panana	panana Ø- <b>ot</b> -angku-li	
eu 1A/3P-amassar-PAS.IM	banana	banana 3S-intr-amassar-PAS.IM	
‘Eu amassei a banana’		‘A banana amassou’	

#### 4.2. Transitivity e Causativização

Segundo Levin & Rappaport Hovav (1995, p. 79), os verbos que participam de alternâncias transitivas – ou seja, que podem ter usos intransitivos e transitivos – quando são transitivizados atribuem uma causa ao verbo intransitivo. Essa transitivização/causativização pode ser ou não marcada morfologicamente, dependendo da língua. No caso do Ikpeng, observamos que as mudanças de valência são sempre acompanhadas de afixação, tanto para aumentar o número de argumentos expressos pelo verbo, quanto para diminuí-lo, como mostrado na seção anterior.

De acordo Chagas (2013), a língua Ikpeng apresenta os seguintes morfemas causativos: as formas {-me(t); -nop; -po}, que podem se

9. O morfema {ot-} possui vários alomorfes fonologicamente condicionados que já foram descritos por Pachêco (1997, p. 56; 2001, p. 75-6); e Campetela (1997, p.75). Apresentamos abaixo seus contextos de realização:

/ot/ diante de radicais iniciados por consoantes não seguidas de /a/;

/at/ diante de radicais iniciados por consoantes seguidas de /a/;

/ar/ diante de radicais iniciados por /a/;

/otʃ/ diante de radicais iniciados por /i/;

/or/ diante das demais vogais.

combinar e dar origem às seguintes formas fonológicas [nop-po~ nopo]; e [me(t)-po ~ me(t)po].

Observamos que a forma {-nop} é responsável por aumentar a valência dos verbos intransitivos, transitivizando-os, como pode ser observado abaixo:

(35.a) Forma Intransitiva	(35.b) Forma Transitivizada
Egwamli                    muy	Awarepĩ    egwamnoplĩ muy
egwam-li                    muy	Awarepĩ    egwam- <b>nop</b> -li                    muy
afundar-PAS.IM            canoa	Awarepĩ    afundar-CAUS-PAS.IM    canoa
‘A canoa afundou’	‘Awarepĩ afundou a canoa’

(36.a) Forma Intransitiva	(36.b) Forma Transitivizada
Egĩngtare-li                    igru	İwĩ            egĩngtarenoplĩ                    igru
Ø-egĩngtare-li                    igru	iwĩ            Ø-egĩngtare- <b>nop</b> -li                    igru
3S-estreitar-pas.im            rio	pedra    3A/3S-estreitar-caus-pas.im            rio
‘O rio estreitou’	‘A pedra estreitou o rio’

Esse morfema transitivizador parece conter o traço semântico [Causa Externa], e por isso, permite, a um verbo prototipicamente intransitivo, a realização de um argumento externo, causativizando-os.

O morfema {-po} possui a função de introduzir uma semântica causativa, porém sem aumentar a valência dos verbos. Isso se torna muito evidente ao observarmos os verbos transitivos que não podem ter a valência aumentada, mas que podem ser causativizados<sup>10</sup>:

(37a) Forma Transitiva	(37.b) Forma Causativa
Yankulĩ                    nabiot	Yankupolĩ                    nabiot
y-anku-li                    nabiot	y-aku-po-li                    nabiot
1A/3P-esmagar-PAS.IM            batata	1A/3P-esmagar-CAUS-PAS.IM            batata
‘Eu esmaguei a batata’	‘Eu fiz/deixei a batata esmagar’

10. A forma {po-} também pode ocorrer com verbos intransitivos, como visto abaixo, porém sem aumentar a sua valência. Para maiores detalhes ver Chagas (2013).

(38.a) Forma Transitiva		(38.b) Forma Causativa	
Yanpulĩ	poyngo	Yanpupoli	poyngo
y-anpu-li	poyngo	y-anpu-po-li	poyngo
1A/3P-rasgar-PAS.IM	roupa	1A/3P-rasgar-CAUS-PAS.IM	roupa
‘Eu rasguei a roupa’		‘Eu fiz/deixei a roupa rasgar’	

Até o presente momento, não foi possível compreender o comportamento e distribuição do morfema {-me(t)}.

## 5. Considerações Finais

Neste capítulo, fizemos uma apresentação da morfologia verbal Ikpeng, mostrando que o verbo pode ser formado a partir de um morfema lexical, isto é, uma raiz sem categoria gramatical pré-definida ( $\sqrt{\quad}$ ) aliada a um morfema funcional (categorizador verbal); ou ser derivado de uma raiz já categorizada como como nome (N) ou adjetivo (A), através do acréscimo da mesma morfologia verbalizadora. Mostramos também os verbalizadores envolvidos nos processos de (re)categorização e que é possível atribuir nuances semânticas para alguns desses morfemas.

A seleção de cada tipo de complemento ( $\sqrt{\quad}$ , N, A) traz consequências fundamentais para o tipo de verbo que pode ser formado. Em Ikpeng, quando o núcleo verbalizador ou ‘verbo leve’ seleciona como complemento uma raiz, o resultado pode ser qualquer tipo de verbo já identificado na língua, isto é, um verbo transitivo, um inergativo ou inacusativo; no entanto, quando esse ‘verbo leve’ seleciona um nome como complemento, o resultado é sempre um verbo inergativo; e quando este seleciona um adjetivo, tem-se a formação de um verbo inacusativo.

Finalmente, apresentamos os morfemas responsáveis pela mudança de valência verbal: aumento {-nop}, e diminuição {-ot-}; além do morfema causativo {-po}.

## Referências

BEARD, R. Derivation: In: SPENCER, A; ZWICKY, A. M. (eds.). *The Handbook of Morphology*. Blackwell Publishing, 2001.

CHAGAS, A. *O Verbo Ikpeng: estudo morfossintático e semântico-lexical*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalizations. IN: R. A. JACOBS & P. S.

HALE, K; KEYSER, S. J. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. MIT: Massachusetts, 2002.

HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics 30*, 1997 (p. 425-439).

HALLE, M; MARANTZ, A. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. In: HALE, K; KEYSER, S (eds). *The view from building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MIT Press, Cambridge: 1993 (pág. 111-176).

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. *Distributed Morphology*. GLOT International, 1999.

LEVIN, B; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A; SIEGEL, L; SUREK-CLARCK, C; WILIAMS, A (eds). *Proceeding of the 21st Penn Linguistics Colloquium*. In: *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, 1997 (pág. 201-225).

MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. *The Southern Carib Languages and the Cariban Family*. *International Journal of American Linguistics*, vol 7, n. 2. Chicago: Chicago University Press, 2005 (p. 127-190).

## Numerais e quantificadores Sanapaná (Maskoy)

ANTONIO ALMIR SILVA GOMES

### 1. Introdução

**A** REALIDADE DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS EM RE-  
lação aos estudos linguísticos acerca das mesmas não é das  
mais satisfatórias. É consenso entre linguistas a necessidade de  
estudos mais aprofundados para as referidas línguas. É o que se vislum-  
bra, por exemplo, em Fargetti (2012, p. 67), para quem “as línguas indí-  
genas brasileiras, apesar da existência hoje de maior interesse por seu  
estudo, têm poucas descrições aprofundadas, com poucas gramáticas de  
referência e dicionários [...]”. Segundo, Moore, Galucio e Gabas Jr. (2008,  
p. 40), “apesar do avanço dos estudos linguísticos de línguas indígenas  
nas últimas décadas, levantamentos revelam que essas línguas são co-  
nhecidas apenas em parte, e que sobre a maioria há pouco ou quase ne-  
nhum estudo”.

O estado da arte das investigações linguísticas mencionado acima  
para as línguas indígenas brasileiras pode ser assemelhado ao que ocor-  
re com línguas indígenas em outros países sul-americanos. No caso do  
Paraguai, onde vive o povo Sanapaná, cuja língua é o objeto deste arti-  
go, estima-se a existência de aproximadamente 15 línguas e 30 dialetos  
divididos, segundo Zarratea (2009), entre as famílias Zamuco, Mataco,  
Maskoy, Guaicurú e Avá-Guaraní<sup>11</sup>. No entanto, a situação das línguas que

---

11. Essa expectativa quanto ao número de línguas e/ou dialetos indígenas no Paraguai diverge, por exemplo, daquela apresentada no site Ethnologue que aponta para a existência de 23 línguas, das

as compõem no que se refere à (in)existência de estudos linguísticos é mais acentuada, se comparada à situação das línguas indígenas brasileiras. Assim, embora se possam identificar trabalhos linguísticos robustos como os de Ana Gerzenstein (1994) acerca dos Maká (família Mataco), há casos de famílias linguísticas bastante desconhecidas e que, seguramente, guardam muitos segredos capazes de contribuir com a linguística aplicada e teórica.

Ao longo deste artigo, detenho-me à língua Sanapaná falada pela população de mesmo nome que vive na região central do Paraguai denominada *Chaco* e cuja família a que pertence enquadra-se no perfil descrito anteriormente. Em termos linguísticos, além da família Maskoy, na qual se encontra a língua Sanapaná, são faladas ao longo do *Chaco* línguas das famílias Guaicuru, Mataco e Zamuco, bem como Lengua-Maskoy e Tupí-Guaraní (cf. Adelaar, 2004, p. 488.).

A família linguística Lengua-Maskoy – ou tão somente Maskoy – tem sido nomeada atualmente com o título Enlhet-Enenlhet. Ernesto Unruh e Hannes Kalisch, seus proponentes, indicam como membros as línguas Sanapaná, Angaité, Enxet, Enlhet, Guaná e Toba (cf. UNRUH; KALISCH, 2003, p. 1). Os estudos destes autores, juntamente com os de Susnik (1958, 1977), embora não tenham como escopo central aspectos gramaticais, tornam-se referência para a língua Enxet, mais também denominada Lengua. As demais línguas da família ainda possuem pouco resultado de investigação linguística. Recentemente, tenho-me dedicado ao estudo da língua Sanapaná, para a qual as primeiras informações mais robustas encontram-se em minha tese de doutoramento, realizada na Universidade Estadual de Campinas, em 2013, como resultado de viagens empreendidas desde 2009 aos Sanapaná, que vivem na comunidade La Esperanza, às proximidades do município de Loma Plata, Paraguai.

Na tese em questão, apresento um panorama gramatical da sentença simples, seja no que se refere ao sintagma nominal, seja no que se refere ao sintagma verbal. Faço referência não apenas às relações sintáticas estabelecidas entre os referidos sintagmas, mas também a questões sintáticas internas a cada um. Assim, trato, dentre outros aspectos, das

---

quais 22 são vivas e 1 está extinta. Distintos números sobre essas línguas podem ser resultado, inclusive, do pouco conhecimento que se tem das mesmas.

classes de palavras que constituem o léxico Sanapaná, das questões inerentes às relações gramaticais próprias da sentença e dos mecanismos morfossintáticos responsáveis pela negação. Para além das relações sintáticas envolvendo os sintagmas, apresento informações referentes à Fonética e à Fonologia Sanapaná.

O artigo apresentado aqui toma alguns dados extraídos dessa tese (GOMES, 2013) para tratar simultaneamente dos numerais e dos quantificadores Sanapaná. Para esse fim, o divido basicamente em duas seções. Na primeira, intitulada “A classe dos numerais”, aponto para a existência de um sistema numérico cuja contagem máxima é 10. Refiro-me à utilização dos dedos das mãos como ponto de referência para a referida contagem. Na segunda seção, “A classe dos quantificadores”, por sua vez, trato dos quantificadores.

## 2. A classe dos numerais

A classe dos numerais estabelece relação com a classe dos nomes. Como modificador desta, é comumente dividida em dois tipos: os numerais cardinais e os numerais ordinais. Dryer (2007, p. 164) define os cardinais como aqueles que “indicam quantos referentes o sintagma nominal denota” e os ordinais como aqueles que “identificam um referente em termos de sua ordem em relação a outros referentes”<sup>12</sup>.

A distinção entre os dois tipos de numerais permite uma variedade de questões sintáticas quando observados tipologicamente. Há casos, como na língua Karo Batak (WOOLLAMS, 1996 apud DRYER, 2007), em que numerais cardinais normalmente precedem o nome, enquanto que os numerais ordinais o seguem. Segundo Dryer (2007), há casos de línguas, como Khasi (RABEL, 1961 apud DRYER, 2007), em que construções com numerais cardinais envolvem classificadores ou ainda casos mais raros, como ocorre na língua Gela (CROWLEY, 2002 apud DRYER, 2007), em que “numerais devem ocorrer com palavras invariantes, que não são necessariamente classificadores, embora a função pareça a de

---

12. Tradução livre de “[...] cardinal numerals, words that indicate how many referents the noun phrase denotes [...] ordinal numerals, which identify a referent in terms of its order with respect to other referents [...]”

um classificador quando o numeral modifica o nome”<sup>13</sup>. Em Sanapaná, conforme mostro na seção seguinte, a classe dos numerais envolve-se em um contexto de utilização de classificador.

### 2.1. A classe dos numerais em Sanapaná

O sistema numérico Sanapaná constitui-se primordialmente por numerais cardinais que, como formas livres, exprimem quantidades até dez. Não é possível, até o presente momento de minha pesquisa, delimitar um conjunto de numerais caracterizados como ordinais. Para este tipo, identifiquei apenas uma forma cuja função pode ser atribuída a primeiro.

#### 2.1.1. Os numerais cardinais

Como mencionei acima, o sistema numérico cardinal Sanapaná consiste em uma contagem de 01 até 10. Desses, contudo, os mais utilizados cotidianamente são os três primeiros (Quadro 01). Após uma dezena, utilizam a terminologia disponível em Espanhol, por exemplo.

**Quadro 1: Numerais em Sanapaná**

NUMERAIS	SEGMENTAÇÃO	PALAVRA
	MORFOLÓGICA	
1	—	<b>hlema</b>
2	—	<b>kanet</b>
3	<b>kanet-na-hlema dois-ADI-um</b>	<b>kanet-na-hlema</b>
4	ak-naea’o mo’ok CONC <sub>-1</sub> -?-outro	aknaea’o mo’ok
5	hlema’emek um-mão	hlema’emek
6	hlema’emek-hlema um-mão-um	hlema’emekhlema
7	hlema’emek-kanet um-mão-dois	hlema’emek-kanet

13. Tradução livre de “[...] numerals must occur with an invariant word, which is strictly speaking not a classifier (since there is only one of them), but which otherwise functions like a classifier in that its presence is required if the numeral is modifying a noun.” (Dryer, 2007, p. 165).

**Quadro 1: Numerais em Sanapaná**

NUMERAIS	SEGMENTAÇÃO		PALAVRA
	MORFOLÓGICA		
8	hlema-'emek um-mão	kanete-na-hlema dois-ADIC-um	hlema'emek kanete na hlema
9	hlema-'emek um-mão	ak-naea'o-mo'ok CONC <sub>1</sub> -?-outro	hlema'emekaknaea'o mo'ok
10	kanet-'emek dois-mão		kanet'emek

A segmentação dos numerais cardinais realizada no quadro (01) indica a proximidade dessa classe lexical com características de línguas analíticas, na medida em que utiliza palavras distintas e não morfemas quando da necessidade de acrescentar informações ao sintagma. É o que se vislumbra com a associação de *hlema* '1', *kanet* '2' e *mek* 'mão' a outras formas. A adição de palavras, tomada como caso de uma categoria analítica da língua Sanapaná, indica também a motivação semântica para os numerais a partir das próprias mãos. Sendo assim, a mão torna-se o ponto de referência. Esse fato fica muito evidente através da existência de formas próprias apenas para indicar os numerais um (1) e dois (2), considerados átomos no sistema numérico Sanapaná. Os demais numerais, por sua vez, realizam-se tão somente pela relação destes dois com a mão. Note-se que à *mek* afixa-se o prefixo /e-/ tratado em Gomes (2013) como um morfema subespecificado para o traço de pessoa.

Isolados deste contexto, parecem estar os numerais quatro (04) e nove (09) que, segundo a segmentação apresentada, envolvem uma relação sintática entre o pronome indefinido *mo'ok* (outro) e a forma *ak-naea'o*, cuja função e/ou significado ainda desconheço. Interessante notar para os dois casos em questão a ocorrência de um processo morfológico distinto daquilo que se poderia esperar, por exemplo, com a soma de *kanet*. Não há combinação de numerais, mas o emprego de formas distintas do padrão numérico. Da mesma forma, a utilização do pronome substitui a subespecificação presente em /e-/.

A utilização da (própria) mão como referente no sistema numérico Sanapaná é o reflexo de uma característica partilhada por diversas línguas ameríndias. Segundo Rijkhoff (2004, p. 157), "mesmo nas línguas

que apresentam numerais, o papel das partes do corpo é algumas vezes reconhecido”. O autor faz referência, por exemplo, à língua Cuna, em que o numeral “20 é expresso como ‘um homem’ (*tulakwena*) referindo ao número total de dedos das pessoas” (cf. RIJKHOFF, op. cit.). Como exemplos de línguas que usam classificadores no sistema numérico, Rijkhoff (2004) menciona Mandarim, Koreano e Vietnamita.

Para o caso Sanapaná, analiso a presença de *e-mek* como um caso de classificador. Assim, retorno a Rijkhoff (2004), que considera numerais classificadores como recurso utilizado nos casos em que “o numeral não ocorre em uma construção direta com o nome” e, para isso, conta com o auxílio do classificador. *E-mek*, portanto, realiza essa função.

A posição sintática que os classificadores ocupam em relação ao numeral varia conforme a língua. Rijkhoff (2004, p. 161) indica casos, como as línguas Galela e Cuna, em que o classificador precede o numeral; e casos, como Nivkh, em que o classificador ocorre em posição posterior ao numeral. Em Sanapaná, *e-mek* – tomado como classificador – ocorre em posição posterior ao numeral.

No contexto das sentenças simples Sanapaná, os numerais ocorrem preferencialmente em posição imediatamente anterior ao referente sobre o qual recai seu escopo, conforme ilustro abaixo. Nos mesmos exemplos, os aspectos semânticos relacionados ao referente quantificado não interferem no numeral, de modo que seja [ $\pm$ HUM] (1-2), seja [ $\pm$ ANIM] (3) a forma do numeral será a mesma.

(1a) aṗetneje      hlema    as-jehlen  
       ter            um        CONC+1-irmão  
       ‘Eu tenho um irmão’

(1b) aṗetneje      hlema    as-ketka  
       ter            um        CONC+1-filho  
       ‘Eu tenho um filho’

(2a) aṗetneje      kanet    natat-kok    jamet    na’ak  
       ter            dois      pássaro-DIM    árvore    POSP  
       ‘Há dois pássaros na árvore’

- (2b) aknema-hlta as-ke-nap-ke-hlta a-kanet apaloo  
 dia-TOP CONC+1-MASC- CON<sub>C,1</sub>-dois tatu  
 matar-TAM-TOP  
 ‘(Foi) ontem (que) eu matei dois tatus’
- (3a) apetneje as-nemakha a-kanet peletaw kanhan a-kanet aphak  
 ter POS+1-casa CONC- faca CONJ CONC- prato  
 dois dois  
 ‘Eu tenho em minha casa duas facas e dois pratos’
- (3b) ko’o meme an-kaemahl-keje kanetnahlema gwarani  
 PRON<sub>+1</sub> mãe CON<sub>C,1</sub>- três gwarani  
 precisar-HIP  
 ‘Minha mãe precisa de 3 guaranis’

Finalmente, assumo o emprego de numerais no sintagma como recurso utilizado para indicar quantidade, que se distingue do processo interno de marcação de número no N. Para esse caso, utiliza-se (i) o prolongamento vocálico da última sílaba (4).

- (4a) ap-ketkok  
 CON<sub>C,1</sub>-jovem  
 ‘jovem’
- (4b) ap-ketko:k  
 CON<sub>C,1</sub>-jovem  
 ‘jovens’

A utilização desse mecanismo interno ao N para a marcação de número (PL) encontra restrição fonológica, a saber: ocorre apenas em ambientes em que C anterior e posterior partilham o traço oclusivo. Essa restrição, juntamente com o emprego de numerais antepostos ao nome para indicar PL, permite-me considerar SG como padrão não marcado em Sanapaná. O oposto se aplica, portanto, ao PL. Nesta perspectiva, pode-se considerar que

os nomes Sanapaná são nus no que se refere à marcação de número em sua morfologia interna.

A natureza morfológica do N para a marcação de número permite, ainda, outro processo para a indicação de não SG. Trata-se do emprego no sintagma de quantificadores. Para esse caso, a língua Sanapaná dispõe, por exemplo, das formas *hlananma* (muito) (05), *hlemaktek* (pouco) (06). Essas formas analisadas como quantificadores, conforme a seção seguinte, têm escopo seja sobre referentes contáveis, seja sobre referentes não contáveis.

- (05) as-japon    ap-tepa-'e    makwa    hlananma    aktek  
 POS+1-pai    CONC<sub>1</sub>-    amendoim    muito    semente  
                   comprar-TAM'

Meu pai comprou muita semente de amendoim'

- (06) hlemaktek    akjehlna    samamhe  
 pouca    fruta    melancia  
 'Há pouca melancia'

(Lit.: pouca fruta de melancia)

A forma *hlananma* pode coocorrer com a forma *ankoje* 'demais, abundante'.

- (07) jamet-awa    ak-paleam    hlamama    ankoje  
 árvore-folha    CONC<sub>1</sub>-cair    bastante    INTENS  
 'Há bastante folhas (de árvore) caídas'

### 2.1.2. O numeral ordinal

A ocorrência de numeral com função ordinal parece ser bastante restrita, se considerada a possibilidade de quantidades até 10 atestada para o caso dos numerais cardinais. Na verdade, há apenas uma forma cuja função pode ser associada a numeral cardinal. Trata-se de *maje* 'primeiro' que, assim como os cardinais, ocorre em posição anterior ao nominal a que se refere, conforme ilustra o SN a seguir:

(08)	heŋga'e	ap-maje	as-ketka
	DEM	CONC <sub>1</sub> -primeiro	CONC+1-filho
	'Esse é meu primeiro filho'		

### 3. A classe dos quantificadores

Sob um ponto de vista tipológico, “quantificadores constituem-se modificadores de nomes para indicar, sobretudo, quantidade e escopo, como por exemplo, numerais e outras palavras significando ‘muito’, ‘pouco’, ‘todo’ etc.”<sup>14</sup>.

Em algumas línguas, conforme Schachter & Shopen (2007, p. 37), a ocorrência de um quantificador está condicionada à indicação explícita de plural. Por outro lado, há línguas em que quantificadores variam na forma de acordo com a propriedade semântica dos nomes que modificam. São apresentados por Schachter & Shopen (op. cit.) como exemplos desse segundo grupo o Akuapem (dialeto da língua Akan) e o Japonês. A língua Sanapaná, como mostrarei, comporta-se de maneira semelhante a essas duas línguas.

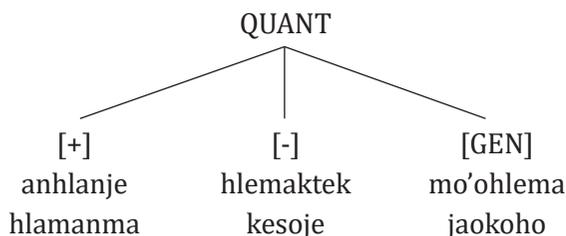
#### 3.1. Os quantificadores Sanapaná

Em Sanapaná há seis palavras que desempenham função de quantificador (QUANT). Tais palavras pertencem ao domínio do SN e, assim como os numerais, ocorrem em posição imediatamente anterior ao referente quantificado. Pelas características que apresentam, podem ser caracterizadas como quantificadores fortes, à semelhança do que apresentado em Milsark (1977 apud ACKEMA et al., 2006, p. 283). A distinção básica entre os dois grupos de quantificadores assenta-se no fato de que “os quantificadores fortes se constituem os membros de algum conjunto pressuposto ao passo que os quantificadores fracos assinalam informação numérica”<sup>15</sup>. A pressuposição envolvendo os quantificadores implica nos traços

14. Tradução livre de “[...] quantifiers, consists of modifiers of nouns that indicate quantity or scope: for example numerals, and words meaning ‘many’, ‘much’, ‘few’, ‘all’, ‘some’, ‘each’, etc.” (cf. SCHACHTER, SHOPEN, 2007, p. 35). Os quantificadores são tratados por esses autores, juntamente com papéis temáticos, classificadores e artigos, como adjuntos nominais.

15. Adaptado de “Strong quantifiers range over the members of some presupposed set. Weak

semânticos presentes no referente quantificado. Sendo assim, é possível sistematizar os quantificadores Sanapaná de maneira tripartida segundo os traços [+], [-] e [GEN], em que [+] implica predominância, [-] ausência e [GEN] genérico. O primeiro está relacionado à presença, o segundo à ausência e o terceiro traço à generalização.



### 3.1.1. *hlananma*

*hlananma* refere quantidade grande, assim como *anhlanje* apresentado a seguir. Contudo, *hlananma* distingue-se semanticamente de *anhlanje* por indicar maior ênfase. O emprego de *hlananma* indica muito, bastante. Possui, portanto, maior intensidade, se comparado a *anhlanje*.

(9a) enenko'o en-hlananma e-seponges-kama tahla aɲepa na'ak  
 PRON<sub>+1/PL</sub> DEIT-QUANT DEIT-apagar-CAUS fogo plantação POSP  
 'Nós apagamos o fogo da plantação'

(9b) Ko'o aɲetneje hlananma tape'e apok  
 PRON<sub>+1</sub> ter QUANT galinha ovo  
 'Eu tenho muito ovo de galinha'

(9c) maria an-teɲa-'e hlananma a-to-ma  
 NPr CONC<sub>-1</sub>-comprar-TAM QUANT CONC<sub>-1</sub>-comer-NOMZ  
 'Maria comprou bastante comida'

---

quantifiers (including cardinality expressions) assign number or numerical size (few, many) to the members of a set" (ACKEMA, et. al., 2006, p. 283).



(12a) hlemaktek      tape'e      ahangok      ko'o  
 QUANT      galinha      PRONPOS      PRON<sub>+1</sub>  
 'Eu tenho pouca galinha'  
 'Lit. pouca galinha minha'

(12b) hlemaktek      ko'o      jetahlen  
 QUANT      PRON<sub>+1</sub>      cavalo  
 'Eu tenho poucos cavalos'  
 'Lit. Eu poucos cavalos'

Com os exemplos (12) é possível observar a propriedade dos quantificadores em apagar os processos relacionados à PL no N quantificado. Seja em (12a), seja em (12b), não há nenhuma marca de PL relacionada.

#### 3.1.4. *kesoje*

*kesoje* também refere quantidade pequena. A quantificação que expressa, todavia, é atenuada, menos definida.

(13a) ko'o      aɣetneje      kesoje      harina  
 PRON<sub>+1</sub>      ter      QUANT      farinha  
 'Eu tenho pouca farinha'

(13b) as-pahlkas-kama      kesoje      sepo      as-to-ma  
 CONC<sub>+1</sub>-por-CAUS      QUANT      mandioca      POS+1-comer-NOMZ  
 'Eu ponho pouca mandioca na comida'

(13c) ankeloana      a-ja-ma      kesoje      waka-ne-mankok  
 mulher      CONC<sub>-1/FEM</sub>-beber-NOMZ      QUANT      vaca-ADI-leite  
 A mulher bebeu pouco leite de vaca'

#### 3.1.5. *mo'ohlema*

*mo'ohlema* tem escopo sobre referente indefinido para indicar um conjunto específico, não genérico. Essa forma pode ser segmentada considerando-se o pronome indefinido *mo'o* 'outro' e o numeral *hlema*, o

que resulta em uma interpretação do tipo ‘um outro’. Gera, portanto, um contexto de negação em que o referente quantificado o é em oposição a não é.

(14a) mo’ohlema      ap-ketkok      me-lj-aspon-koma      koleke  
 QUANT              CONC<sub>1</sub>-menino      NEG-PL-comer-TAM      feijão  
 ‘Alguns jovens não gostam de comer feijão’

(14b) mo’ohlema      ankeloanat-kok      an-moana              kolapmasek  
 QUANT              mulher-DIM      CONC<sub>1FEM</sub>-poder      cantar  
 ‘Algumas meninas podem cantar’

(14d) mo’ohlema      e-mame-kama              tepala’a      nenhlet      aɲep  
 QUANT              DEIT-trabalho-CAUS      BENEF      pessoa      fazenda

mo’ohlema      lenko  
 QUANT              menonita  
 ‘Há algum trabalho (para nós) em fazenda de algum menonita’

### 3.1.6. *jaokoho*

*jaokoho* refere totalidade. Esse quantificador recebe um prefixo de concordância quando relacionado ao traço ‘FEM’ de seu quantificado. Em (15), por exemplo, os referentes quantificados apresentam traço de gênero ‘MASC’, logo a forma do quantificador não apresenta prefixo. Em (16), por outro lado, os referentes quantificados contêm traços de gênero ‘FEM’ (16a) ou [-HUM] (16b). Consequentemente, o quantificador recebe o prefixo /ak-/. Verifica-se novamente, portanto, a presença de um traço gramatical em um quantificador, caso já atestado nos exemplos em (9).

(15a) jaokoho      ansetkok      ap-ke-n-meje-kakha              escuela      na’ak  
 QUANT              menino      CONC<sub>1</sub>-MASC-PL-caminhar-REFL      escola      POSP  
 ‘Todos os meninos vão à escola’

- (15b) hlejap            ap-ke-sesoje            ap-jemho-waja-'o  
 PRON<sub>-1/MASC</sub>    CONC<sub>-1</sub>-MASC-pequeno    CONC<sub>-1</sub>-corpo-fraco-TAM
- jaokoho ap-hla-maka            na'ak  
 QUANT CONC<sub>-1</sub>-PL-irmão            POSP  
 'Ele é menor que todos os seus irmãos'
- (16a) ak-jaokoho        ankeloana    an-meje-kakha            escuela na'ak  
 CONC<sub>-1</sub>-QUANT    mulher        CONC<sub>-1</sub>/FEM-caminhar-REFL    escola    POSP  
 'Todas as meninas vão à escola'
- (16b) maria        anke-ljas-kes-ke            ak-jaokoho        pawa  
 NPr        CONC<sub>-1/FEM</sub>-PL-lavar-COMP    CONC<sub>-1</sub>-QUANT    roupa  
 'Maria lavou toda a roupa'

Um fato a observar acerca dos quantificadores Sanapaná refere-se à não mudança destes para aspectos sintáticos. Veja-se, por exemplo, a manutenção da mesma forma lexical para casos em que o escopo do quantificador recai sobre referentes com função de sujeito (16a) ou com função de objeto (16b). Por outro lado, observa-se uma sensibilidade destes em relação ao traço gramatical de gênero e/ou pessoa. Nesse sentido, pode-se considerar Sanapaná um caso de língua semelhante àquelas apresentadas em Schachter e Shopen (2007, p. 37) cujos quantificadores variam na forma de acordo com a propriedade semântica dos nomes que modificam. Tal consideração não implica, contudo, na sensibilidade Sanapaná para qualquer aspecto semântico. Compreenda-se com isso que outras questões semânticas comumente sensíveis em diversas línguas naturais parecem não ser relevantes em Sanapaná. Veja-se a distinção contável (17) / não contável (18) comum a línguas como o Inglês, por exemplo, não produtiva em Sanapaná.

- (17) kesoje        sepo  
 pouco        mandioca  
 'pouca mandioca'

- (18) kesoje jemen  
 pouco água  
 ‘pouca água’

Tipologicamente, os quantificadores Sanapaná poderiam ser associados, sob uma perspectiva semântica, aos tipos comumente relacionados, em algumas línguas, ao adjetivo conforme apresentado em Dixon (2010b, p. 73). Esse fato ocorre em exemplos como (16), já que /ak-/ é um morfema atribuído à classe de adjetivos Sanapaná (cf. GOMES, 2013). Contudo, quando se observa o comportamento gramatical dos quantificadores no geral, depreende-se que se trata de uma classe distinta dos adjetivos, mais precisamente por dois aspectos:

- I. os quantificadores ocorrem preferencialmente em posição anterior ao referente quantificado, ao passo que os adjetivos ocorrem preferencialmente em posição posterior ao nome;
- II. com exceção de *jaokoho*, encontra-se entre os quantificadores o traço de pessoa /e-/, comum aos verbos, ou Ø.

### 3.2. Quantificação em sentenças interrogativas

Em sentenças interrogativas, envolvendo contextos de quantificação, é empregado o pronome *taehlma*, cujo escopo incide sobre quantidade.

- (19) taehlma ansetkok hlejap  
 PRON<sub>QUANT</sub> criança PRON<sub>.1/SG/MASC</sub>  
 ‘Quantas crianças (você tem)?’

- (20a) taehlma ap-ke-na-po kelasma nemana  
 PRON<sub>QUANT</sub> CONC<sub>.1</sub>-MASC-pescar-INT peixe hoje  
 ‘Quantos peixes você pegou hoje?’

- (20b) taehlma ap-te po sese nemata  
 PRON<sub>QUANT</sub> CONC<sub>.1</sub>-comprar pão manhã  
 ‘Quantos pães você comprou essa manhã?’

Respostas a perguntas com pronomes quantificadores podem ser realizadas pelo emprego de um numeral, ou seja, pela indicação da quantidade solicitada na pergunta. Os numerais são desta forma bastante utilizados, como na resposta abaixo à pergunta (19). Respostas negativas à quantificação são dadas basicamente pela partícula negativa *metko*. Sendo assim, empregá-la como resposta a perguntas em (20) resultaria em uma interpretação do tipo ‘não ter’, ‘nenhum’.

- (21) kanet na hlema  
 NUM-ADIC-um  
 ‘três’

#### 4. Considerações Finais

Estudos mais aprofundados sobre a análise apresentada ao longo deste artigo para os numerais e para os quantificadores ainda precisam ser realizados, sobretudo, em virtude de questões que podem surgir relacionadas (i) à motivação para o emprego dos correspondentes ao numeral quatro *aknaea’o mo’ok* e nove *hlemaemek aknanea’o mo’ok* e (ii) à distinção semântica envolvida entre os pares *anhlanje / hlananma; hlemaktek / kesoje; mo’ohlema / jaokoho*.

No geral, mostrei que em Sanapaná o nome é nu para a indicação de número, fato que implica na necessidade de acréscimo de informação capaz de indicá-lo ou quantificá-lo. Para o primeiro caso, utilizam-se, então, os numerais. Para o segundo, os quantificadores. Do ponto de vista sintático, tanto os numerais, quanto os quantificadores ocupam a mesma posição sintática, qual seja, a posição anterior ao referente. A natureza semântica e não PL envolvida com os quantificadores os assemelha aos numerais no sentido de que em ambas as classes PL não é um traço gramatical relevante em Sanapaná.

#### Lista de abreviaturas

+1 = primeira pessoa; -1 = não primeira pessoa (2/3); ADI = adição; BENEFA = benefactivo; CAUS = causativo; COMP = completivo; CONC = concordância; CONJ = conjunção; DEIT = dêitico; DEM = demonstrativo;

DIM = diminutivo; FEM = feminino; HIP = hipotético; HUM = humano; INT = interrogativo; INTENS = intensificador; MASC = masculino; N = Nome; NEG = negação; NMLZ = nominalizador; NPr = nome próprio; NUM = numeral; PL = plural; POS = posse / possuidor; POSP = posição; PRON = pronome; QUANT = quantificador; REFL = reflexivo; SG = singular; SUJ = sujeito; TAM = tempo, aspecto, modo; TOP = tópico.

## Referências

ACKEMA, P. et al. *Arguments and Agreement*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ADELAAR, W. F. H. The languages of the Chaco region: Guaicuruan, Matacoan, Zamucoan and Lengua-Maskoy. In: ADELAAR, W. F. H. (Org.). *The languages of the Andes*. CUP, 2004. p.488-499.

DIXON, R. M. W. *Basic Linguistic Theory: Grammatical Topics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DRYER, M. S. Noun phrase structure. In: SHOPEN, T. (Org.). *Language Typology and Syntactic Description*. Vol II: Complex Construction. Second Edition. CUP, 2007. p. 151-205.

ETHNOLOGUE. Disponível em: <<http://www.ethnologue.com/country/PY>>. Acesso em 10 fev. de 2014.

FARGETTI, C. M. Dicionários de Línguas Indígenas e Questões de Prosódia. In: FARGETTI, C. M. (Org.). *Abordagens do léxico em línguas indígenas*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2012. p. 65-80.

GERZENSTEIN, A. *Lengua Maká: estudio descriptivo*. Coleccion Nuestra America. Serie Archivo de Lenguas Indoamericanas. Universidad de Buenos Aires, 1994.

GOMES, A. A. S. *Sanapaná uma língua Maskoy: aspectos gramaticais*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto dos Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2013.

MOORE, D.; Galucio, A. V.; GABAS JR. N. O desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. *Scientific American Brasil (Edição Especial)*, v.3, p.36-43, 2008.

RIJKHOFF, J. *The Noun Phrase*. Oxford University Press, 2004.

SUSNIK, B. J. Eenslīt –Áppaiwa. Lengua – Maskoy. Estrutura Gramatical. Parte I. *Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museum Andres Barbero Etnografico e Historico Natural*, vol. II, 1958.

SUSNIK, B. J. *Lengua-Maskoy: su hablar, su pensar, su vivencia*. Lenguas Chaqueñas. Museo Etnográfico Andrés Barbero, Asunción, vol. 6, 1977.

UNRUH, E; KALISCH, H. Enlhet-Enenlhet. Una familia lingüística chaqueña. *Thule, Rivista italiana di studi americanistici*. Italia, v.14/15, p. 207-231, 2003.

ZARRATEA, T. (2009). *Família lingüística Maskoy*. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/2007-05-13/articulos/329417/el-mapa-linguistico-el-paraguay>>. Acesso em 25 jul. de 2008.

# Construções com numerais em Kawaiwete e a distinção contável-massivo

SUZI LIMA

PIKURUK KAYABI

## 1. Introdução

**N**ESTE ARTIGO DESCREVEMOS AS PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES com numerais na língua Kawaiwete (também conhecida como Kayabi). Os objetivos deste artigo são: 1) mostrar que a denotação básica dos nomes nesta língua é de número neutro e 2) que na ausência de classificadores, nomes-recipiente (como cuia, copo) são usados como a unidade de individuação para construções com nomes massivos (como água) e numerais.

## 2. Povo e língua Kawaiwete

A língua Kawaiwete faz parte da família Tupi-Guarani, tronco Tupi (RODRIGUES, 1986). A família Tupi-Guarani é dividida em oito subgrupos e a língua Kawaiwete pertence ao subagrupamento cinco juntamente com as línguas Asuriní do Xingu (124 falantes) e Araweté (339 falantes).

Os Kawaiwete são aproximadamente 2000 pessoas (SIASI/SESAI, 2012 apud SENRA, 1999). A maioria vive no Território Indígena Xingu divididos em 23 aldeias (Samauma, Ita'i, Pirakwara, Caiçara, Barranco alto, Maraká, Três Patos, Paranaita, Ilha Grande, Iguaçu, Fazenda Kayabi, Samauma, Pirakora, Kwaruja, Fazenda Kaiabi, Aiporé, Sobradinho, Moitará, Três Irmãos, Capivara, Tuiararé, Diauarum, Mupadá). Uma menor parte dos Kawaiwete vive em três territórios indígenas não-xinguanos

(TI Apiaká-Kayabi, TI Cayabi e TI Cayabi Gleba Sul). Dos três territórios, apenas no território indígena Xingu a língua é falada fluentemente por quase todos os moradores das aldeias, mas é ameaçada dado o crescente número de falantes do português nas aldeias. Missionários descreveram aspectos da fonologia e da morfossintaxe dessa língua (DOBSON, 1980, 1997, 2005) e compilaram um dicionário (WEISS, 1998), assim como narrativas (DOBSON, 1990). Linguistas documentaram aspectos da fonologia, pronomes (SOUZA, 2004), ordem livre de palavras e clíticos de segunda posição (FARIA, 2004; GOMES, 2002).

### 3. A distinção contável-massivo: breve histórico

Linguistas, filósofos e psicólogos cognitivistas discutiram extensivamente na literatura a distinção entre nomes contáveis (como “cachorro”) e massivos (como “sangue”) (BORER, 2005; BUNT, 1985; BURGE, 1972, 1979; CHIERCHIA, 1998a, 1998b, 2010; GILLON, 1992; KRIFKA, 1995; LINK, 1983; PELLETIER, 1975, 2009; QUINE, 1960; ROTHSTEIN 2010, entre outros). A tipologia seminal de Chierchia (1998a, 1998b) estabeleceu na literatura dois tipos de língua: as línguas de classificador (como o chinês) e as línguas de número marcado (como o inglês). Em línguas de número marcado apenas nomes contáveis podem ser pluralizados (“Os cachorros caíram/\* Os sangue<sub>s</sub> caíram”) e apenas nomes contáveis podem ser diretamente combinados a numerais (“Eu trouxe três cachorros para casa/ \* Eu trouxe três mel/água(s) para casa”). Construções com numerais e nomes massivos requerem um nome que indica uma unidade de individuação: um nome que denota um recipiente (como “copo”, “cua”) ou uma unidade de medida (“litro”, “quilo”), caso contrário a sentença é agramatical ou reinterpretada através de coerção (“Três cervejas e um café, por favor”, significando “Três copos/garrafas de cerveja e uma xícara de café” – PELLETIER, 1975; FRISSON; FRAZIER 2005; LIMA, 2012):

(1) \* Eu trouxe três sal

(2) Eu trouxe três cuias de sal/Eu trouxe três quilos de sal.

Nas línguas de classificador, nomes contáveis e nomes massivos também são gramaticalmente distintos. Nestas línguas, os nomes ocorrem nus – isto é, nenhum material funcional é associado aos nomes – e todos os nomes coocorrem com classificadores – isto é “uma palavra que denota algo como uma unidade de medida, um recipiente (...) palavras que expressam a ideia de unidade” (CHIERCHIA, 2010, p. 107; tradução nossa):

Chinês	(3a)	San	*(ge)	nanhai	(3b)	Yi	*(ben)	shu
		três	CL	menino		um	CL	livro
		“Três meninos”				“Um livro”		

(CHIERCHIA, 2010, p. 107 – exemplos 2a e 2b)

Os exemplos (3a) e (3b) mostram que mesmo nomes contáveis ocorrem com classificadores em chinês. Contudo, alguns classificadores só ocorrem com nomes contáveis e outros só com nomes massivos, o que levou alguns teóricos a argumentar a favor da existência de classificadores-contáveis e classificadores-massivos (CHENG; SYBESMA, 1999). Por exemplo, o classificador chinês *ge* só combina com nomes contáveis ou, quando combinado a nomes massivos como *xue* “sangue”, força uma leitura contável do nome:

Chinês	(4)	?? San	ge	xue
		três	CL	sangue
		“Três porções de sangue”		

(CHIERCHIA, 2010, p. 107 – exemplo 14)

Nos últimos anos, novos estudos apontaram para um terceiro tipo de língua: as línguas de número neutro. Estas línguas, tal como as línguas de classificador, são caracterizadas por nomes que ocorrem nus nas sentenças. Como muitas destas línguas não tem morfologia de número (singular ou plural) os nomes nus podem ser interpretados como singular ou plural:

Dëne Suliné (5a) Larry lághe ejëre nághélnígh  
 Larry uma vaca perf-comprar  
 “Larry comprou uma vaca”

(5b) Larry ejëre nádághélnígh  
 Larry vaca dist-perf-comprar  
 “Larry comprou vacas”

(WILHELM, 2008, p. 45 - exemplos 5a e 5b)

Nos exemplos acima, *ejëre* pode ser interpretado como singular (5a) ou plural (5b) mesmo que nenhuma morfologia de número seja adicionada. Em línguas de número neutro, diferentemente de línguas de classificador, não existem classificadores associados aos nomes. A distinção contável-massivo se dá no nível dos numerais: apenas nomes contáveis (como *dzol* “bola”, 6a) podem ser diretamente combinados a numerais:

Dëne Suliné (6a) Solághe dzol  
 cinco bola  
 “Cinco bolas”

(WILHELM, 2008, p. 46 - exemplo 8c)

(6b) \*Solághe ber (6c) Solághe nedádhi bër  
 cinco carne cinco quilo carne  
 “Cinco quilos de carne”

(WILHELM, 2008, p. 47 - exemplo 9b)

(WILHELM, 2008, p. 47 - exemplo 10a)

Além de Dene Suliné (WILHELM, 2008), outras línguas, tais como Blackfoot (WILTSCHKO, 2010), Karitiana (MULLER; STORTO; COUTINHO-SILVA, 2006), Ojibwe (MATHIEU, 2012) e St’at’imcets (DAVIS; MATTHESON, 1999) também apresentam propriedades que não poderiam ser descritas na tipologia proposta por Chierchia (1998a, 1998b). Em vista disso, Chierchia (2010) revisou a tipologia proposta anteriormente (CHIERCHIA, 1998a, 1998b) e argumentou a favor de

um terceiro tipo de língua (línguas de número neutro) que apresentaria propriedades diferentes das línguas de classificador e de número marcado. Crucialmente, Chierchia (2010) salienta que o conhecimento deste tipo de língua é ainda incipiente. Neste artigo descrevemos as propriedades da distinção contável-massivo em uma dessas línguas contribuindo assim para o debate acerca da tipologia da distinção contável-massivo a partir de uma língua do tipo número neutro. A seguir apresentamos as propriedades da língua Kawaiwete no que diz respeito à distribuição e interpretação: 1) dos nomes contáveis e massivos; 2) dos nomes-recipiente; 3) dos numerais.

#### 4. Numerais em Kawaiwete: propriedades morfológicas e distribuição

##### 4.1. Propriedades básicas dos numerais

Os numerais de um a quatro (*muapyt* “três”, *irūpawē* “quatro”) em Kawaiwete são morfológicamente simples e não referem a partes do corpo. Os numerais de cinco a vinte referem aos dedos das mãos (cinco a dez) e dos pés (dez a vinte). Acima de cinco e até vinte (o número máximo do sistema de contagem em Kawaiwete), os numerais são formados a partir da combinação de dois ou mais numerais (*muapyt irūpawē* “sete” - combinação do numeral *muapyt* “três” e do numeral *irūpawē* “quatro”) ou por reduplicação de um único numeral (*muapyapyt* “seis” – reduplicação do numeral três).

Os numerais na língua Kawaiwete apresentam uma morfologia distinta se combinados a nomes ou verbos. Numerais seguidos do morfema *-a* estão necessariamente modificando nomes. Numerais sem morfologia adicional modificam verbos:

(7a)	Muapyr-a	miaruu-a	aka'jam
	três-a	paca- a	fugir
	‘Três pacas fugiram’		
	# <sup>16</sup> “Paca(s) fugiram três vezes”		

16. Ao longo do texto o sinal “\*” indica agramaticalidade (que uma sentença é impossível na língua)

(7b) irupawê-a      miaruu-a      aka'jam  
 dois-a      paca- a      fugir  
 'Quatro pacas fugiram'  
 # "Paca(s) fugiram quatro vezes"

(8a) Muapyt      kasuru      ka'jami  
 três      cachorro      fugir  
 "Cachorros fugiram três vezes"  
 # "Três pacas fugiram"

(8b) Irupawê      kasuru      ka'jami  
 quatro      cachorro      fugir  
 "Cachorros fugiram quarto vezes"  
 # "Quatro pacas fugiram"

Nas sentenças acima, apenas numerais modificados pelo morfema *-a* (exemplos 7a e 7b) podem estar modificando o nome (*miaruu* "paca" e *kasuru* "cachorro"). O morfema *-a* é recorrente em outras línguas Tupi da família Tupi-Gurani, tal como discute Vieira (1995, p. 704) a partir da língua Assuriní do Trocará. Nesta língua o morfema *-a* também é afixado a nomes, tal como vemos abaixo:

Assuriní do Trocará

(9a) h-aty-a  
 3pt-esposa-nom  
 "Ele tem uma esposa"

(9b) se-memyr-a  
 1pos-filho-nom  
 "Meu filho/ Ele é meu filho"

(VIEIRA, 1995, p. 703 – exemplos 6b e 7b)

---

enquanto que o sinal "#" indica que uma determinada interpretação é impossível com a frase apresentada. Ou seja, a frase é gramatical, mas com uma interpretação distinta da marcada por "#".

Para a autora, esse morfema é “um operador sintático cuja função é transformar uma raiz em um nome” (VIEIRA, 1995, p. 704; tradução nossa) e não tem propriedades de definitude ou número. Segundo essa autora, uma hipótese plausível é argumentar que este morfema tem uma função crucial na língua já que em Assuriní a distinção entre as classes nomes e verbos não é nítida, assim como não é nítida em outras línguas Tupi-Guarani, tal como Tupinambá. De acordo com Lemos Barbosa (1956. p. 306) (apud VIEIRA, 1995, p. 704) em Tupinambá “(...) todo nome pode tornar-se predicativo, e todo verbo no infinitivo é um verdadeiro nome. Os mesmos morfemas parecem ter dois ‘status’: nominal e verbal (...). A presença ou não de determinados afixos é o que precisa se tal palavra é nome ou verbo”.

É possível que em Kawaiwete a função do morfema *-a* seja justamente formar um sintagma nominal, por essa razão a sentença na qual o numeral é modificado por esse morfema não pode ser interpretada como quantificando o evento.

Para concluir nossa apresentação das propriedades dos numerais, salientamos que os numerais em Kawaiwete podem ser reduplicados para indicar distributividade:

- (10) Muapyapyra e’emi ’nga ipira amu’at  
 três.red sempre 3sg peixe pegar  
 “Eu sempre pego peixes em trios (três em três)”

#### 4.2 *Propriedades básicas da distribuição dos nomes na língua Kawaiwete: a distinção contável-massivo*

##### 4.2.1. *Argumentos nus*

Kawaiwete é uma língua caracterizada por nomes que podem ser não especificados para número na sentença (singular, plural) e não especificados para definitude (definido/ indefinido). Desta forma, um nome nu pode ser interpretado como singular ou plural, definido ou indefinido de acordo com o contexto:

- (11) Kuima'e-a    moj-a            ajuka  
 homem-a    cobra- a            matar  
 “(Um/o/algum) homem(ns) matou(aram) a/uma/alguma cobra(s)”

Na sentença em (11) os nomes *kuima'e* “homem” e *moja* “cobra” podem ser interpretados como singular ou plural, definido ou indefinido de acordo com o contexto. Esta propriedade também caracteriza outras línguas indígenas brasileiras tais como Karitiana (MULLER; STORTO; COUTINHO-SILVA, 2006), Yudja (LIMA, 2012) e Kuikuro (FRANCHETTO; SANTOS; LIMA, 2013). Note que nomes nus em Kawaiwete podem ser usados em sentenças episódicas (11) como também podem ser usados para referir a um tipo/espécie (12):

- (12) Mytũ-a                    tepap/ nitywu'jawi  
 mutum-a                    extinto/desaparecimento  
 “Mutum está em extinção/desaparecimento”

Nomes, assim como os numerais, podem ser seguidos pelo morfema *-a* (13a) ou por um pronome de terceira pessoal (fala masculina: *'nga* “3s.masc”; *ee* “3s.fem”; *'ngã* “3s.masc”; fala feminina: *kĩã* “3s.masc”; *kynã* “3s.fem”; *wã* “3s.masc”) como pode ser observado nos exemplos (13b) e (13c). O morfema *-a* e o pronome de terceira pessoa não podem coocorrer: (14a e 14b). Note que enquanto o morfema *-a* é não marcado para definitude ou número, as formas pronominais são marcadas para singular ou plural:

- (13a) kasuru-a                ujã  
 cachorro-a                correr  
 “(O/um/alguns) cachorro(s) correu(eram)”

- (13b) Kasuru                'nga                    ujã  
 cachorro                3s                    correr  
 “(Um/o) cachorro correu”

(13c) Kasuru        ngã        ujân  
 cachorro        3pl        correr  
 “(Os/alguns) cachorros correram”

(14a) \* Kasuru-a    ’nga        ujân  
 cachorro-a        3s        correr

(14b) \* Kasuru-a    ngã        ujân  
 cachorro-a        3pl        correr

#### 4.2.2. *Plurais*

Em Kawaiwete apenas nomes humanos podem ser pluralizados:

(15a) kujã                      (15b) kujã-mera  
 mulher                      mulher-pl  
 “Mulheres”

(16a) kuima’e                (16b) kuima’e-fet  
 homem                      homem-pl  
 “Homens”

(17a) kunumĩ                (17b) kunumĩ-mera  
 criança                      criança-pl  
 “Crianças”

A distribuição dos morfemas de plural *-mera* e *-fet* não pode ser usada para distinguir nomes contáveis de nomes massivos, já que não é o caso, pois esse morfema só pode ser combinado a nomes contáveis (o que incluiria objetos e entidades atômicas em geral). Portanto, diferentemente de línguas de número marcado como o inglês e o português, em que a marcação morfológica de número pode ser usada para distinguir nomes contáveis de nomes massivos, em Kawaiwete este tipo de marcação morfológica não pode ser usado como um diagnóstico para distinguir classes de nomes no que se refere a essa distinção.

## 4.2.3. Numerais e a distinção contável-massivo

Os numerais são a classe de palavra crucial para distinguir nomes contáveis de nomes massivos. Em Kawaiwete, apenas nomes contáveis como *miaruu* “paca” (vide exemplos 7 e 8) podem ser diretamente combinados a numerais. Nomes massivos como *y* “água” requerem um nome-recipiente o qual intervém entre o numeral e o nome massivo. Na ausência do nome-recipiente, a sentença é agramatical ou o numeral é interpretado como quantificando o evento (18b):

- (18a) Maria            muapyr-y'a-a            'y-a            werut  
 Maria            três-cuia-a            água- a            trazer  
 “Maria trouxe três cuias de água”  
 # “Maria trouxe cuias de água três vezes”

- (18b) Maria            muapy            'y-a            werut  
 Maria            três            água-a            trouxe  
 “Maria trouxe água três vezes”  
 # “Maria trouxe três cuias de água”

Em Kawaiwete, nomes-recipiente (como ‘cuia’) em construções com numerais e nomes massivos não são opcionais. Contudo, essas construções podem ser locativas (19) ou não locativas (20):

- (19) Morofuangara    muapyra    wya            werup    yrũ    pype  
 enfermeira            três            sangue    trazer    tubo    em  
 “(A) enfermeira trouxe três (porções de) sangue em tubo(s)”

- (20) Morofuangara    muapyr-yrũ    wya            werup  
 Enfermeira            três-tubo            sangue    trazer  
 “(A) enfermeira trouxe três tubos de sangue”

As propriedades das construções com números em Kawaiwete sugerem que a distinção contável-massivo é gramaticalizada neste domínio, tal como observado para a língua Dene Suliné (WILHELM, 2008)

descrita na seção 3. Por essa razão um nome-recipiente é obrigatório nestas sentenças. Como nomes massivos tem denotação não atômica e seus átomos são vagos (isto é, a unidade mínima de um nome como arroz pode ser um grão de arroz, uma colher de arroz, uma panela de arroz e assim por diante, como ilustrado por Chierchia, 2010), enquanto nomes contáveis tem denotação atômica e não vaga (o que constitui uma paca é consistente através de diferentes contextos e um pedaço de paca não é chamado de paca mas sim de pedaço de paca). Quando um numeral é combinado com um nome massivo, um nome-recipiente é requerido para determinar qual é a unidade de individuação do nome massivo naquele contexto. Desta forma, por conta da denotação dos numerais, os quais contam apenas átomos delimitados e não vagos, um nome recipiente é necessário para determinar a unidade de contagem.

## 5. Considerações finais

Neste artigo mostramos que os nomes na língua Kawaiwete tem denotação de número neutro e que o morfema de plural *-mera* e seu alomorfe *-fet* é restrito a nomes humanos. Crucialmente, é possível observar que nomes contáveis e massivos são gramaticalizados de formas diferentes: enquanto nomes contáveis (atômicos; unidade mínima não vaga) podem ser diretamente combinados a numerais, nomes massivos (não atômicos; unidade mínima de contagem vaga) não podem. Isto se deve à denotação básica dos numerais. Numerais quantificam sobre unidades atômicas delimitadas. Por essa razão, um nome-recipiente é requerido em construções com numerais e nomes massivos, para que essas sentenças sejam gramaticais e não anômalas ou interpretadas como sentenças nas quais o numeral está quantificando o evento.

## Referências

BALE, A. ;BARNER, D. The interpretation of functional heads: using comparatives to explore the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, v. 26, n. 3, p. 217-252, 2009.

BORER, H. *Structuring sense: Volume 1 (In name only)*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BUNT, H. *Mass terms and model-theoretic semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BURGE, T. Mass terms, count nouns, and change. In *Mass terms: Some philosophical problems*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.

\_\_\_\_\_. Truth and mass terms. *The Journal of Philosophy*, v. 69, n. 10, p. 263-282, 1972.

CHENG, L.; SYBESMA, R. Bare and not-so-bare nouns and the structure of NP. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 4, p. 509-542, 1999.

CHIERCHIA, G. Plurality of mass nouns and the notion of 'semantic parameter'. In ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998a. p. 53-103.

\_\_\_\_\_. References to kinds across languages. *Natural Language Semantics* v. 6, p. 339-405, 1998b.

\_\_\_\_\_. Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese*, v. 174, n. 1, p. 99-149, 2010.

DAVIS, H.; MATTHEWSON, L. On the functional determination of lexical categories. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 27, n. 2, p. 29-69, 1999.

DOBSON, R. *Clause patterns in kayabí*. Brasília: SIL, 1980.

\_\_\_\_\_. *Textos kayabí*. Brasília: SIL, 1990.

\_\_\_\_\_. *Gramática prática com exercícios da língua kawaiwete*. Brasília: SIL, 1997.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da língua kayabi*. Cuiabá: SIL, 2005.

DOETJES, J. *Quantifiers and selection: on the distribution of quantifying expressions in french, dutch and english*. Leiden: The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.

FARIA, P. *Ordem oracional e movimento de clítico de segunda posição em kayabi*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

FRANCHETTO, B.; SANTOS, M.; LIMA, S. Count/Mass distinction in kuikuro: On individuation and counting. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro (UFRJ), v. 9, n. 1, p. 55-78, 2013

FRISSON, S.; FRAZIER, L. Carving up word meaning: Portioning and grinding. *Journal of Memory and Language*, v. 53, p. 277-291, 2005.

GILLON, B. Towards a common semantics for english count and mass nouns. *Linguistics and Philosophy*, v. 15, p. 597-640, 1992.

GOMES, N. *Observações sobre o kayabí: A variação da ordem e os clíticos de 2a posição*. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KRIFKA, M. Common nouns: A contrastive analysis of chinese and english. In *The generic book*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. p. 398-411.

LANDMAN, F. *Indefinites and the type of sets*. Oxford: Blackwell, 2004.

LIMA, S. About the count-mass distinction in Yudja: a description. In ROGERS, B.; SZAKAY, A. (Eds.). *15th WSCLA Proceedings*. Vancouver: UBCWPL, 2010. p. 157-164.

\_\_\_\_\_. Numerals and the universal packager in Yudja (Tupi). In: BOGAL-ALLBRITTEN, E. (Ed.). *6th SULA Proceedings*. Amherst: GLSA, 2012.

LINK, G. The logical analysis of plural and mass nouns: A lattice-theoretic approach. In: *Meaning, use, and interpretation of language*. Berlin: De Gruyter, 1983. p. 302-323.

MATHIEU, E. On the mass/count distinction in ojibwe. In: MASSAM, D. (Ed.). *Count and mass across languages*. Oxford: Oxford Press, 2012.

MÜLLER, A.; STORTO, L.; COUTINHO-SILVA, T. Number and the count-mass distinction in karitiana. *Revista da Abralín*, v. 5, n. 1/2, p. 185-213, 2006.

PELLETIER, J. Non-singular reference: Some preliminaries. *Philosophia*, v. 5, n. 4, p. 451-465, 1975.

\_\_\_\_\_. *Kinds, things and stuff*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

RODRIGUES, A. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

VIEIRA, M. D. The expression of quantificational notions in asurini do trocará: Against the universality of determiner quantification. In: EMMON, B.; PARTEE,

B.; KRATZER, A.; JELINEK, E. (Eds.). *Quantification in natural languages*. London: Kluwer Academic Publishers, 1995.

WEISS, H. *Para um dicionário da língua kayabi*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

WILHELM, A. Bare nouns and number in dëne suliné. *Natural Language Semantics*, v. 16, p. 39-68, 2008.

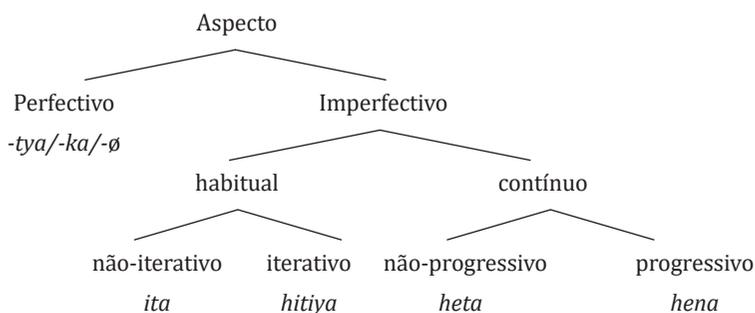
## Aspecto gramatical em Paresi-Haliti (Arawak): distribuição e significado<sup>17</sup>

GLAUBER ROMLING DA SILVA

### 1. O quebra-cabeças aspectual

**D**ESCREVEREMOS A DISTRIBUIÇÃO, CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS e significados dos morfemas apresentados em (1):

(1)



Buscaremos explicar a lógica subjacente às generalizações em (i-iv), a seguir, referentes à distribuição dos morfemas de aspecto na palavra verbal (*hitiya* é uma exceção, pois nunca ocorre na palavra verbal):

17. Esta pesquisa foi financiada, desde 2009 até 2013, com recursos do ELDP/SOAS da University of London, através de uma bolsa de viagem de campo, do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas do Museu do Índio (FUNAI) e de bolsa de doutorado concedida pelo CNPq ao autor entre 2010 e 2013.

- (i) o perfectivo está em distribuição complementar com imperfectivos contínuos (*\*tya-heta*, *\*tya-hena*), mas coocorre com imperfectivos habituais (*t-ita*, *tya hitiya*);
- (ii) se *hitiya* (imperfectivo habitual iterativo) ocorre *na segunda posição*, qualquer outro imperfectivo *contínuo* (*heta hitiya*, *hena hitiya*) pode ocorrer na primeira posição;
- (iii) se *heta* (imperfectivo contínuo progressivo) ocorre *na primeira posição*, qualquer outro imperfectivo (*het-ita*, *heta hitiya*, *heta-hena*<sup>18</sup>) pode coocorrer na segunda posição;
- (iv) todas as outras combinações são agramaticais (*\*ita hitiya*, *\*hitiy-ita*, *\*ita-heta*, *\*ita-hena*, *\*hena-heta*, *\*hen-ita*<sup>19</sup>).

À guisa de facilitar a compreensão do leitor sobre o que vai ser exposto, organizamos um quadro com a classificação interna de cada aspecto e a glosa utilizada para cada um deles:

Tabela: morfemas de aspecto em Paresi: formas, classificação e glosas

Forma	Classificação	Glosa utilizada
<b>-tya/-ka/—∅</b>	Perfectivo	PERF (perfectivo)
<b>Ita</b>	Imperfectivo, habitual, não-iterativo	CONT (contínuo)
<b>Hitiya</b>	Imperfectivo, habitual, iterativo	ITER (iterativo)
<b>Heta</b>	Imperfectivo, contínuo, não-progressivo	COMPL (completivo)
<b>Hena</b>	Imperfectivo, contínuo, progressivo	IMIN (iminente)

18. Veremos adiante que a coocorrência de um morfema tético (*heta*) e outro atélico (*hena*) em sequência deve-se à natureza de *hena* (glosado como IMIN ‘iminente’); que pode tanto denotar um evento que acabou de começar (ou seja com fronteira inicial marcada) ou que está prestes a começar (sem fronteira inicial marcada). A coocorrência somente é possível com a segunda leitura.

19. A sequência *hena ita* é possível somente em construções imperativas, que podem ser formadas com o morfema de aspecto iminente e inflexão prosódica, como em (A). Como o escopo desta seção limita-se somente às declarativas simples, essas sequências não serão abordadas:

(A) hi=waiya-henaita e-keteho-halo<n>-e mokotse-ira-nae an-a ite  
 2sg=ver-IMIN-CONT 3-caçula-adj.hum.masc<CL>-conc descendente-terpena-COL para-conc INT  
 ‘olhe para as filhas dele.’ (PWGRSS14Nov0902.011)

## 2. Aspecto gramatical

Descreveremos o aspecto gramatical (definido como contraposto à noção de aspecto lexical ou *aktionsart*<sup>20</sup>). Daremos ênfase à marcação morfológica de aspecto na palavra verbal. Os morfemas de aspecto também podem ocorrer sozinhos na periferia esquerda da sentença em Paresi-Haliti (SILVA, 2013).

Para explicarmos o significado engendrado pelos morfemas funcionais de aspecto, assumimos, como ponto de partida, a abordagem tradicional de ponto-de-vista (*the point of view approach*), presente nos estudos sobre línguas eslavas iniciados por Comrie (1976) e que encontraram ressonância posterior nos trabalhos de Smith (1997), Filip (1993) e Swart (1998)<sup>21</sup>, dentre outros. Este é um sobrevoo inicial sobre o significado e divisão interna dessa categoria funcional; mais estudos específicos são necessários para o entendimento exaustivo do fenômeno.

Na perspectiva adotada, as noções de perfectividade e imperfectividade assentam-se na distinção binária entre ‘a perspectiva da situação como um todo’ vs. ‘a perspectiva das subpartes que compõe a situação’ (COMRIE, 1976). Essa distinção chamaremos de Princípio A ou simplesmente (A). A distinção inicial de Comrie é definida nos termos de Filip (1993) *apud* Borik (2002, p.80-81) da seguinte forma:

Princípio A	[PERFECTIVE $\varphi$ ]	presents a situation as a single whole.
	[IMPERFECTIVE $\varphi$ ]	allows for the denoted situation
		NOT to be viewed in its entirety.

O verbo, em sua forma tida como básica (ou menos marcada), tem sempre leitura perfectiva, que é traduzida para o Português como passado perfeito<sup>22</sup> na tradução livre de nossos dados. Os morfemas *-tʃa*, *-ka*,

20. Termo que tem origem em Aristóteles (Metafísica IX) e encontrou eco e desenvolvimento na linguística germânica e eslava.

21. Cf. Borik (2002).

22. Obviamente não em verbos estativos, cuja *aktionsart* pode ser definida, em termos clássicos, como *enérgeia* (ARISTÓTELES, Metafísica IX), que denota processo ou movimento incompleto. Verbos desse tipo são traduzidos pelo equivalente ao presente do indicativo em Português (eu estou com fome, com sono, triste, etc.), pois sua tradução no passado perfeito denotaria mudança de

-ø são descritos em outros estudos da língua paresi ora como sílabas temáticas (BRANDÃO, 2009), ora como verbalizadores (BRANDÃO, 2010, ROWAN; BURGESS, 1969). Nossa análise é substancialmente diferente por descrevê-los como morfemas de aspecto perfectivo, cuja seleção é lexical. Uma evidência para isso é o fato de se encontrarem em distribuição complementar com os morfemas de aspecto imperfectivo contínuo (*heta* e *hena*), conforme mostramos nos dados (2-4-6; 3-5-7). Acrescentamos, também, exemplos do aspecto contínuo não-progressivo, o completivo *heta* (6-7):

(2a)	na=zawa-tya 1sg=lançar-PERF 'eu lancei (O)'	(2b) na=fitya-ø 1sg=plantar-PERF 'eu plantei (O)'	(2c) na=mo-ka 1sg=por-PERF 'eu pus (O)'
(3a)	no=zaira-tya 1sg=desenhar-PERF 'eu desenhei (O)'	(3b) no=tyoma-ø 1sg=fazer-PERF 'eu fiz (O)'	(3c) no=toto-ka 1sg=mexer-PERF 'eu biquei (O)'
(4a)	na=zawa-hena 1sg=lançar-IMIN 'estou para lançar (O)'	(4b) na=fitya-hena 1sg=plantar-IMIN 'estou para plantar (O)'	(4c) na=mo-hena 1sg=por-IMIN 'estou para por (O)'
(5a)	no=zaira-hena 1sg=desenhar-IMIN 'estou para desenhar (O)'	(5b) no=tyoma-hena 1sg=fazer-IMIN 'estou para fazer (O)'	(5c) no=toto-hena 1sg=mexer-IMIN 'eu estou para bicar (O)'
(6a)	na=zawa-heta 1sg=lançar-COMPL 'eu vou lançar (O)'	(6b) na=fitya-heta 1sg=plantar-COMPL 'eu vou plantar (O)'	(6c) na=mo-heta 1sg=por-COMPL 'eu vou por (O)'
(7a)	no=zaira-heta 1sg=desenhar-COMPL 'eu vou desenhar (O)'	(7b) no=tyoma-heta 1sg=fazer-COMPL 'eu vou fazer (O)'	(7c) no=toto-heta 1sg=mexer-COMPL 'eu vou bicar (O)'

estado e não completude de ação. Para os verbos do tipo *kínesis* (movimento completo), a tradução, sim, é no passado perfeito.

Como explicado em (i), os morfemas de perfectivo podem coocorrer somente com os morfemas de imperfectivo habitual (*ita*) não-iterativo (glosado como CONT) e *hitiya* iterativo (glosado como ITER). Borik (2002), que estuda as principais abordagens teóricas para o aspecto, não aborda o aspecto habitual, já que, conforme a autora afirma, testes seguros para sentenças não-episódicas são difíceis de serem aplicados<sup>23</sup>. Apesar da limitação da abordagem de Borik, arriscamos dizer, no entanto, que os padrões de complementaridade e coocorrência dos aspectos em Paresi fazem sentido de acordo com o apresentado por Comrie (1976), sumarizado no esquema (8), e definido por Filip (1993) no Princípio A.

De acordo com Filip (1993) há dois traços a serem considerados. O primeiro refere-se à oposição [+PART] vs [-PART], que pode traduzir a primeira oposição perfectivo vs imperfectivo e, também, as distinções internas do imperfectivo (habitual vs. contínuo) presentes em (1). A distinção partitivo-holística é representada por esses traços da seguinte maneira: predicados marcados perfectivamente são [-PART], pois apresentam a situação como um todo (7a); já predicados imperfectivos, com base em (2), podem ser tanto [+PART], quanto [-PART], ou seja, permitem o predicado NÃO ser tomado em sua integridade. É o que opõe, respectivamente, as leituras em (8a-b):

(8a)	(8b)
write a letter	write a (whole) letter (up)
‘escrever uma carta’	‘escrever uma carta (por completo)’

(FILIP, 1993 *apud* BORIK, 2002, p.80)

O segundo traço que Filip (1993) *apud* Borik (2002, p.80) considera é a *homogeneity* do evento, que pode ser [+BOUNDED] ou [-BOUNDED]]. Essa oposição traduz a clássica distinção entre tético e atélico, que opõe a natureza dos eventos em (8a-b), ambos [+BOUNDED], e o apresentado em (9) [-BOUNDED]:

23. “Habituality is outside the scope of the present thesis, therefore I will not comment on this use of progressive in subsequent presentation.” (BORIK, 2002, p.46)

(9)

run on the beach

'correr pela praia'

*(idem)*

Primeiramente, vejamos a distinção entre o que rotulamos como imperfectivo habitual: *ita* 'continuativo' e *hitiya* 'iterativo'. Como uma instância imperfectiva [+PART], a situação denotada por ambos permite ser repartida em instâncias menores. Os eventos denotados em (10a-b) podem ser interpretados como instâncias de um mesmo evento. A decomposição do evento em pequenos pedaços não implica, necessariamente, na inicialização de outro evento, mas pode ser considerada como a subsequência do mesmo.

(10a)

∅=ton-ita,	∅=ton-ita,	hoka	∅=ton-ita
3=andar-CONT	3=andar-CONT	ENTÃO	3=andar-CONT

'estava andando, andando, e andando'

(10b)

∅=tona-∅	hitiya ∅=tona-∅	hitiya	hoka	∅=tona-∅	hitiya...
3=andar-PERF	ITER 3=andar-PERF	ITER	ENTÃO	3=andar-PERF	ITER

'e andou outra vez, e outra vez, e outra vez...'

*ita* pode ter o mesmo sentido do gerúndio em Português (11a) ou de um habitual (11b) (referimo-nos aqui à aceção tradicional do rótulo descritivo habitual, que não é a mesma aceção de (1)). Em ambos os exemplos, temos casos de eventos [-BOUNDED]:

(11a)

na=ton-ita  
1sg=andar-CONT  
'eu estou andando'

(11b)

tyotyā  
ser.todo  
'eu ando todos os dias'

ferakene    na=ton-ita  
dia         1sg=andar-CONT

Já o iterativo denota ao menos uma repetição de um mesmo evento [+BOUNDED]:

(12a)		(12b)	
na=tona-∅	<u>hitiya</u>	hi-nama-ki	na=tona-∅ <u>hitiya</u>
1sg=andar-PERF	ITER	2-NUM-vez	1sg=andar-PERF ITER
‘eu andei outra vez’		‘eu andei de novo duas vezes’	

Todas as sentenças em (13), fora de contexto, são ambíguas entre os sentidos de hábito e de ‘gerúndio’. Parece que o que divide as duas interpretações do aspecto imperfectivo habitual não-iterativo *ita* [-BOUNDED] é somente a delimitação temporal, que pode recair sobre um evento sem fronteiras curto (como na denotação de “gerúndio”) ou longo (como na denotação de “costume, hábito”):

(13a)		
natyo	n=im-i	na=kola-t- <u>ita</u>
eu	1sg=roupa-conc.1sg	1sg=carregar-PERF- <u>CONT</u>
‘eu costume carregar/estou carregando a minha roupa’		

(13b)		
natyo	hitso	na=mo-k- <u>ita</u>
eu	você	1sg=bater-PERF- <u>CONT</u>
‘eu costume bater/estou batendo em você’		

(13c)		
natyo	one	no=tera-∅- <u>ita</u>
eu	água	1sg=beber-PERF- <u>CONT</u>
‘eu costume beber/eu estou bebendo água’		

Observe que os mesmos sentidos (“gerúndio” ou “hábito, costume”) são encontrados nas traduções de Rowan da variante da aldeia Nova Esperança. Em (14-15) temos exemplos do primeiro significado (“gerúndio, contínuo”); em (16), do segundo (“hábito, costume”):

(14)

$\emptyset$ -tyoa- $\emptyset$      $\emptyset$ -waiya- $\emptyset$ ,    hekota     $\emptyset$ -tyo-k-ita     $\emptyset$ -ka-nakair-ita.  
 3=vir-PERF    3=ver-PERF    então    3=sentar-PERF-CONT    3=ter-comida-CONT  
 ‘veio para vê-lo, mas ele continuava sentado e comendo.’

(ROWAN, 1978, p.29)

(15)

na-ton-ita    ene    hoka    olo     $\emptyset$ -hololo- $\emptyset$   
 1sg=andar-CONT    PASS    ENTÃO    dinheiro    3=tropear-PERF  
  
 no=boso<n>-i    ako=ta.  
 1sg=bolso<CL>-conc.1sg    dentro=EL  
 ‘estava andando e o dinheiro caiu do meu bolso, sem eu perceber’

(ROWAN, 1978, p.31)

(16)

tsini    tona-koni-ty-ita    koloho    koni  
 onça    andar-dentro-PERF-CONT    mato    dentro  
 ‘a onça costuma andar dentro da floresta’

(ROWAN, 1978, p.70)

Assim, a generalização em (i) pode ser expressa através da restrição em (17). Já a generalização em (ii) pode ser expressa como em (18). As generalizações (i-ii) são repetidas abaixo:

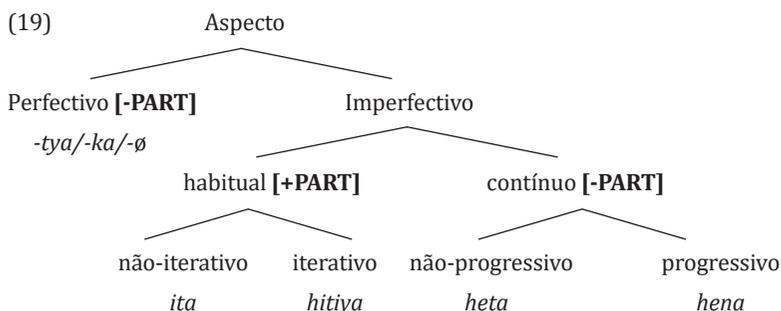
(i) o perfectivo está em distribuição complementar com imperfectivos contínuos (\**tya-heta*, \**tya-hena*), mas coocorre com imperfectivos habituais (t-*ita*, *tya hitiya*);

(17) \*[-PART]perfectivo, [-PART]imperfectivo

(ii) se *hitiya* (imperfectivo habitual iterativo) ocorre na segunda posição, qualquer outro imperfectivo contínuo (*heta hitiya*, *hena hitiya*) pode ocorrer na primeira posição;

(18) \*[+PART]imperfectivo [+PART]imperfectivo

Por enquanto, temos:



**[-BOUNDED] [+BOUNDED]**

Os imperfectivos contínuos (*heta* não-progressivo e *hena* progressivo), assim como o perfectivo, em termos de homogeneidade, não podem ser analisados como eventos repartidos e somente podem ser interpretados como um evento por completo, como se afirma no Princípio A.

(20a)

*ø-tona-hena	ø-ton-hena	hoka	ø=tona-hena
3=andar-IMIN	3=andar-IMIN	ENTÃO	3=andar-IMIN

‘estava para andar, para andar e para andar’

(20b)

*ø-tona-heta	ø-ton-heta	hoka	ø=tona-heta
3=andar-COMPL	3=andar-COMPL	ENTÃO	3=andar-COMPL

‘eu vou andar, vou andar e vou andar’

O significado dos morfemas contínuos *heta* e *hena* é menos intuitivo do que o dos habituais *ita* e *hitiya*, logo uma explicação prévia é necessária<sup>24</sup>. O imperfectivo contínuo não-progressivo *heta* denota (i) uma situação que acontecia (ou aconteceria) e que não ocorre no tempo de referência (21); ou (ii) uma situação que não acontecia (ou aconteceria) mas

24. Afinal, apesar de imperfectivos, são [-PART] como os perfectivos, o que nos leva, de maneira inescapável, a um maior esforço argumentativo para distinguir aqueles desses.

que ocorre no tempo de referência. Já o imperfectivo contínuo progressivo *hena* denota um evento que acabou de se iniciar ou que está prestes a se iniciar (22):

(21)

no=tera	n=ao- <u>heta</u>	one <sup>25</sup>
1sg=beber	1sg=querer- <u>COMPL</u>	água

‘(agora) eu quero beber água’ (pragmática: o ‘querer’ não ocorria antes (ou ocorreria depois), mas ocorre no tempo de referência)

(22)

ha=maniya-re	<u>hena</u>	tyaon-ita	e-tyani	zoimahaliti-hena.
3anaf-lado-NMLZ.AE	<u>IMIN</u>	ficar-CONT	3=filho	criança-IMIN

‘o filho dele já estava passando para a fase de adulto (um rapaz)’

(PWGRSS200ut0901.08)

Os exemplos em (23a-b) ilustram bem a oposição entre os dois aspectos *heta* e *hena*. A sentença com o verbo intransitivo é subordinada ao verbo *aoka* (querer), que ancora a referência temporal, e é gramatical somente com a forma imperfectiva contínua não-progressiva. A *aktionsart* de tipo *kínesis* (ARISTÓTELES, *Metafísica IX*, 1969), movimento completo (em contraposição a *energéia*, processo) do verbo *haikoa* ‘voltar’ impede o uso de um aspecto sem fronteira final definida, no caso o *hena*.

(23a)

Jurandir	Kolobi	haikoa- <u>heta</u>	ao-ka
Jurandir	Kolobi	voltar- <u>COMPL</u>	querer-PERF

‘Jurandir quer que o Kolobi volte’

(PAGRSS07Jun1101.12)

25. Explicar a ordem desta sentença ainda é um desafio. Se a ordem é O S-V em sentenças declarativas simples com sujeito pronominal, e a mesma relação argumento-núcleo permanece na complementação sentencial, então teríamos [[O S-V] S-V] [[one no=tera] na-ao-heta] subjacentemente; se, por sua vez, consideramos uma ordem diferente na complementação sentencial, temos [S-V [O S-V]] [na-ao-heta [one no=tera]]. Em ambos os casos, não há como postular qualquer tipo movimento sintático. O fator que gera esse tipo de ordem será investigado em trabalhos futuros.

(23b)

*Jurandir	Kolobi	haikoa- <u>hena</u>	ao-ka
Jurandir	Kolobi	voltar- <u>IMIN</u>	querer-PERF

‘Jurandir quer que Kolobi volte / (?) Jurandir quer que Kolobi esteja para voltar’

(PAGRSS07)jun1101.14)

Necessitamos, no entanto, explicar por que as instâncias imperfectivas [-PART], *heta* e *hena*, podem coocorrer (24), enquanto as instâncias [+PART], *ita* e *hitiya*, como vimos, não podem:

(24a)

natyo	n=im-i	na=kola- <u>heta-hena</u>	/*-ita	hitiya
eu	1sg=roupa-conc.1sg	1sg=carregar- <u>COMPL-IMIN</u>		

‘eu estava carregando a minha roupa’

(24b)

natyo	hitso	na=mo- <u>heta-hena</u>	/*-ita	hitiya
eu	você	1sg=bater- <u>COMPL-IMIN</u>		

‘eu estava batendo em você’

(24c)

natyo	one	no=tera- <u>heta-hena</u>	/*-ita	hitiya
eu	água	1sg=beber- <u>COMPL-IMIN</u>		

‘eu estava bebendo água’

Sentenças como (25) podem ter dois significados. O primeiro o de uma ação que acaba de começar (com fronteira inicial); o segundo, de uma ação que está prestes a começar (sem fronteira inicial).

(25)

one	no=tera-hena
água	1sg=beber-IMIN

‘eu acabei de começar a beber água / eu estou prestes a beber água’

Note-se que, apesar dessa variação, quando *heta* e *hena* coocorrem, somente a interpretação com fronteira inicial marcada, em que a ação já começou (*eu estava batendo em você*) é possível, enquanto a interpretação sem fronteira inicial, em que a ação ainda não se iniciou (*eu estava prestes a bater em você*) não é possível:

(26)

natyo	hitso	na=mo-heta-hena
eu	você	1sg=bater-COMPL-IMIN

‘eu estava batendo em você’/\*eu estava prestes a bater em você’

Dessa forma, parece que o que impede a coocorrência de *ita* e *hitiya*, instâncias [+PART], é o fato de um aspecto [+BOUND] *hitiya* não poder coocorrer com outro

[-BOUND] *ita*, cujo valor é o inverso e, portanto, logicamente impossível. É razoável, assim, pensarmos que a mesma restrição esteja ocorrendo nas instâncias imperfectivas

[-PART]. Se considerarmos *heta* como [+BOUND] e *hena* como subespecificado para [BOUND], a impossibilidade de uma interpretação [-BOUND] de *hena*, como em *eu estava prestes a bater em você*, torna-se também ilógica, pois esbarra em outra [+BOUND], *heta*.

Logo, podemos aprimorar (18), repetido em (27), com a restrição (28a) se considerarmos o traço que dá conta de ambas as instâncias [PART] imperfectivas: o traço [BOUND].

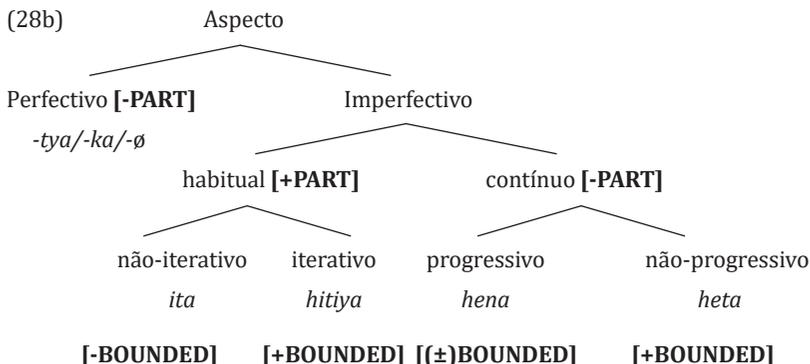
(27)

\*[+PART]imperfectivo [+PART]imperfectivo

(28a)

Se dois morfemas imperfectivos têm valor [PART] iguais, somente vão poder co-correr se os valores [BOUND] forem iguais.

Assim, finalizamos os exemplos (1) e (19) em (28b):



No entanto, o sistema de Filip (1993) apresenta um problema para a nossa descrição: ele não prevê eventos que sejam [-PART] e [-BOUND] ao mesmo tempo. Filip (1993) argumenta que todas as instâncias perfectivas [-PART] são inerentemente [+BOUND]. Borik (2002) argumenta contra essa hipótese com base em dados de Russo (Filip baseia-se em dados de Tcheco). Em predicados como os do Russo em (29a-b), com o marcador de perfeito *po-* / *pro-*, o teste de homogeneidade mostra que, apesar de comportarem a marca de perfeito, devem ser classificados como atelicos, como mostram suas leituras possíveis:

(29a)

Petja (po)iskal knigu polčasa → Petja (po)iskal knigu 15 minut

Peter (PF-)look.for-pst.sg.masc. book-ACC half-hour →

Peter (PF-)look.for-pst.sg.masc. book-ACC fifteen minutes

*'Peter looked for a book for half an hour →*

*Peter looked for a book for fifteen minutes'*

(29b)

Petja (pro)sidel v tjur'me pjat' let →

Peter (PF-)sit-pst.sg.masc. in prison five years →

Petja (pro)sidel v tjur'me dva goda

Peter (PF-)sit-pst.sg.masc. in prison two years

*'Peter was in jail for 5 years → Peter was in jail for 2 years'*

(BORIK, 2002, p.55)

Isso, portanto, abre a possibilidade para a existência de uma instância [-PART][-BOUND] em Paresi, representada por *hena* em uma de suas denotações. Dessa forma, as generalizações em (i-iv), podem ser correlatadas com as afirmações relevantes em (30-31).

A afirmação em (30) dá conta da generalização (i):

(30) \*[-PART]perfectivo, [-PART]imperfectivo

(i) o perfectivo está em distribuição complementar com imperfectivos contínuos (\**tya-heta*, \**tya-hena*), mas co-ocorre com imperfectivos habituais (*t-ita*, *tya hitiya*);

Já a afirmação em (31), dá conta das generalizações em (ii-iii).

(31) Se dois morfemas imperfectivos têm valor [PART] iguais, somente vão poder cocorrer se os valores [BOUND] forem iguais.

(ii) se *hitiya* (imperfectivo habitual iterativo) ocorre *na segunda posição*, qualquer outro imperfectivo *contínuo* (*heta hitiya*, *hena hitiya*) pode ocorrer na primeira posição;

(iii) se *heta* (imperfectivo contínuo progressivo) ocorre *na primeira posição*, qualquer outro imperfectivo (*het-ita*, *heta hitiya*, *heta-hena*) pode cocorrer na segunda posição;

A generalização em (iv) decorre das duas afirmações anteriores (30-31):

(iv) todas as outras combinações são agramaticais (\**ita hitiya*, \**hitiy-ita*, \**ita-heta*, \**ita-hena*, \**hena-heta*, \**hen-ita*).

### 3. Questões remanescentes

Sobre *heta*, é digna de nota a semelhança entre o que Smith (1997) chama de *conventional rules* no uso não-progressivo do imperfectivo em Russo. Apresentamos três denotações distintas: *annulled result* (32),

*discontinuity* (33) e *statement of fact* (34). Os dados (32-34a) são de Smith (1997, p. 238-239) *apud* Borik (2002, p. 78-79). Compare os dados (32-34a) de Russo com os dados (32-34b) de Paresi:

- *annulled result*

(32a)

k      vam      kto-to      prixodil  
 at    you      someone    come-IMP-pst.sg.masc.

'Someone was here /came for you (and left)'

(32b)

zoana    kalini    feraka zamani    iya      ali      heta      natyo.  
 que      hoje      dia OU            COND    aqui    COMPL    eu

'acho que hoje já (ele) estaria aqui (para mim).'

(PWGRSS14Nov0904.047)

- *discontinuity*

(33a)

Ja      uže      zapolnjal                    anketu.            Začem ešče      raz?  
 I      already    fill.in-IMP-pst.sg.masc.    questionnaire.    Why    again    time?

'I have already filled in the form. Why do I have to do it again?'

(33b)

∅-tema-∅            ∅-ainakoa-heta      ∅-katse-heta            toli  
 3=correr-PERF    3=voar-COMPL      3=estar.de.pé-COMPL    grupo

'levantaram correndo, reviveram de novo'

(PAGRSS08Set0904.122)

- *statement of fact*

(34a)

Ja      govovil                    emu            ob      etom  
 I      tell-IMP-pst.sg.masc.    him            about    it

'I told him about it'

(34b)

iwalanetse          kako-a          na=wala-tiho-heta  
 Iwalanatse          com-conc      1sg=chocalho-rosto-COMPL  
 ‘toquei/toco sobre teu rosto com seu próprio chocalho’<sup>26</sup>

(PAGRMDV01Nov0902.131)

Smith (1997) defende que o uso das *conventional rules* não é guiado pela semântica do aspecto, mas sim pela sua pragmática. De acordo com Borik (2002, p. 78), essas regras não são formuladas de maneira precisa e permanecem bastante língu-específicas. Talvez a tênue fronteira entre a semântica e a pragmática em que as instâncias [-PART] imperfectivas parecem operar seja a responsável pela dificuldade que encontramos em definir de maneira (mais) independente de contexto os sufixos *hena* e *heta*.

Também é interessante notarmos que as únicas formas em que há seleção lexical de forma são nos perfectivos (-*tya* / -*ka* / - $\emptyset$ ). A única regularidade que podemos apontar para a seleção desses sufixos é que verbos inacusativos descritivo-estativos sempre recebem - $\emptyset$ , já os demais verbos (referimo-nos aos não derivados, pois os derivados, sempre recebem -*tya default*), sejam eles transitivos ou intransitivos, recebem -*tya* (35a) ou -*ka* (34b). Ainda que essa distinção não esteja operando sincronicamente, -*tya* e -*ka* poderiam ter sido marcadores de *aktionsart* verbal. No paradigma -*ka* (34a) teríamos verbos inerentemente atélcos (atividades), onde o acarretamento apresentado é possível (34b); em -*tya* (35a), temos verbos inerentemente télcos, onde o acarretamento (35b) não é possível.

(34a)

miliri-ka      ‘segurar (O)’  
 oliri-ka      ‘espremer com as mãos (O)’  
 tsetse-ka      ‘roer (O)’  
 owi-ka      ‘derramar’  
 tohi-ka      ‘pingar’  
 xali-ka      ‘tremar’

(34b)

X estava segurando Y      → X segurou Y  
 X estava espremendo Y      → X espremeu Y  
 X estava roendo Y      → X roeu Y  
 X estava derramando      → X derramou  
 X estava pingando      → X pingou  
 X estava tremendo      → X tremeu

26. Ainda que o ato ilocucionário no exemplo em Russo seja constativo e o em Paresi seja performativo (opera num ambiente de cura xamânica, que reúne condições que autorizam seu proferimento), o sentido de *statement of fact* permanece.

(35a)		(35b)	
zawa-tya	'jogar (O)'	X estava jogando Y	→ ~X jogou Y
kola-tya	'carregar (O)'	X estava carregando Y	→ ~X carregou Y
moko-tya	'bater (O)'	X estava batendo em Y	→ ~X bateu em Y
aiko-tya	'cortar (O)'	X estava cortando Y	→ ~X cortou Y

Com dados limitados e sem testes específicos não é possível afirmar mais do que isso. A *aktionsart* verbal nas formas perfectivas e suas possíveis implicações morfossintáticas, a composicionalidade do aspecto e uma explicação para a ordem morfêmica nos padrões de coocorrência, temas não explorados nesta proposta inicial, devem ser abordados em pesquisas futuras.

## Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo; 1969.

BORIK, O. *Aspect and Reference Time*. Utrecht: Netherlands Graduate School of Linguistics; 2002.

BRANDÃO, A. B. Descriptive Words in Paresi-Haliti and in Other Arawak Languages. In: *Conference on Indigenous Languages of Latin America IV*, 2009. Austin; 2009.

BRANDÃO, A. B. Verb Morphology in Paresi-Haliti (Arawak). 2010. Report (Master) – University of Texas at Austin, Austin, 2010.

COMRIE, B. *Aspect: an Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

FILIP, H. *Aspect, situation types and nominal reference*. 1993. Doctoral Thesis – Department of Linguistics, The University of California at Berkeley, Berkeley, 1993. (Publicado como FILIP, H. *Aspect, Situation types and Noun Phrase Semantics*. New York/London: Garland Publishing, Inc., 1999).

ROWAN, O.; BURGESS, E. *Gramática Parecis*. Cuiabá: SIL, 1969. Edição Digital, 2009. Disponível em: <<http://ftp.sil.org/americas/brasil/publicns/dictgram/PCGram.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2014.

ROWAN, O. *Iraiti Xawaiyekehalakatyakala*: Dicionário Paresí-Português. Cuiabá: SIL, 1978. Edição Digital, 2001.

SILVA, G. *Morfossintaxe da Língua Paresi-Haliti (Arawak)*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

SMITH, C. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

SWART, H. de. Aspect Shift and Coercion. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 16, n. 2, p. 347-385, 1998.

## Estrutura da Sentença em Mawé

**RAYNICE GERALDINE PEREIRA DA SILVA**

### 1. Introdução

**S**OBRE A TIPOLOGIA DA LÍNGUA MAWÉ, CARACTERIZA-SE COMO uma língua de sistema ativo. São características dessas línguas a ausência de uma classe definida de adjetivos e a distinção, tanto de nomes, quanto de verbos, em ativos e inativos, com base nas relações de atividade ou inatividade expressas. Os conceitos correspondentes a adjetivos são expressos em Mawé por verbos intransitivos não ativos (estativos) (SEKI, 1990, p.367).

Essas línguas apresentam dois conjuntos de marcadores de pessoa um deles para codificar os participantes ativos – sujeitos dos verbos transitivos (A) e de verbos ativos (Sa), e outro para codificar o sujeito de verbos não ativos (So) e o objeto dos transitivos (O). De fato, a distinção entre os dois tipos de participantes se manifesta através do uso dos diferentes conjuntos de marcadores de pessoa existentes na língua.

Em Mawé, a ordem básica dos constituintes da oração é AVO para as orações transitivas e SV para as intransitivas. Ordens alternativas também são encontradas quando estão presentes fatores contextuais, como focalização, topicalização e outros. Na locução genitiva, o modificador (possuidor) precede o núcleo.

## 2. Marcadores de pessoa no verbo

## 2.1. Verbo transitivo

Estruturalmente o verbo transitivo admite dois argumentos; um na função de A<sup>27</sup>, tipicamente sujeito ou participante ativo da ação verbal, e um outro na função de O, objeto afetado pela ação expressa no verbo.

Em Mawé, o verbo transitivo ocupa a posição de núcleo da oração transitiva e ocorre com marcadores de pessoa que codificam o sujeito em (A) e/ou (O).

- |     |  |     |  |
|-----|--|-----|--|
| (1) | en etimosat enĩ<br>en e-ti-mosat enĩ<br>2SG 2SG:A-rel <sup>29</sup> -pendurar rede<br>'você pendurou a rede' | (2) | uito atiköesat i'ĩ <sup>28</sup><br>uito a-ti-köesat i'ĩ<br>1SG 1SG:A-rel-querer água<br>'eu quero água' |
|-----|--|-----|--|

O verbo transitivo admite marcadores de pessoa do Grupo I, série ativa, e do Grupo II, série inativa e recebe ainda os elementos relacionais *ti-* ~ *i-*  $\emptyset$ - e *h-*. Os paradigmas abaixo ilustram o uso dos marcadores de pessoa e dos elementos relacionais:

## PARADIGMAS DE VERBO TRANSITIVO PARA MARCAÇÃO DE A

	ma'at	'enganar'		enoi	'ensinar'
(3)	a-ti-ma'at	'eu engano O'	(4)	a-h-enoi	'eu ensino O'
	e-ti-ma'at	'tu enganas O'		e-h-enoi	'tu ensinas O'
	$\emptyset$ -ti-ma'at	'ele engana O'		$\emptyset$ -h-enoi	'ele ensina O'
	uru-i-ma'at	'nós(Excl.) enganamos O'		uru-h-enoi	'nós(Excl.) ensinamos O'
	wa-ti-ma'at	'nós(Incl.) enganamos O'		wa-h-enoi	'nós(Incl.) ensinamos O'

27. Os símbolos A, Sa, So e O são usados conforme Dixon, 1994.

28. Grande parte dos símbolos utilizados na grafia da língua Mawé são de grafia corrente, as exceções são para a oclusiva glotal [ʔ] grafada como ( ' ), vogais longas [V:] grafadas duplicadas (VV). O acento recai usualmente na última sílaba. As abreviaturas usadas neste artigo são: SG = singular, PL = plural, RELF = reflexivo,  $\emptyset$  = morfema zero, POSP = posposição, LOC = locativo, DIR = direcional, DEST = destino, INTER = partícula interrogativa, FOC = foco, DUB = dubidativa, DEM = demonstrativo, NMLZ = nominalizador, PART = partícula, ADV = Advérbio, NOM = nominal, COMT = comitativo, DIN = dinâmico, ATEST = atestado, AUX = verbo auxiliar, AFIR = afirmativa, PTC = potencial, EXOR = exortativo, FUT = futuro, IMP = imperativo, IMP.NEG = imperativo negativo, NEG = Negação, DAT dativo.

29. -rel- refere-se ao elemento relacional presente em línguas do tronco linguístico Tupi.

ewe-i-ma'at	'vocês enganam O'	ewe-h-enoi	'vocês enganam O'
ta'atu-∅-ma'at	'eles enganam O'	ta'atu-h-enoi	'vocês enganam O'

## PARADIGMA DE VERBO TRANSITIVO PARA MARCAÇÃO DE O

(5)	u-i-ma'at	'A me engana'	(6)	u-h-enoi	'A me ensina'
	e-∅-ma'at	'A te engana'		e-∅-enoi	'A te ensina'
	∅-∅-ma'at	'A o engana'		∅-∅-enoi	'A o ensina'
	uru-∅-ma'at	'A nos(Excl.) engana'		uru-∅-enoi	'A nos(Excl.) ensina'
	a-i-ma'at	'A nos(Incl.) engana'		a-h-enoi	'A nos(Incl.) ensina'
	e-i-ma'at	'A engana vocês'		e-h-enoi	'A ensina vocês'
	i'atu-∅-ma'at	'A engana eles'		i'atu-h-enoi	'A ensina eles'

Como outras línguas do tronco Tupi, o Mawé distingue quanto ao número primeira, segunda e terceira pessoa do singular, e no plural distingue primeira pessoas inclusiva e exclusiva, segunda e terceira pessoas.

## 2.2 Verbo intransitivo

O verbo intransitivo admite, sintaticamente, apenas um argumento na função de S e ocorre como núcleo da sentença.

A marcação pronominal dos verbos intransitivos é feita por duas séries de marcadores. Os do grupo I, série ativa, codificam o argumento Sa dos verbos intransitivos ativos e os do grupo II, série inativa, o argumento So dos verbos intransitivos inativos. As formas das duas séries são apresentadas abaixo:

	Grupo I (Série ativa)	Grupo II (série inativa)
1SG	a-	u-
1PL.INCL	wa-	a-
1PL.EXCL.	uru-	uru-
2SG	e-	e-
2PL	ewe-	e-
3SG	i- ~ ∅-	∅-
3PL	∅-	∅-
3SG.REFL	to-	to- ~ ∅-
3PL.REFL	ta'atu- te'eru	i'atu-

Em Mawé, o argumento único dos verbos intransitivos ativos (Sa) e o de verbos não ativos (So) se dividem em duas classes, conforme abaixo:

- |     |   |     |  |
|-----|---|-----|--|
| (7) | eipe ewei <sup>put</sup><br>eipe ewe-i- <sup>put</sup> <sup>30</sup><br>2PL 2PL:Sa-rel-correr<br>'vocês correm' | (8) | uito uimu'etu<br>uito u-i-mu'etu<br>1SG 1SG:So-rel-sonhar<br>'eu sonhei' |
|-----|---|-----|--|

Os exemplos em (7) com o verbo intransitivo ativo *put* 'correr', mostra o argumento na função de Sa, e aquele em (8) com o verbo inativo *mu'etu* 'sonhar' mostra o argumento na função de So.

Após a demonstração do funcionamento da marcação de pessoa nos verbos transitivos e intransitivos em Mawé, segue a descrição da estrutura sentencial na língua.

### 3. Estrutura da Sentença

#### 3.1. Oração transitiva

As orações transitivas são aquelas que apresentam um verbo que requer dois argumentos. Um deles na função de sujeito A, marcado por pronomes clíticos do Grupo I, série ativa, que, na estrutura da sentença, precedem o verbo, e outro em função de O, marcado por pronomes clíticos do Grupo II, série não ativa. Os argumentos A e O expressos por nome e pronomes não são obrigatórios e podem ser elididos na oração sendo codificados pelos clíticos do verbo.

- |     |   |      |  |
|-----|---|------|--|
| (9) | uito ati'auka hanu'na<br>uito a-ti-'auka hanu'an<br>1SG 1SG:A-rel-matar macaco<br>'eu matei macaco' | (10) | mi'i itek hirokat asap<br>mi'i Ø-i-tek hirokat Ø-Ø-asap<br>3SG 3SG:A-rel-cortar menino 3SG-rel.cabelo<br>'ele cortou o cabelo do menino' |
|-----|---|------|--|

30. As glossas e notações gramaticais deste artigo seguem as recomendações propostas por The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses, com algumas adaptações.

- |   |   |
|---|---|
| <p>(11) uikuap mi'i<br/>u-i-kuap mi'i<br/>1SG:A-rel-conhecer 3SG<br/>'eu conheço ele'</p> | <p>(12) e'akasa kurum<br/>e-Ø-'akasa kurum<br/>2SG:A-rel-ver menino<br/>'você viu o menino'</p> |
|---|---|

Nos exemplos de (9) a (12) são usados os grupos de marcadores de pessoa para identificação dos participantes.

### 3.2. *Ordem na oração transitiva*

A ordem básica dos constituintes nas orações transitivas é AVO, como ilustrado em (9) e (10) acima. Em casos como nos exemplos (11) e (12), o sujeito na função de agente está expresso na morfologia do verbo. Contudo, outras ordens podem ser encontrada em Mawé.

Os argumentos nucleares A e O podem ocupar as seguintes posições em relação ao verbo transitivo.

- |  |  |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">A    V    O</p> <p>(13) uito atikuap kurum<br/>uito a-ti-kuap kurum<br/>1SG 1SG:A-rel-conhecer menino<br/>'eu conheci o menino'</p> | <p style="text-align: center;">A    O    V</p> <p>(14) uito kurum atikuap<br/>uito kurum a-ti-kuap<br/>1SG menino 1SG:A-rel-conhecer<br/>'eu conheci o menino'</p> |
| <p style="text-align: center;">V    A    O</p> <p>(15) atikuap uito kurum<br/>a-ti-kuap uito kurum<br/>1SG:A-rel-conhecer 1SG menino<br/>'eu conheci o menino'</p> |  |

A ordem dos constituintes das orações transitivas apresentadas nos exemplos acima são as mais comuns, orações com O inicial são menos comuns e as com verbo inicial, como em (15) podem ocorrer dependendo da situação de interação.

Na ocorrência de advérbios são possíveis as seguintes ordens de constituintes:

- |   |   |
|---|---|
| <p>(16) A V O ADV<br/> uito atikuap kurum ŋa'atpo<br/> uito a-ti-kuap kurum ŋa'atpo<br/> 1SG 1SG:A-rel-conhecer menino ontem<br/> 'eu conheci o menino ontem'</p> | <p>(17) A V ADV O<br/> uito atikuap ŋa'atpo kurum<br/> uito a-ti-kuap ŋa'atpo kurum<br/> 1SG 1SG:A-rel-conhecer ontem menino<br/> 'eu conheci o menino ontem'</p> |
| <p>(18) A ADV O V<br/> uito ŋa'atpo kurum atikuap<br/> uito ŋa'atpo kurum a-ti-kuap<br/> 1SG ontem menino 1SG:A-rel-conhecer<br/> 'eu conheci o menino ontem'</p> | <p>(19) ADV V A O<br/> ŋa'atpo atikuap uito kurum<br/> ŋa'atpo a-ti-kuap uito kurum<br/> ontem 1SG:A-rel-conhecer 1SG menino<br/> 'eu conheci o menino ontem'</p> |

Nos exemplos, note-se que a língua não aceita o verbo em posição inicial, como observa-se nos exemplos acima. Os argumentos na função de A e O podem estar em foco, marcados pela partícula *ti ~ tiŋ* 'foco'. Nessa situação, o elemento focalizado pode ocupar qualquer posição, mas preferencialmente ocorre no início da sentença como no exemplo abaixo:

- |   |  |
|---|--|
| <p>(20) A V O<br/> Maria tunuŋ enĩ<br/> Maria Ø-tu-nuŋ enĩ<br/> Maria 3SG:A-rel-fazer rede<br/> 'Maria fez rede'</p>                            | <p>(21) A-foco V O<br/> Maria tiŋ tunuŋ enĩ<br/> Maria tiŋØ-tu-nuŋ enĩ<br/> Maria FOC 3SG:A-rel-fazer rede<br/> 'foi Maria que fez rede'</p> |
| <p>(22) O-foco A V<br/> eni) tiŋ Maria tunuŋ<br/> eni) tiŋ Maria Ø-tu-nuŋ<br/> rede FOC Maria 3SG:A-rel-fazer<br/> 'foi rede que Maria fez'</p> |  |

### 3.3. Orações intransitivas

As orações intransitivas são compostas por um verbo intransitivo com argumento único. Com base na marcação de pessoa, subdividem-se em intransitivas ativas, com o argumento na função de agente Sa, e intransitivas não ativas ou estativas, com argumento em função de So.

3.3.1. *Oração intransitiva ativa (Sa)*

As orações intransitivas ativas apresentam como núcleo um verbo intransitivo ativo com o argumento em função de Sa. O verbo recebe elementos pronominais do grupo I e os elementos relacionais *re-* *to-* e  $\emptyset$ . São exemplos desse tipo de construção:

- |  |   |
|--|---|
| <p>(23) en ere'êtem ŋetap wii<br/> en e-re-'êtem ŋetap wii<br/> 2SG 2SG:Sa-rel-sair casa POSP:LOC<br/> 'você saiu de casa'</p>   | <p>(24) mi'i toto ŋo kape<br/> 3SG <math>\emptyset</math>-to-to ŋo kape<br/> 3SG 3SG:Sa-rel-ir roça POSP:DIR<br/> 'ela foi para a roça'</p> |
| <p>(25) Zé put'ok'e to'iat ete<br/> Zé put'ok-<math>\emptyset</math>-<math>\emptyset</math>'e to-'iat ete<br/> Zé chegar-3SG:Sa-rel-AUX 3SG.REFL-casa(possuída) POSP:DEST<br/> 'Zé chegou em (sua própria) casa'</p> |   |

Os exemplos em (23) a (25) demonstram o comportamento das orações intransitivas com sujeito em Sa. Segundo Meira (2007, p.194), muitos verbos ativos são sincrônica ou historicamente reflexivos derivados pelo morfema reflexivo *we-*. Isso explica o alongamento da vogal observado na pronúncia de *re-* para as formas da primeira e segunda pessoas. Observe a conjugação das três pessoas do singular para o verbo *êtem* 'sair' abaixo:

- |   |  |
|---|--|
| <p>(26) are'êtem<br/> a-re:-'êtem<br/> 1SG-rel-sair<br/> ere'e)tem<br/> e-re:-'êtem<br/> 2SG-rel-sair<br/> tuwe'êtem<br/> tuwe-'êtem<br/> 3SG:REFL-sair</p> | <p>'eu saio'<br/><br/><br/> 'tu saís'<br/><br/><br/> 'ele sai'</p> |
|---|--|

Como se verifica nos exemplos, a hipótese de Meira parece se confirmar tendo em vista que, na terceira pessoa do singular, a marcação é *tuwe-* que se considera nesta pesquisa como 3SG.REFL.

### 3.3.2. Orações intransitivas não ativas (So)

As orações intransitivas não ativas apresentam como núcleo um verbo intransitivo inativo, cujo argumento único está em função de So. Admitem marcadores de pessoa do Grupo II, série não ativa e morfemas relacionais *i-*, *h-*  $\emptyset$ - e *he-*. São exemplos:

- |  |  |
|--|--|
| <p>(27) mi'i hewiri<br/> mi'i <math>\emptyset</math>-<math>\emptyset</math>-hewiri<br/> 3SG 3SG:So-caminhar<br/> 'ele caminha'</p>       | <p>(28) en ekít<br/> en e-<math>\emptyset</math>-kít<br/> 2SG 2SG:So-rel-ser gordo<br/> 'você é gorda'</p> |
| <p>(29) mi'i ipakup kahato<br/> 3SG <math>\emptyset</math>-i-pakup kahato<br/> 3SG 3SG:So-rel-ser novo muito<br/> 'ele é muito novo'</p> |  |

Os exemplos em (28) e (29) apresentam verbos que descrevem estados e que, nessa análise, são considerados como verbos intransitivos não ativos.

Usualmente, a ordem dos constituintes nas orações intransitivas tem o verbo em primeira ou segunda posição. Já a prefixação dos elementos pronominais e relacionais nem sempre acontece. Em certas construções, esses elementos podem ocorrer após a base verbal, são exemplos *put'ok'are* 'eu chego', *koi'are* 'eu planto' e *pititare* 'eu grito'. Essa possibilidade de ocorrência, tanto dos marcadores de pessoa quanto dos relacionais em Mawé reforça a opção pelo tratamento desses elementos não como prefixos pronominais e sim como pronomes clíticos.

## 3.4. Orações interrogativas

Entre os tipos de estratégias usadas em Mawé para expressar perguntas, encontram-se: i) a utilização da partícula interrogativa *apo* e, ii) palavras interrogativas que, estruturalmente, ocupam a primeira posição sentencial.

A utilização da partícula *apo* tem função interrogativa e é usada para perguntas gerais que incidem sobre um constituinte da sentença. São exemplos:

- |      |  |      |  |
|------|--|------|--|
| (30) | erenētup apo uhehai<br>e-re-nētup apo u-he-hai<br>2SG:Sa-rel-entender INTER 1SG-rel-falar<br>'você está me escutando falar?' | (31) | eakaŋ hatì apo<br>e-∅-akaŋ hatì apo<br>2SG-rel-cabeça dor INTER<br>'tua cabeça dói?' |
|------|--|------|--|

Note-se que o constituinte interrogado não é movido para a posição inicial da sentença, com em (31). A partícula *apo* ocorre usualmente em posição medial, sua ocorrência em posição inicial não foi observada.

Quando o elemento interrogado está em foco, a partícula foco *ti ~ tiŋ* precede a partícula *apo*. Nesse caso, o constituinte interrogado é movido para a posição inicial da sentença.

- |      |   |      |   |
|------|---|------|---|
| (32) | A-foco            V    O<br>José tiŋ apo    inuŋ   u:'i<br>José tiŋ apo    ∅-i-nuŋ u:'i<br>José FOC INTER 3SG:A-rel-fazer farinha<br>'foi José quem fez farinha?' | (33) | O-foco            A    V<br>u:'i tiŋ apo    José    tuŋuŋ<br>u:'i tiŋ apo José ∅-tu-nuŋ<br>farinha FOC INTER 3SG:A-rel-fazer<br>'foi farinha que José fez?' |
|------|---|------|---|

As palavras interrogativas são formas usadas com função interrogativa que, formalmente, possuem relação com outras classes de palavras, tais como nomes, locativos e demonstrativos. Perguntas de conteúdo podem ser respondidas com a utilização dessas palavras.

- |      |  |      |   |
|------|--|------|---|
| (34) | aikotã eipe weikoi waranã<br>aikotã eipe we-i-koi waranã<br>INTER 2PL 2PL-rel-plantar guaraná<br>'como vocês plantam guaraná?' | (35) | katsom iti terut<br>katsom i-∅-ti ∅-∅-terut<br>INTER 3SG-rel-mãe 3SG:A-rel-trazer<br>'o que será que sua mãe trouxe?' |
|------|--|------|---|

Em (34) a composição da palavra interrogativa apresenta a partícula *som* 'dubidativa', dando sentido de dúvida. Abaixo, o exemplo apresentado apresenta a mesma partícula com outra palavra interrogativa, mas com o mesmo sentido modal.

- (36) aikotã som eweipakpak ari'ip  
aikotã som ewe-i-pakpak aria'ip  
INTER DUB 2PL:A-rel.rachar pau  
'como será que vocês racham pau?'

As palavras interrogativas, geralmente, ocupam a primeira posição na sentença. Não houve registro de ocorrência de palavras interrogativas junto com a partícula *apo*.

Além das formas apresentadas, existe a forma nominal *uwen* 'quem/ alguém' empregada para interrogar itens de referência mais humano e *kat* ~ *kan* para interrogar itens de referência menos humano.

- (37) uwen ta'apik mejjũpe  
uwen ∅-ta-'apik mejjũpe  
INTER 3SG:A-rel.sentar DEM  
'quem sentou aqui?'

Palavras interrogativas podem funcionar como indefinidos – alguém/ quem, algo, etc.

- |      |  |      |   |
|------|--|------|---|
| (38) | uwen inuñ meipewat<br>uwen ∅-i-nuñ meipe-wat<br>INTER 3SG:A-rel.fazer DEM-NMLZ<br>'quem fez isso?' | (39) | kan hekatu'u aware<br>kan ∅-he-katu'u aware<br>INTER 3SG:So-rel.morder cachorro<br>'o que foi que o cachorro mordeu?' |
|------|--|------|---|

Ao ocorrerem como indefinidas, as palavras interrogativas recebem o morfema descontínuo de negação (*it*)...*'i* para expressar 'ninguém, nada'. Nessas situações ficam como declarativas.

- |      |   |      |  |
|------|---|------|--|
| (40) | kat'i uipowiro<br>kat-'i u-i-powiro<br>INTER-NEG 1SG:O-rel-ajudar<br>'nada me ajudou' | (41) | it uwen'i tuut<br>it=uwen-'i Ø-Ø-tuut<br>NEG=NOM-NEG 3SG:A-rel-vir<br>'ninguém veio' |
|------|---|------|--|

Assim como em Kamaiurá (SEKI, 2000, p. 218), em Mawé as palavras interrogativas adverbiais podem ser nominalizadas com o morfema nominalizador de circunstância *-wat*. Nesses casos interrogam funções nominais.

- |      |   |      |  |
|------|---|------|--|
| (42) | aikowat oken'ipi i'ï kapiat<br>aiko-wat oken'ipi i'ï kapiat<br>ADV-NMLZ porta rio PART:LOC<br>'qual porta dá [de frente] para o rio?' | (43) | mejêwat morekuat<br>mejê-wat morekuat<br>DEM-NMLZ chefe<br>'qual é o chefe?' |
|------|---|------|--|

Adverbiais locativos também podem exercer função interrogativa.

- |      |   |
|------|---|
| (44) | ajũpe eipotpap<br>ajũpe e-i-potpap<br>ADV 2PL:Sa-rel-trabalhar<br>'onde vocês trabalham?' |
|------|---|

Quanto aos elementos da sentença que podem ser interrogados, observa-se que os nominais *uwen* 'quem' e *kan ~ kat* 'o que' podem interrogar constituintes nas funções de sujeito e objeto direto.

- |      |   |      |   |
|------|---|------|---|
| (45) | uwen tuut mōkite<br>uwen Ø-Ø-tuut mōkite<br>NOM 3SG:A-rel-vir amanhã<br>'quem virá amanhã?' | (46) | kan ereha'at<br>kan e-re-ha'at<br>NOM 3SG:So-rel-ver<br>'o que você viu?' |
|------|---|------|---|

A interrogação de constituintes em função de objeto indireto e outros oblíquos é feita por palavras interrogativas já mencionadas, acompanhadas de posposição e acrescidas do morfema *-ĩ*, posicionado após a posposição.

- (47) uwen pēĩ etum wahi  
 uwen pe-ĩ e-∅-tum wahi  
 NOM POSP:LOC-INTER 2SG:A-rel-dar colar  
 ‘a quem você deu o colar?’

- (48) uwen wĩwoĩ ereto No kape  
 uwen wĩwo-ĩ e-re-to No kape  
 NOM POSP:COMT 2SG:As-rel-ir roça POSP:DIN  
 ‘com quem você foi para a roça?’

Adverbiais locativos e quantificadores também são interrogados pelo morfema *-ĩ*. Maiores investigações sobre o comportamento desse morfema serão feitas. Infere-se que, a partir dos dados, é ele que deriva palavras interrogativas a partir de adverbiais em geral, incluindo oblíquos.

A estrutura da sentença de respostas a perguntas em Mawé se dá de forma gramaticalmente completa, ou seja, com predicado, ou incompletas. São exemplos:

- (49) toĩ apo moi katu’u hap pohan  
 ∅-∅-toĩ apo moi katu’u hap pohan  
 3SG:As-rel-ter INTER cobra morder NMLZ remédio  
 ‘tem remédio para mordida de cobra?’

ta’i atikuap rat  
 ta’i a-ti-kuap rat  
 PART:AFIR 1SG:A-rel-saber PART:ATEST  
 ‘sim, eu sei’

Perguntas gerais sem a partícula *apo* podem ter como resposta uma construção que pode ser completa ou incompleta (50-51). O mesmo ocorre como resposta com o uso de palavras interrogativas, como em (49):

(50) hot'ok'e kat are'e hap

∅-∅-hot'ok-'e kat a-re-'e hap

2PL:O-rel-entender-AUX INTER 1SG:Sa-rel-dizer NMLZ

'vocês entenderam o que foi dito?'

ta'i hot'ok'e uruete

ta'i ∅-∅-hot'ok-'e uru-∅-ete

PART:AFIR 3PL:O-rel-entender-AUX 1PL.EXCL-rel-POSP:DEST

'sim, nós entendemos'

(51) areto aru no terça wuat hat iara pe

a-re-to aru no terça wuat hat iara pe

1SG:A-rel-ir PART:PTC EXOR terça PART:FUT NMLZ barco POSP:LOC

'vou no barco de terça-feira' (Literalmente: irei na terça em barco)

### 3.5. Construções imperativas

As sentenças imperativas em Mawé são marcadas pela presença de partículas imperativas. Características semânticas e morfossintáticas distinguem o imperativo simples e o exortativo.

O imperativo simples é marcado pela partícula *o* e com marcação específica para a segunda pessoa. Recebem marcadores de pessoa do grupo I da série ativa *e-* para a 2SG e *ewe-* para a 2PL. Além dos morfemas de negação (*it*)=, a língua usa a partícula *tei'o* ~ *mei'o* no imperativo negativo. São exemplos desse tipo de sentenças:

(52) ati'apuŋ o

e-ti-'apuŋ o

2SG:A-rel-empurrar IMP

'empurra!'

(53) it eti'apuŋ mei'o

it=e-ti-'apuŋ mei'o

NEG=2SG:A-rel-empurrar IMP.NEG

'não empurra!'

- (54) it etu'u tei'o pira  
 it=e-tu-'u tei'o pira  
 NEG=2SG:A-rel-comer IMP.NEG peixe  
 'não coma peixe!'

Os marcadores de pessoa da série ativa também indicam imperativo em verbos transitivos. O mesmo ocorre quando a sentença é um imperativo negativo.

- |  |  |
|--|--|
| <p>(55) eti'auka o moi<br/>         e-ti-'auka o moi<br/>         2SG:A-rel-matar IMP cobra<br/>         'mate a cobra!'</p> | <p>(56) it eti'auka tei'o moi<br/>         it=e-ti-'auka tei'o moi<br/>         NEG=2SG:A-rel-matar IMP.NEG cobra<br/>         'não mate a cobra!'</p> |
|--|--|

A ocorrência do exortativo se caracteriza pela partícula *to* (~ *ro* ~ *no*) posicionada após o verbo para exprimir ordem. A marcação de pessoa e a negação obedecem ao mesmo processo da sentença declarativa. São exemplos:

- (57) eterut ro uhepe  
 e-te-rut ro u-he-pe  
 2SG:A-rel-trazer EXOR 1SG:O-rel-POSP  
 'traga para mim!'
- (58) etum no uhepe  
 e-∅-tum no u-he-pe  
 2SG:A-rel-dar EXOR 1SG:O-rel-POSP:DAT  
 'dê para mim!'
- (59) it etem no tope  
 it=e-∅-tum no ∅-to-pe  
 NEG=2SG:A-rel-dar EXOR 3SG:O-rel-POSP:DAT  
 'não dê para ele!'

Em (56) verifica-se que não é usada a forma do imperativo negativo *tei'o* (~ *mei'o*), e sim o morfema de negação de sentenças declarativas. Isso se explica devido ao escopo do constituinte negado. No caso de (56), a negação tem como escopo o verbo *tum* 'dar'.

### 3.6. Negação

A negação sentencial em Mawé é marcada por morfemas específicos, que são: i) morfema descontínuo (*it*)=*...-i* e, ii) partícula contra-expectativa *hin'i*. O comportamento desses marcadores, o escopo da negação e a seleção desses obedecem a parâmetros específicos da língua. Nas orações declarativas independentes, o morfema descontínuo de negação (*it*)*...-i* é mais utilizado, ele nega predicados nominais e verbais, cujo escopo é o constituinte.

- (60) *it iasap'i*  
*it=i-asap-'i*  
 NEG=3SG-cabelo-NEG  
 'ele é careca' (Literalmente: ele não tem cabelo)

Em orações com verbos, o morfema descontínuo de negação marca negação dos seguintes tipos de predicados:

#### a) predicado verbal transitivo:

- (61) *it ati'apuŋ'i kat'i*  
*it=a-ti-'apuŋ-'i kat-'i*  
 NEG=1SG:A-rel-empurrar-NEG NOM-NEG  
 'eu não empurro nada'

#### b) predicado verbal intransitivo:

- (62) *en it era'akasa'i mi'i*  
*en it=e-ra-'akasa-'i mi'i*  
 2SG NEG=2SG:Sa-rel-ver-NEG 3SG  
 'você não a vê'

## c) Predicado verbal estativo

- (63) mi'i it ikahu'i  
 mi'i it=∅-i-kahu-'i  
 3SG NEG=3SG:Sa-rel-ser bonita-NEG  
 'ela não é bonita'

Certos constituintes da oração também podem ser negados pelo morfema descontínuo:

- (64) it meijũ'i tuut hamuat  
 it=meijũ-'i ∅-∅-tuut hamuat  
 NEG=ADV-NEG 3SG:A-rel-vir PART:FUT  
 'não será aqui que ele virá'

- (65) uito waku kahato Na'atpo it koiti'ti  
 uito waku kahato Na'atpo it=koiti'i-'i  
 1SG feliz muito ADV NEG=ADV-NEG  
 'ontem eu estava feliz, hoje não'

A negação com a partícula *hin'i* indica contra-expectativa com sentido de não pretender fazer. São exemplos:

- |                               |                                   |
|-------------------------------|-----------------------------------|
| (66) mi'i koiti'i toket hin'i | (67) areto hin'i escola pe        |
| mi'i koiti'i ∅-to-ket hin'i   | a-re-to hin'i escola pe           |
| 3SG ADV 3SG:Sa-rel-dormir NEG | 1SG:Sa-rel-ir NEG escola POSP:LOC |
| 'ela não dorme hoje'          | 'eu não vou à escola'             |

Em relação aos verbos cuja carga semântica é inerentemente negativa, como falhar, faltar, recusar e evitar pode-se considerar que eles não ocorrem. Nesses casos, o recurso utilizado é a negação da ação expressa na raiz verbal. São exemplos:

- (68) mi'i tuɲuɲ neran hin'i uu'i  
 mi'i Ø-tu-nuɲ-teran hin'i uu'i  
 3SG 3SG:A-rel-fazer-DES NEG farinha  
 'ela não quis fazer farinha' (ela evitou fazer farinha)

- (69) hariporia tikiesat hin'i sokpe  
 hariporia Ø-ti-kiesat hin'i sokpe  
 mulher 3SG:A-rel-querer NEG roupa  
 'a mulher não quis a roupa' (a mulher recusou a roupa)

#### 4. Considerações finais

A estrutura sentencial em Mawé se apresenta como orações independentes transitivas e intransitivas. Nessas últimas há uma subdivisão devido à marcação de pessoa no verbo. São as intransitivas ativas (Sa) e intransitivas não ativas (So). A ordem sentencial nas transitivas é AVO. Quando ocorrem advérbios, esses podem ocupar qualquer posição, a língua evita que a primeira posição seja ocupada por verbos (V), sendo sujeito (A) e objeto (O) os elementos preferenciais. Quando em foco, os argumentos na função de A e O são marcados pela partícula *tiŋ* 'foco' e ocupam a posição inicial da sentença. As orações intransitivas apresentam como núcleo um verbo intransitivo, cujo argumento único pode estar em função de Sa (intransitivas ativas), e So (intransitivas não ativas). Entre as estratégias do Mawé para expressar perguntas, são usados morfemas, partículas e palavras que interrogam estruturas sentenciais independentes transitivas e intransitivas. Já as sentenças imperativas subdividem-se em imperativo simples e exortativo; há também na língua uma partícula com função de imperativo negativo. A negação sentencial é feita a depender de parâmetros da língua Mawé envolvidos na seleção de marcadores que são o morfema descontínuo de negação e a partícula contra-expectativa.

#### Referências

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. (Cambridge Studies in Linguistics 69): Cambridge University, 1994.

LEIPZIG UNIVERSITY. *The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Disponível em: <[http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/glossing\\_rules.php](http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/glossing_rules.php)>. Acesso em 02/06/2009

MEIRA, S. Statives verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and Tupian family, In: ROWICKA, G. J; CARLIN, E. B. (Eds.). *What's in a verb?* Studies in the verbal morphology of the languages of the Americas. LOT: Utrecht, 2007. p. 189-214.

SEKI, L. Para uma Tipologia Ativa do Kamaiurá. *Cadernos linguísticos*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, v. 12, p. 15-24, 1987.

\_\_\_\_\_. Kamaiura (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: PAYNE, D. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 367-92.

\_\_\_\_\_. *Gramática do Kamaiurá*. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

# Sistema fonológico do Cayapó do Sul (Panará-Jê)

**EDUARDO ALVES VASCONCELOS**

## 1. Introdução

**N**A PRESENTE ANÁLISE É APRESENTADA A HIPÓTESE DE SISTEMA fonológico para o Cayapó do Sul (Panará-Jê), a partir dos registros linguísticos disponíveis sobre a língua que foi falada por este povo. Cayapó do Sul foi a denominação dada ao povo indígena que entre os séculos XVIII e XIX manteve contato e conflito intermitente com as frentes de colonização do Brasil Central, principalmente, no centro sul de Goiás e Triângulo Mineiro, e foram dados como extintos nas primeiras décadas do século XX. No final da década de 1970, o antropólogo Richard Heelas levantou a hipótese de que os Cayapó do Sul seriam os antepassados dos Panará, povo, então, recém-contatado na Serra do Cachimbo, na divisa dos estados de Mato Grosso e Pará. Essa hipótese foi corroborada por Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giralдин (1997), Dourado (2001, 2004) e Vasconcelos (2013).

Sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul, restam-nos somente listas de palavras que, com exceção do registro de Alexandre de Sousa Barbosa, não ultrapassam uma centena de itens. O mais antigo é o Registro de Batismo de Vila Boa, datado de 1782, ano em que um grupo Cayapó do Sul foi levado para a capital da província e aldeado em Maria I. O registro do viajante-naturalista Emmanuel Pohl (1782-1834) foi realizado no ano de 1819 com os índios do aldeamento de São José das Mossâmedes, para onde os Cayapó do Sul de Maria I foram transferidos em 1813 (GIRALDIN, 1997; RASTEIRO, 2013); sua lista foi publicada em

1832, no primeiro volume do seu diário de viagem. Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico francês, também produziu o seu registro entre os Cayapó do Sul de São José das Mossâmedes, poucos meses após a visita de Pohl, publicando no quarto volume do “Voyage aux interieur du Brésil”, em 1848.

Já as listas do médico alemão Kupfer (1870), anotada em 1850, do capitão do exército brasileiro Lemos da Silva (1882) e do farmacêutico Carl Nehring (publicada em Ehrenreich, 1894), foram coligidas em Santana do Parnaíba (Parnaíba/MS). Por fim, o registro mais relevante é, sem dúvida, o de Alexandre Barbosa (1918), anotado em 1911, no Triângulo Mineiro, entre índios da Aldeia da Água Vermelha. Seu registro consta de cerca de 700 itens e duas centenas de frases.

Para a investigação do sistema fonológico do Cayapó do Sul, foi necessário, inicialmente, fazer a análise grafemática (ou grafêmica) dos registros linguísticos disponíveis e a síntese de tal análise é exposta nos quadros (1-7). A análise fonológica, por sua vez, é apresentada nas sessões seguintes nas quais se investigou as oposições básicas no sistema consonantal e vocálico, bem como a configuração da sílaba.

Quadro 1: Vila Boa (1782)			
Consoantes			
p	t		k
	s ~ z	ʃ	
m̃b ~ b			ŋg
m	n	ɲ	ŋ
w	r ~ l	j	
Vogais			
i, ĩ			u, ũ
e, ě	ə		o, õ
a, ã			

Quadro 2: Pohl (1832)				
Consoantes				
p b	t	ʃs	tʃ	k
	s		ʃ	
m	n			
w	r l		j	
Vogais				
i, ĩ		u, ũ		
e, ě		o, õ		
a, ã				

<b>Quadro 3: Saint-Hilaire (1848)</b>				
Consoantes				
p b	t d	ḡs	ḡj	k
	s		ʃ ʒ	h
m	n		ɲ	
w	r l		j	
Vogais				
i, ĩ		u		
e		o, õ		
a, ã				

<b>Quadro 4: Kupfer (1870)</b>				
Consoantes				
p b	t	ḡs	k	
	s	ʃ	x	h
m	n	ɲ		
w	r l	j		
Vogais				
i, ĩ		i		u, ũ
e, ě				o, õ
a, ã				

<b>Quadro 5: Lemos da Silva (1882)</b>			
Consoantes			
p b	t		k
	s	ʃ	
m	n	ɲ	
w	r	j	
Vogais			
i, ĩ		u, ũ	
e, ě		o, õ	
a, ã			

<b>Quadro 6: Nehring (1894)</b>			
Consoantes			
p	t	ḡs	k
	s	ʃ	ʀ
m	n	ɲ	ŋ
w	r	j	
Vogais			
i, ĩ		u, ũ	
e		o, õ	
a, ã			

<b>Quadro 7: Barbosa (1918)</b>				
Consoantes				
p b	t d		k g	
	s	ʃ		h
m	n	ɲ	ŋ	
m̂p	n̂t		ŋ̂k	
w	r	j		
Vogais				
i, ĩ		i, ĩ		u, ũ
e, ě		ə		o, õ
a, ã				

## 2. Sistema consonantal

### 2.1. Fricativas

Em cada lista Cayapó do Sul, há a representação de, ao menos, duas consoantes africadas e/ou fricativas. Para os registros de São José de Mossâmedes, que corresponde às listas de Vila Boa (1782), Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848), considerando a qualidade dos registros e a distribuição destes segmentos, foi possível reduzir a diversidade de realizações a  $\text{t̃s}$  e  $\text{ʃ}$ . Já para as listas de Santana do Paranaíba – Kupfer (1870), Lemos da Silva (1882), Ehrenreich (1894) –, as fricativas e africadas convergem a um único segmento  $\text{t̃s}$ . Em Barbosa (1918), por sua vez, encontramos uma variação combinatória em que  $\text{[s]}$  ocorre com todas as vogais, exceto com  $\text{[i]}$ , justamente onde é registrada a ocorrência de  $\text{[ʃ]}$ , enquanto tanto  $\text{[s]}$  quanto  $\text{[ʃ]}$  são registrados formando *cluster* com  $\text{[w]}$  (*kapaxuá* ‘sal’, *çuá* ‘dente’). Há somente um item em que a palatal  $\text{[ʃ]}$  ocorre com  $\text{ô}$  (*potinaxô* ~ *potinacá* ‘vaca’).

Mesmo com a particularidade dos registros de Mossâmedes, propõe-se que o fonema fricativo do Cayapó do Sul é o  $\text{/s/}$ , por ser o mais geral e todas as realizações das fricativas e africadas dos demais registros convergem para este segmento.

#### (4) Segmentos fricativos e africados em Cayapó do Sul<sup>31</sup>

a. <i>chuí</i> (SH)	<i>pachuí</i> (L)	<i>çuá</i> (B)	‘dente’
b. <i>shapá</i> (P)	<i>xapaia</i> (L)	<i>çapáia</i> (B)	‘enxada’ <sup>32</sup>
c. <i>muschiu</i> (P)	<i>mochi</i> (K)	<i>môcê, môcý</i> (B)	‘milho’
d. <i>usúm</i> (P)	<i>uxum</i> (L)	<i>uçum</i> (B)	‘pai’
e. <i>chucotó</i> (SH)	<i>zucoté</i> (K)	<i>çukôt</i> (B)	‘peito’

### 2.2. Obstruintes, nasais e pré-nasalizadas

Um ponto comum a todas as listas, com exceção de Nehring (1894), é o registro de obstruintes descontínuas sonoras. Em Pohl (1832) e

31. Adoto, para os registros Cayapó do Sul, as seguintes siglas: Vila Boa, 1782 (VB); Pohl, 1832 (P); Saint-Hilaire, 1848 (SH); Kupfer, 1870 (K); Lemos da Silva, 1882 (L); Nehring, 1894 (N); Barbosa, 1918 (B).

32. Em Pohl (1832), ‘machado’.

Saint-Hilaire (1848), são observadas as seguintes ocorrências (a) (P) *robú* [ro'bu] 'cão' e (b) (P) *cubu pápa* [kubu 'papa] 'caçar', (c) (SH) *jóbo* ['ʒɔbo] 'carne' e (d) (SH) *impudé* [impu'dɛ] 'pescoço'. Para (a) o termo correspondente em Barbosa é *ióp*. Recorrendo às correspondências em línguas Jê, temos: Apãniekrá /rɔp/ (ALVES, 2004), e Apinajé [rɔbɔ], fonemizado /rɔp/ (SALANOVA, 2001). O registro em (a) se assemelha ao fenômeno descrito para línguas como o Apinajé (SALANOVA, 2001), Kaingang de São Paulo (D'ANGELIS, 2002) e Panará (VASCONCELOS, 2013), de epêntese vocálica (no caso das duas primeiras línguas, uma cópia da sílaba antecedente, enquanto que no Panará o apoio vocálico é realizado com a vogal [i]). No entanto, em (a) o diacrítico recai na última sílaba, nesse caso é preciso considerar: (i) a falta de clareza quanto à função deste diacrítico no registro; (ii) a alternância de uso do diacrítico entre Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) em *cupá* (P) : *cúpa* (SH) 'terra' e *tepú* (P) : *tépo* (SH) 'peixe'; (iii) o uso do diacrítico em *tepú* (P), que além da variação com Saint-Hilaire, apresenta as correspondências: *tãpe* (N); *tép* (B); e, ainda, /tɛp/ em Mebengokre e Apinajé (SALANOVA, 2001); (iv) uma diferenciação dialetal, nesse caso, no Cayapó do Sul falado em Mossâmedes teria desenvolvido uma vogal tônica (cf. (d) *impudé* 'pescoço'); e, ainda, (v) uma junção de morfemas, em que o elemento sufixado estaria motivando a realização sonora de um subjacente desvozeado, para (a) e (d).

Para a hipótese (v), D'Angelis (comunicação pessoal) aponta que *impudé* poderia ser interpretado como *impud + wɛ*, em que *wɛ* é um assertivo ou demonstrativo (semelhante ao *vẽ* do Kaingang) e *tepú* como *tep + ʔu* (semelhante ao *ʔũ* do Kaingang, que significa: algum, um, indeterminado).

Ainda a respeito das obstruintes sonoras em Pohl (1832), temos (b) *cubu pápa* 'caçar', uma composição em que o primeiro termo *cubu* corresponderia, em Barbosa (1918), a 'passear' *kbú, kubú*, em que a vogal final é parte da raiz e é a sílaba tônica, o que explica a supressão da vogal da primeira sílaba em fala rápida em Barbosa (1918). Já em (c), *jóbo* 'carne', não são encontradas quaisquer correspondências com os demais registros do Cayapó do Sul, nem com demais línguas Jê; uma hipótese é que seja um empréstimo, provindo de *jabá*, uma das denominações dadas ao

método utilizado para a conservação da carne, principalmente a bovina, largamente utilizado no Brasil no século XIX (outras denominações são carne-seca e charque<sup>33</sup>).

As demais ocorrências das oclusivas vozeadas são:

**(i).** No Registro de Batismo de Vila Boa (1782) são identificadas as sonoras [b] e [g], seguidas por grafema nasal, *Pembaque* e *Angrayocha*, ou precedidas por silêncio, *Bazeque* e *Banequere*, e, ainda, um caso de [b] intervocálico, *Caçacabe*. A oclusiva [g] ocorre somente precedida por *n*, sugerindo que essa sequência seja uma representação para a nasal velar [ŋ], ou mesmo uma pré-nasalizada [ŋ̃g]. A sonora [b] também pode ser associada às pré-nasalizadas: [mb] ~ [b], sugerindo uma interpretação em que essas consoantes sejam consoantes pré-nasalizadas que se realizam com contorno oral diante de uma vogal oral e, assim, a realização plenamente oral é interpretada como um caso de gradiência, ou, ainda, equívoco de percepção da nasalidade;

**(ii).** Kupfer (1870), *bitó* ‘tio’. Em Barbosa (1918) as formas encontradas para ‘tio’ foram *çutón*, *citón*, *xitón*, sugerindo que a vogal nasal diante silêncio não é percebida por Kupfer, como podemos observar em outros itens da sua lista: *ikiá* ‘cabeça’ (*icrian* – SH, *paquiã* – L, *kián* – B), *puará* ‘homem’ (*impuaria* – SH, *impúará* – B), *ipó* ‘filho (pequeno)’ (*ipán* – B), *hi* ‘carne’ (*in*, *cin* – B), *nó* ‘grande’ (*inán*, *nán* – B). Acrescenta-se ainda a desnasalização de um empréstimo: *urucu* para ‘urucum’. Curiosamente, *bitó* é o único item do seu registro em que há o grafema *b*. Essa discrepância pode ser resultado de: equívocos na transcrição das obstruintes surdas e sonoras ou de nasalidade, ou, ainda, erros de transposição do manuscrito de Kupfer para a versão impressa;

**(iii).** Em Lemos da Silva (1882), há cinco ocorrências com *b*. A interpretação possível para (i) *incretuba* ‘patrono’ é que seja um neologismo, incluindo um empréstimo de Língua Geral Paulista: a composição teria como base um termo do Cayapó do Sul, *incré*, e outro de origem Tupí: *-tuba*: o vocábulo Cayapó do Sul pode estar ligado ao termo (B) *kukré* ‘casa’ ou ‘aldeia’, enquanto o termo tupí poderia estar

33. Jabá “[...] segundo Silveira Bueno, tupi yabá ‘fugir; esconder-se’ relacionado ao fato de os viajantes, que se ausentavam de casa, levarem a carne seca como farnel; o vocábulo tupi é atestado também por Teodoro Sampaio (...)” (Houaiss, 2007).

relacionado a *tupã* (introdução missionária, relacionado a santo ou santidade), neste caso teríamos algo como “o santo da igreja” ou “santo da aldeia”; outra interpretação possível seria relacionar o termo *incré* ao verbo plantar (B) *tikré*, nesse caso “santo da plantação”<sup>34</sup>. Já para (ii) *achotemanancabu* ‘homem mal (estar bravo)’, (iii) *cuxaquiá ietube* ‘(estar) bêbado’, (iv) *nacretibu* ‘estar cheio’, as formas *-bu* e *-be* são interpretadas como uma variação de [p] ao ser contrastado com *inquêtupe* ‘estar com fome’. Nesses itens temos a variação *-be* ~ *-bu* ~ *-pe*, sugerindo depreender um morfema. Por fim, ainda teríamos o vocábulo (v) *compembe* ‘acabou’, em que a interpretação precisa considerar a possível vogal nasal precedente e a obstruinte ocupando a posição de *coda* silábica, neste caso, vogal final epentética (processo observado em outros itens da lista de Lemos da Silva e nas demais listas Cayapó do Sul – cf. adiante);

(iv). Em Barbosa (1918), há tanto ocorrências de *b* quanto de *d* e, ainda, uma única de *g*, nas quais sugerimos reconhecer: (a) uma percepção ou variação com a desvozeada, como em *batutí* ‘tamanduá-mirim’, *batutiínan* ‘tamanduá-bandeira’, *potiti* (Kupfer e Lemos da Silva), *tinugré* ‘escorregar’; (b) empréstimo de Língua Geral, *burubú* ‘cova para assar carne’, *kianindé* ‘corredeira’<sup>35</sup>; e (c) vozeamento que envolve nasalidade: *ambrendá* ‘dois’, *iundé* ‘atravessar’, *iundê* ‘compadre’, *iundêkua* ‘comadre’, e *tapyiundé* ‘arrepender-se, soltar’. Um último registro que não se assemelha em nenhum dos casos listados é *bokuató*, *bôkuató* ‘desejo, vontade’; para este item, uma hipótese é que seja uma composição (neologismo, talvez missionário) de ‘querer+olho’, *mâkiá*, *mukiá* + *tó*<sup>36</sup>.

Nos casos em que vozeamento e nasalidade estão envolvidos é preciso considerar (segundo D’ANGELIS 1998, 2002) as relações destes traços entre si e destes com o traço soante. Neste sentido, é que são apresentados os itens em (5), em que se tem a presença de *in* (ou *im*) em inúmeros termos e comum a todas as listas:

34. Tal interpretação é sugerida por D’Angelis (comunicação pessoal).

35. Este termo pela sequência grafema nasal-grafema obstruinte poderia configurar no caso (c), contudo, como observaremos logo a seguir, é mais coerente que seja interpretado como empréstimo de língua geral.

36. Em Lemos da Silva (1882) “me dá” *maquia*, Kupfer (1870) *makiá* e Barbosa (1918) *mâkiá*, *mukiá* ‘querer’.

- (5)
- |  |                 |
|--|-----------------|
| a. (P) <i>impôti</i> , (SH) <i>impo</i> , (K) <i>impó</i> , (L) <i>impo</i> , (B) <i>impo</i> , <i>mpó</i> | ‘veado’         |
| b. (SH) <i>impute</i> , (N) <i>impũtẽ</i>  | ‘sol’           |
| c. (K) <i>impú</i> , (L) <i>impú</i> , (N) <i>impũ</i> , (B) <i>impú</i>                                   | ‘homem, pênis’  |
| d. (SH) <i>impudé</i> , (B) <i>impút</i>   | ‘pescoço, nuca’ |
| e. (P) <i>intá</i> , (K) <i>intá</i> , (L) <i>intá</i> , (B) <i>intá</i>                                   | ‘chuva’         |
| f. (SH) <i>intó</i> , (K) <i>intó</i> , (N) <i>intõ</i> , (B) <i>intó</i> , <i>ntó</i>                     | ‘olho’          |
| g. (SH) <i>intiera</i> , (K) <i>intiará</i> , (B) <i>intié</i> , <i>intierá</i>                            | ‘mulher’        |
| h. (K) <i>incipiá</i> , (L) <i>insipia</i>   | ‘esposa, moça’  |
| i. (SH) <i>incó</i> , (N) <i>inkó</i> , (B) <i>inkó</i> , <i>nkó</i>                                       | ‘água’          |
| j. (L) <i>incré</i> , (B) <i>inkré</i>   | ‘escroto’       |
| k. (P) <i>incója</i> , (K) <i>kuschiá</i> , (L) <i>cuxá</i> , (B) <i>inkôço</i>                            | ‘aguardente’    |
| l. (L) <i>inquêtupe</i> ‘estou com fome’ (B) <i>inkiêto</i>  | ‘fome’          |

E ainda em Barbosa (1918): (m) *impá* ‘ventre, estômago’; (n) *incêp* ‘morcego’; (o) *inkué* ‘chorar’; (p) *inpén*, ‘mel’.

Assume-se que o Cayapó do Sul, como as demais línguas da família Jê, faz oposição oral/nasal nas vogais (cf. RODRIGUES, 1999) e a forma utilizada pelos anotadores para marcar esse traço nos registros é o uso dos grafemas nasais *m* e *n* subsequentes aos grafemas vocálicos (ou ainda o til em Barbosa e Lemos da Silva). A oposição oral/nasal nas vogais é evidenciada na justificativa de Saint-Hilaire ([1848] 1975) para o uso da ortografia do português, pois essa “acompanha mais de perto do que a nossa [a francesa] a maneira como as palavras são pronunciadas. Além do mais, essa grafia admite uma acentuação prosódica e indica vogais nasais”; acrescentando: “o *im* final é um *i* muito nasal e o *ão* é *on* fortemente nasal” (p. 68 – grifo meu). Já Barbosa (1918), por sua vez, enfatiza: “as vozes *an*, *en*, *in*, *on*, *un*, *am*, *em*, *im* e *um* são nasaes” (p. 41).

Interpretar que o *im(n)* em (5a-p) como uma vogal nasal levaria nossa análise à hipótese de que estas consoantes são obstruintes ou, ainda, obstruintes que receberiam contorno nasal pela adjacência à vogal nasal. Contudo, itens como *pantó* (*pa + ntó*) ‘olho (de gente)’, em Lemos da Silva, só são explicados por regras de assimilação da nasalidade e queda da vogal, tais regras necessitariam abranger as seguintes ocorrências em Barbosa (1918): *tinkônípín* (“pronuncia-se tĩkô nó pín” – p. 58), ‘afogar’, çankou ~ çankô ‘saliva’, *cinnankô* ‘diaréia’, *tinkó* ‘molhar’ (*ti* ‘marca

de 3ª pessoa singular' + *nkó* 'água'). Acrescenta-se, ainda, as ocorrências de Barbosa (1918) para 'veado' (5a), 'olho' (5f) e 'água' (5i).

A favor dessa hipótese, temos a interpretação de Dourado (2001) para o conjunto de prefixos que marcam "a contiguidade e não-contiguidade do elemento determinante em uma estrutura sintagmática" (DOURADO, 2001:17). Seguindo Rodrigues (1981, 1990 apud DOURADO, 2001), ela os denomina "prefixos relacionais": s-, ĩ-, Ø- para não-contiguidade, e y- e Ø- para contiguidade. Para casos como *nākā ātō* 'cobra RC-olho' ela assume que se trate de um caso de assimilação do traço da vogal precedente, ou seja, o morfema aí não é ĩ- e sim Ø-, *nākā Ø-ītō*, que por, talvez, uma regra pós-lexical permitiria a assimilação.

No Apãniekrá, no entanto, a justificativa de Alves (2007) para estabelecer uma série de pré-nasalizadas é observar que em [i:'tō] 'meu olho', [a'tō] 'teu olho' e [ĩn'tō] 'olho dele', em comparação com [rɔp.tĩ'ntō] 'olho de onça' e [rɔp.ti'pa.] 'pé de onça', a "pré-nasalização não é provocada pelo prefixo de 3ª pessoa, nem pelo possuidor, mas que ela é parte da consoante inicial do termo inalienável (...)" (p. 50).

Uma hipótese alternativa é assumir que nos itens (5a-p) estamos diante consoantes subjacentemente pré-nasalizadas (e a vogal [i] ou [ĩ], anotada à sua esquerda, seria um erro de percepção dos anotadores, ou realização fonética). A favor desta hipótese temos a ocorrência para 'olho de gente', *pantó*, em Lemos da Silva (1882) e os termos derivados do radical para 'água' em Barbosa, além das já citadas ocorrências em (5a, f, i). As pré-nasalizadas não estariam restritas ao início de palavras, uma vez que elas são identificadas em posição intervocálica: (P) *pintue* 'filho, filha', (B) *pintué* 'moça', (SH) *intompéipārē* (K) *tompé* (L) *taumpé ~ taōpe* (B) *tompé* 'bonito, bonita'. Pontua-se, ainda, que Câmara Jr. (1959) propõe formas pré-nasalizadas em sua reconstrução de radicais para o Proto-Jê.

Neste caso, é preciso avaliar a realização das consoantes plenamente nasais. Elas formam uma série independente ou são realizações fonéticas de consoantes pré-nasalizadas? Pelos dados disponíveis é possível afirmar que não há duas séries (nasais plenas e pré-nasalizadas) e sim que ou as nasais são alofones das pré-nasalizadas ou aquelas são alofones destas. Em sua proposta de Geometria de Traços, D'Angelis

(1998) esclarece que “quando Nasal for um traço fonológico (privativo) em uma língua determinada, ele estará alocado sob um nó articulador *Soft Palate* (SP), quer em vogais, quer em consoantes (i.e., onde quer que a oposição *nasal x oral* seja fonológica)” e esclarece que “a presença do traço fonético [nasal] não implica necessariamente a presença do traço fonológico correspondente” (D’ANGELIS, 2002, p. 86). Assim, línguas que fazem a oposição soante *x* obstruinte realizam “soanticidade pelo abaixamento do véu palatino. Nesse caso, a nasalidade é apenas recurso para implementação do traço *Spontaneous* (ou *Sonorant*) *Voicing* (SV), ou seja, uma condição de implementação fonética” (*ibid.*). Para a variedade do Kaingang do oeste catarinense (língua Jê meridional), D’Angelis (2002) assume que “há uma oposição *nasal-oral* nas vogais, mas oposição *soante-obstruinte* nas consoantes” (*id.*, p.87) e sugere “que o processo significativo que opera na língua é o *espalhamento* do nó [SP] dos segmentos adjacentes que não o portam subjacentemente” (*ibid.*). Assim, segundo D’Angelis (1998) as consoantes nasais são soantes especificadas subjacentemente pelo traço SV, mas não para (SP); já as vogais são especificadas para SP (com especificação do traço nasal para as vogais nasais) e também para SV. As soantes nasais realizam-se plenamente diante de vogais nasais e são pré-nasalizadas ou pós-oralizadas diante de vogais orais, pelo espalhamento do nó SP. Em Kaingang, o *output* é uma pós-oralizada vozeada, resultado da aplicação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) que motivaria a fusão dos nós SV adjacentes.<sup>37</sup>

Considerando que tais distinções estejam operando em Cayapó do Sul, propõe-se, para o conjunto de itens em 5(a-p), que as pré-nasalizadas ocorrem subjacentemente e, precedendo vogal nasal, realizam-se como nasais plenas, resultado do espalhamento de SP da vogal – marcado pelo traço nasal – para a consoante em *onset*, uma soante, que não possui esse nó subjacentemente. O mesmo se daria com a realização pré-nasalizada, porém, o espalhamento de SP – não marcado para nasal – não afetaria a

37. D’Angelis (1998, p. 20-21, p. 235-236) propõe que nas línguas Jê e Macro-Jê que apresentam esse processo, o contorno é dessoantizado, o que significa que, além de oral (ou desnasalizado), perde também o vozeamento. No entanto, diferenças de sincronização entre o vozeamento da vogal seguinte e o término da consoante em *onset* (VOT) produzem resultados distintos nas diferentes línguas: em algumas, percepção da dessoantização parcial é de mp, nt, etc.; e em outras, mb, nd, etc.

realização da soante em *onset*. Por fim, as ocorrências de *mb*, *b* e *ng* no Registro de Vila Boa, de *mb* e *nd* em Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918) estão relacionadas às consoantes pré-nasalizadas, e como aponta D'Angelis (1998, p. 20-21), resultado de um fenômeno de gradiência na passagem da fase soante para a fase dessoantizada.<sup>38</sup>

(7) Pré-nasalizadas em Cayapó do Sul (itens de Barbosa, 1918)

/ˈnta/	<i>intá</i>	'chuva'	/ˈnto/	<i>intó</i>	'olho'
/ˈŋko/	<i>nko</i>	'água'	/ˈnsep/	<i>incêp</i>	'morcego'
/ˈŋkue/	<i>inkué</i>	'chorar'	/ˈm̃pa/	<i>impá</i>	'ventre, estômago'
/m̃p̃en/	<i>inpén</i>	'mel'	/toˈm̃pe/	<i>tõmpé</i>	'bonito'
/pañtãˈta/	<i>panatá</i>	'farinha'	/ñtãˈpia/	<i>napía</i>	'onça'
/m̃pãhã/	<i>mahán</i>	'ema'	/ñtã/	<i>nan</i>	'grande'

### 2.3. Coda

Nas seções anteriores, discutimos as ocorrências dos segmentos em ataque silábico, a hipótese sobre a constituição do sistema consonantal é retomada agora na discussão sobre os segmentos licenciados em *coda*.

A realização de consoantes obstruintes em coda silábica é evidente no registro de Barbosa (1918). Nesta lista foram encontrados aproximadamente 80 itens com [t], enquanto para [p] e [k] há cerca de uma dezena (cf. 8a-e).

- (8)
- a. *incêp* (B) 'morcego'
  - b. *ainnicôp* (B) 'mosca varejeira'
  - c. *kukút* (B) 'abóbora'
  - d. *çancýt* (B) 'chocalho'
  - e. *pôk* (B) 'canao'

Na discussão sobre a *coda* silábica é preciso considerar que o Cayapó do Sul compartilha com línguas como o Apinajé, Mebengokre (SALANOVA, 2001) e Kaingang de São Paulo (D'ANGELIS, 2002) processo de inserção vocálica em sílabas finais subjacentemente CVC, formando uma

38. É preciso considerar a interpretação que cada anotador deu a essa característica da língua.

sílaba CV átona. Comparando as ocorrências de *coda* obstruintes no registro de Barbosa (1918) com demais registros do Cayapó do Sul, foram identificados quatro tipos de correspondências: no primeiro a vogal epentética é sempre [e] (9a-b); no segundo, a vogal é cópia do núcleo da sílaba subjacente (9c); no terceiro uma sílaba CVC em Barbosa (1918) corresponde a uma sílaba CVØ em Kupfer (1870) (9e); por fim, o quarto tipo é aquele em que nos registros de Santana do Paranaíba há inserção da vogal [e] e nos registros de Mossâmedes há uma vogal posterior (9f-g).

- (9) a. *çuntót* (B), *pantóte* (L) ‘umbigo’  
 b. *iútât* (B), *hiutote* (K) ‘sol’  
 c. *tónhót* (B), *tonjotto* (N) ‘caititu’  
 d. *çuntót* (B), *pããto* (L), *zutö* (N) ‘língua’  
 e. *pépét* (B), *pepé* (K) ‘mole, fraco’  
 f. *tép* (B), *tãpe* (N), *tépo* (P), *tepú* (SH) ‘peixe’  
 g. *çukôt* (B), *zucoté* (K), *chucóto* (SH) ‘peito’

A vogal inserida em (9a-b) pode ser interpretada como a default do processo ou, alternativamente, é resultado da percepção do transcritor. A realização em (9c) parece não ser produtiva na língua, ou os registros não a evidenciam. Já em (9 f-g), apesar de incipiente, a mudança do padrão de inserção vocálica pode sugerir mais uma diferenciação dos Cayapó do Sul aldeados em Mossâmedes, ou ainda, como apontado anteriormente, estamos diante de uma junção morfêmica, em que o morfema prefixado à raiz estaria motivando a realização da vogal posterior.

Além de segmentos obstruintes, a coda silábica Cayapó do Sul também é preenchida, ao menos foneticamente, pelas soantes. Em (10a-h) depreende-se a ocorrência das nasais; já na sequência (10i-k), retomamos a ocorrência das obstruintes em coda, para uma discussão da relação destes segmentos com a proposta de consoantes subjacentemente pré-nasalizada. Por fim, em (10l-p) ilustram as ocorrências de [r].

- (10) a. *antoná* (P), *atóma* (N), *atóme* (B) ‘arma’  
 a<sup>1</sup>. *antoaáschú* (P) ‘munição’  
 a<sup>2</sup>. Panará: [a'tõ] ~ [ha'tõ] ‘espingarda’

- a<sup>3</sup>. Panará: [atõ'si] 'munição'
- b. *içáme* (B) 'ereto, erguido'
- c. *kientóm* (P), *kientómá* (K) 'sacerdote'
- d. *aín* (B) 'excremento'
- d<sup>1</sup>. *cinnankô* (B) 'diarréia'
- e. *keni* (P) 'pedra'
- f. *apéne* (B) 'longe'
- g. *pángue* (B) 'calor'
- h. *iápúng* (B) 'descer'
- i. *itpé* (P), *hepé* (K) 'homem branco'
- i<sup>1</sup>. Panará: [i'pẽ] ~ [hi'pẽ] 'estrangeiro'
- j. *itpe-pri* (P), *imprím* (N), *téprín*, *iprínra*, *priara* (B) 'criança'
- k. *itpéntié* (P), *insipiá* (L), *intié*, *intierá* 'menina, mulher'
- L. *pir* (B) 'caminho'
- l<sup>1</sup>. Panará [p̃ir] 'caminho'
- m. *kir*, *ikíh* (B), *kiúte* (P), *kiuhi* (K) 'frio'
- m<sup>1</sup>. Panará: [k̃ji] 'frio'<sup>2</sup>
- n. *pâr* (B) 'remédio'
- n<sup>1</sup>. Panará: [p̃æ̃ko] 'remédio'
- o. *poré* 'pedaço de pau' (SH), *pêr* [p̃æ̃r]<sup>3</sup> 'pau'(B)
- o<sup>1</sup>. Panará: [p̃æ̃ri] ~ [p̃æ̃ri] 'pau'
- p. *tikurciê* 'golpe', *tikucý* 'bordoadá' (B)

As ocorrências em (10a-b) sugerem que a labial *m*, subjacentemente /m̃p/, também ocorre em coda, enquanto os itens em (10d, f-h) são identificadas as ocorrências de *n*, e em (10g-h) são evidências para uma coda em /ŋ̃k/. Se tal hipótese estiver correta, além de três representantes das obstruintes também teríamos três representantes das soantes pré-nasalizadas. Acrescentando-se ainda a soante [r] (8l, n). Tal configuração apresenta certa aleatoriedade nos itens licenciados em coda, além de tornar essa posição silábica sobrecarregada: três obstruintes, três soantes pré-nasalizadas e ainda a soante /r/. Se soantes pré-nasalizadas e obstruintes são identificadas em *coda*, é preciso considerar duas vias de interpretação: (i) realização fonética de segmentos subjacentes

pré-nasalizados; ou (ii) neutralização das obstruintes e soantes diante de vogal oral.

Lembrando que na interpretação em curso, consoantes nasais plenas só se realizam na adjacência a vogais nasais, resultado do espalhamento do nó SP das vogais para as consoantes, enquanto o faseamento nasal das soantes é permitido pela instrução [abaixar VP] dada por SV (*Sonorant Voice*). Tal processo, por sua vez, tem como domínio a sílaba, ou seja, o espalhamento de SP se dá a partir do núcleo silábico para suas margens (*onset* e *coda*). No entanto, para o Cayapó do Sul, com resultados diferentes no *onset* e na *coda*. No *onset* teríamos pré-nasalizada variando com segmentos plenamente nasais, condicionado à qualidade do núcleo silábico. Já para a *coda*, a variação seria entre realizações completamente orais e desoantizadas, quando o núcleo é uma vogal oral, e nasais plenas, quando a vogal for nasal. Comportamento semelhante descrito por D'Angelis (2002) para o Kaingang de São Paulo.

A coda em *t* dos itens de (10j-k) retirados da lista de Pohl (1832) é, então, resultado deste processo; neste caso a forma subjacente seria /iñt.'pẽ/ (*estrangeiro*).<sup>39</sup> Um fato interessante sobre a forma encontrada em Pohl (1832) é que a palavra para 'estrangeiro' em Apãniekrá (*kupẽ*) só tem nasalidade na sílaba final, possivelmente tônica. Essa característica comum entre o registro de Pohl (1832) e o Apãniekrá (ALVES, 2004) indica uma possível diferenciação da variedade de Mossâmedes. Quanto à hipótese da desoantização das *codas*, é preciso considerar os seguintes itens:

- (11) a. *terenêt* (B) 'coité'  
 b. *panhót* (B) 'dormir'  
 c. *kuánháp* (B) 'goiaba'

Nos itens (11a-c), as vogais na sílaba final precisariam ser interpretadas como vogais nasais para que seja possível a realização de uma consoante nasal plena em *onset*, contudo, se a hipótese sobre a *coda* estiver

39. Em Pohl (1832), *itpé*. A realização (ou notação) da vogal final oral pode ser atribuída à ausência de marcação de nasalidade em fim de palavra por parte dos transcritores alemães, como nos casos citados de Kupfer (1870).

correta, os segmentos nesta posição deveriam, também, ser nasais. Acrescenta-se, ainda, como contra-argumento ao processo de espalhamento de SP das vogais para as consoantes em *coda* os seguintes itens:

- (12) a. *inpén* (B) ‘mel’  
 b. *arená* (P), *aréna* (N), *aréne* (B) ‘fumo’  
 c. *çukrenián* (B) “pronuncia-se çukrén ián” ‘calango’  
 d. *kójon* (B) ‘cambabucha’

Para o item em (12a), temos: *penkó* (K), *penkô* (B) ‘cana de açúcar’; *penhi* (K) ‘açúcar’; *peín* (B) ‘rapadura’; *inpençu*, *inpeninçu* (B) ‘abelha’, *ipencê* (B) ‘cera’. O que tais ocorrências sugerem é que o núcleo silábico necessariamente é uma vogal nasal, no entanto, depreendem-se duas formas possíveis para o tema: uma em que a consoante no ataque silábico pode ser interpretada como obstruinte, e outra em que a consoante em questão seria uma pré-nasalizada, contexto no qual a realização fonética deveria produzir uma consoante nasal plena (o que parece, pelos registros, não ser o caso). Já em (11b-c) e (12d) a vogal nasal, por espalhamento de SP, implica em uma nasalização de [j]. Já em (12b), se restringirmos às ocorrências a Pohl (1832) e Nehring (1894), é possível afirmar que a nasal é o ataque silábico da última sílaba; neste caso a nasalidade da vogal final não foi registrada, uma característica das listas anotadas por falantes de alemão. Para a ocorrência em Barbosa (1918) há a seguinte observação: “o último e de *aréne* é mudo” (p. 73), tal informação nesta lista é interpretada como evidência de *coda* nasal, contudo, para esta ocorrência, especificamente, considerando os registros de Pohl (1832) e Nehring (1894), é possível propor que se trata de uma *schwa*, possivelmente átono, o que justificaria a observação de Barbosa (1918). Com o *corpus* disponível não é possível maiores esclarecimentos sobre estes itens, mantém-se a proposta de que em *coda* só são licenciadas as soantes, com três representantes das descontínuas /m̃p̃ ñt̃ ŋ̃k̃/ e um das contínuas /r̃/. Reconhece-se certa aleatoriedade dessa proposta, mas assume-se também que este é o limite imposto pelos registros disponíveis.

2.4 *Clusters*

Segundo os registros disponíveis do Cayapó do Sul, é possível levantar duas alternativas para análise dos *clusters*. Na primeira, os segmentos licenciados nesta posição silábica seguem a oposição *obstruintes x soantes*, obstruintes em C1 e soantes em C2 (13).

- (13) a. pr - *tinapré* (B) ‘amarrar’  
 b. pj - *tikapián* (B) ‘amigo (ser)’  
 c. pj - *ipió* (B) ‘curto’  
 d. tw - *ióntué* (B) ‘criancinha’  
 e. fw - *chuá* (SH), *pachuá* (L), *ischoa* (N), *çuá* (B) ‘dente’  
 f. kr - *kukré* (B) ‘aldeia, casa’  
 g. kr - *icré* (L), *inkré* (B) ‘ovo’ (\*ηρε, Davis, 1966)  
 h<sup>1</sup>. kj - *kiúte* (K), *kiút* (B) ‘anta’  
 h<sup>2</sup>. kj - *ikiá* (K), *paquiã* (L), *kian* (B) ‘cabeça’  
 j<sup>1</sup>. kw - *sacoa* (K), *çakuá* (B) ‘boca’  
 j<sup>2</sup>. kw - *unkuá* (P) ‘aldeia, casa’  
 j<sup>3</sup>. kw - *kuaçô* (B) ‘buriti’

Em uma análise alternativa, os segmentos em *cluster* opõem descontínuos a contínuos e não obstruintes a soantes. Nos itens em (14) a consoante em C1 é interpretada como soante subjacentemente pré-nasalizada, formando *cluster* em que C2 que também é uma soante: C1 descontínua e C2 contínua. Exceto o item em (14a), não há, nos demais registros, ocorrências de nasais plenas formando *cluster*.

- (14) a. m̃pr - *Poimre* (VB) → /põm̃prẽ/  
 b. m̃pr - *Cambriopixon* (VB) → /kam̃propifõ/ ou /kãpropifõ/<sup>40</sup>  
 c. m̃pr - *amprê* (B) ‘abelha’ → /a'm̃pre/ ou /ã'pre/  
 d. m̃pj - *ampjampio* (SH), *netampiá* (K) ‘vermelho’ → /am̃pjampjo/ ou /ã'pjã'pjo/(SH)  
 e. ñtw - *tinuntuá* (B) ‘lamber’ → /ti-nũ'ñtwə/ ou /ti-nũ'twə/<sup>41</sup>  
 f. ñsw - *tansuá* (B) ‘sangrar, varar’ → /t-a'ñswa/ ou /t-ã'swa/

40. Possivelmente *Cambrio+pixon*.

41. Panará [tírõ'tuwã].

- g.  $\eta\widehat{k}w$  - *unkuê* (B) 'barro' → /u' $\eta\widehat{k}we$ / ou / $\widehat{u}'kwe$ /  
 h.  $\eta\widehat{k}r$  - *inkré* (B) 'ovo' → / $\eta\widehat{k}re$ / ou / $\widehat{i}'kre$ /  
 i.  $\eta\widehat{k}j$  - *akiô*, *ankiô* (B) 'quente' → /a' $\eta\widehat{k}jo$ / ou / $\widehat{ã}'kjo$ /<sup>42</sup>

Nestas duas alternativas, a formação do *cluster* também está condicionada por uma restrição de OCP que não permite que dois segmentos com o mesmo articulador ocupem essa posição silábica. Nesta interpretação, assume-se que /w/ compõe *cluster* com as coronais e palatais. O *cluster* com a palatal é comum a todos os registros e a realização como [o] em Kupfer (1870) e Nehring (1894) pode ser explicada por uma característica comum aos registros realizado por alemães: transcrever o [w] como *o* em *onset* e em *cluster*<sup>43</sup>. Diferentemente das ocorrências nos registros de Mossâmedes e Santana do Paranaíba, em Barbosa (1918) há mais evidência favor de um *cluster* com a velar [k] ou [ $\eta\widehat{k}$ ] com /w/ (cf. 14h), nesse caso, a consoante /w/ interpretada fonologicamente como uma consoante labial.<sup>44</sup>

### 3. Sistema vocálico

A identificação das vogais do Cayapó do Sul está intimamente relacionada com a interpretação para o uso dos diacríticos nos diferentes registros, pois eles acumulam mais de uma função: marca de sílaba tônica, altura vocálica e, ainda, peculiaridades da língua que extrapolam a grafia utilizada pelo anotador. Nas listas de Lemos da Silva (1882) e Barbosa (1918) a vogal marcada com diacrítico pode ser associada à sílaba tônica, pois, em português, tonicidade silábica e abertura vocálica estão relacionadas. Além disso, é preciso considerar que a nasalidade da vogal ou não é percebida, como em (K) *pó* : *pán* (B) 'pequeno', ou ainda ela é associada a um vogal média como em (B) *tiçupiâ* : *tiçupián* 'carregar'.

42. Panará [n $\widehat{e}'kjo$ ] ~ [r $\widehat{e}'kjo$ ].

43. Pohl (1837) registra para o termo Xavante 'cachorro' *opsa*, em Pickering (2010) [wapasẽ].

44. Lembrando que foneticamente se trata de uma consoante labiovelar.

Particularmente sobre as vogais ditas centrais (i, ə) há completa assystematicidade nas tentativas de seu registro. Em Vasconcelos (2009), a proposta, para a lista de Barbosa (1918), é que a variação para um mesmo termo entre *i*, *u* ou sequências de obstruintes como *ptuá* ‘lua’ e *ksuké* ‘piranha’ seriam contextos candidatos a ocorrências dessas vogais. Barbosa (1918) explicita: “empreguei o signal *â* para representar um som, que não é o a de mas, conjunção, nem o fechado de ovo”, que interpreto aqui como [ə], e o “y soa quase como o u francez”, apesar de tal informação corresponder mais precisamente a [y], interpreto que seja uma tentativa de registro da posterior alta não-arredondada [i]. Confundir ə com ã só é possível porque, no português, em palavras como *amo* e *cama* a sílaba tônica realiza-se como ə.<sup>45</sup> Porém, tal característica não exclui as ocorrências dessa vogal do inventário do Cayapó do Sul, mas sim, evidencia os limites destes registros. Seguem os itens em que foram observadas variações entre as vogais:

(15) [o] ~ [ɔ]

- a. *impôti* (P), *impótí* (B) ‘veado, cervo’
- b. *impó* (SH), *impó*, *mpó* (B) ‘veado, cervo’
- c. *inpoázo schu kriti* (P) ‘ovelha’; *impó achã* ‘cabra’ (L)
- d. *parachó* (SH), *poraço* (B) ‘folha’
- e. *incó* (SH), *inkô*, *nkô* (B) ‘água’; *tinkó* ‘molhar’
- f. *ankiókuká* ‘areia quente’; *akiô*, *ankiô* ‘quente’ (B)

(16) [e] ~ [ɛ]

- a. *kateté* (K), *catêté* (L), *katétét* (B) ‘branco’
- b. *tinápré*, *tinâprê* ‘bater’ (B)
- c. *ikrê* ‘quadril’, *inkré* ‘coxa’ (B)
- d. *tansuén*, *tansuê* ‘ferir’ (B)

Distinguir três alturas para as vogais estaria em consonância com outras línguas da família e com o sistema de vogais proposto por Davis (1966) para o Proto-Jê. Nesse caso, os itens acima poderiam ser

45. Cf. Câmara Jr., 1982, pp. 39-45.

considerados como erros de registro. Porém, não foi encontrado nos registros nenhum par de itens que possa comprovar que as vogais médias estejam em oposição. A configuração mais compatível com o que se pode extrair até agora do *corpus* é aquela em que o sistema vocálico distingue duas alturas, sendo: anteriores, /i,e/; posteriores arredondadas, /u,o/; posteriores não-arredondadas, /ɨ, ə/; e, além disso, uma vogal baixa /a/.

Neste tipo de registro, decidir a favor de um fonema somente pela possibilidade de ser par mínimo é um argumento frágil, porém, para que a vogal [ə] configure entre os fonemas da língua, é preciso considerar a possível distinção entre *çâkré* ~ *çâkrê* (B) ‘nariz, focinho’ x *çakré* ‘sovaco’ (B) e, ainda, *ampiâ* ‘cinzas’ (B) x *napiâ* ‘onça’ (B). Nessa hipótese o sistema vocálico do Cayapó do Sul é interpretado como triangular, com três classes (Cf. TRUBETZKOY [1939] 1992, p. 92), diferentemente da proposta para o Proto-Jê, de um sistema com três classes, mas quadrangular.

Considerando as especificidades de cada registro, propõe-se, então, que o sistema fonológico do Cayapó do Sul mantém, para as vogais, uma oposição oral x nasal, evidenciada em itens como: *kin* ‘cabelo’ x *kir* ‘frio’; *ikén* ‘moela’ x *iké* ‘couro’; *pan* ‘pequeno’ x *ipá* ‘braço’; *ikón* ‘joelho’ x *ikô* ‘macaco’; *ti-kún* ‘3-quebrar’ x *ti-kú* ‘3-mastigar’ (itens de Barbosa, 1918). Para as vogais nasais é possível distinguir duas alturas. Por fim, ainda uma terceira vogal alta: *y* representa /ɨ/, *yn* representa /ĩ/.

#### 4. Quadros consonantal e vocálico do Cayapó do Sul

No sistema fonológico depreendido nesta análise, os fonemas do Cayapó do Sul apresentam as seguintes oposições. Os traços *vocálico* x *não-vocálico* e *consonantal* x *não-consonantal* distingue as consoante das vogais e dentre as consoante a oposição básica é entre *obstruintes* x *soante*. Mesmo que não configure na teoria de traços distintivos proposta por Jakobson, Fant e Halle (1952), esta é uma das cinco oposições bilaterais consonantais identificadas por Trubetzkoy (1939): “las oclusivas y las fricativas pueden ser consideradas en oposición a las sonantes, como consonadores [obstruintes]” (p. 136).

A série das obstruintes é constituída por /p t s k/, opondo *grave x agudo*, /p k/ x /t s/, e *compacto x difuso*, /k s/ x /p t/. A classificação de /s/ como *compacto* melhor evidencia o seu comportamento no sistema da língua, as africadas nos registros de Santana do Paranaíba e a variação combinatória entre [s] e [ʃ], encontrada no registro de Barbosa (1918), corroboram esta interpretação.

As soantes, por sua vez, opõem *descontínuas* /m̃p̃ ñt̃ ñs̃ ŋ̃k̃/ a *contínuas* /w r j h/ e mantém a mesma oposição *grave x agudo* – /m̃p̃ ŋ̃k̃ w h/ x /ñt̃ ñs̃ r j/ – *compacto x difuso* – /ŋ̃k̃ ñs̃ h j/ x /m̃p̃ ñt̃ r j/. Com estas cinco oposições é possível distinguir todas as consoantes do Cayapó do Sul. *Descontínuo/contínuo* não é relevante para as obstruintes, pois não há evidências de que o /s/ esteja compondo uma série distinta e se comportando no sistema como uma *contínua*<sup>46</sup>. Contudo, tal oposição licencia os segmentos em *cluster*, ou seja, nesta posição a língua opõe *descontínua x contínua*, com uma restrição secundária de articulador ativo, por conta de OCP, por isso não há sequências *tr*. Sequências como *fw*, para a variedade de Mossâmedes, e *sw*, no registro de Barbosa (1918), corroboram uma série obstruinte formada por quatro segmentos. No Quadro 8, seguinte, as consoantes são apresentadas segundo suas oposições básicas.

Quadro 8: Sistema fonológico do Cayapó do Sul: consoantes					
Obstruintes		/p/	/t/	/s/	/k/
Soantes	Descontínuas	/m̃p̃/	/ñt̃/	/ñs̃/	/ŋ̃k̃/
	Contínuas	/w/	/r/	/j/	/h/

Os segmentos em que há a realização da glotal /h/ são listados em (17). Nesses itens, a realização de [h] não pode ser delegada à percepção do transcritor. A classificação entre as soantes é justificada por sua caracterização como *glide*: “the so-called glides, like the English h and the ‘glotal catch’, are distinguished from the vowels in that they have either a

46. Mesmo que fosse necessário distinguir /t/ x /s/, o que não é o caso, o traço *estridente x doce* (*mellow*) seria mais adequado. Jakobson & Halle (1956) utilizam esse traço para distinguir as “plosivas doces” (oclusivas) das “plosivas estridentes” (africadas).

*non-harmonic source as in the case of [h] or transient onset of the source as in [ʔ]*” (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952, p. 19).

- (17) a. *anhán* (B) ‘cobra’ → /ã'hã/<sup>47</sup>  
 b. *mahán* (B) ‘ema’ → /mpã'hã/  
 c. *nehé* (K) ‘eu’ → /ntê'he/  
 d. *hokeré* (K) ‘eles’ → /hoke're/  
 e. *pauhiá* (K) ‘nós’ → /pa.u.hi.'a/ ou /pa.u.'ha/

As soantes /w r j/ em *onset* são apresentados em (18). Como exposto, estas consoantes ocupam a posição C2 em *cluster* e somente /r/ é identificado em *coda*.

- (18) a. *Yamaroi* (VB) /jam̃pãroi/  
 b. *kupajotú* (P) /kupa jo'tu/ ou /kĩpa jo'tu/  
 c. *jaká* (K) /ja'ka/ ‘dia’  
 d. *tóuacê* (B) /towa'se/ ‘dançar’

A oposição básica nas vogais, por sua vez, é entre *oral x nasal*, /i e i ə a u o/ x /ĩ ẽ ã õ ã õ/. Os traços relevantes são *grave x agudo* – /u o a i ə ã õ ã/ x /i e ĩ ẽ/ –, *compacto x difuso* – /e a o ẽ ã õ/ x /i ĩ u ĩ ỹ/ –, *flat x plain* (rebaixado/sustentado), para as vogais graves – /u o ã õ/ x /i ə a ĩ ã/ – e *tense x lax* (tenso/frouxo) entre as vogais *plain* – /i a/ x /ə/<sup>48</sup>. Nas vogais nasais, é justamente esta última oposição que é neutralizada, mantendo todas as demais.

47. Segundo Barbosa (1918, p. 40): “O *h*, excepto em *nh*, é sempre aspirado. *Nh* leia-se como em português, excepto em *anhán*, onde representa modificação vocal que em nossa língua não existe”.

48. Segundo Maia (1986p. 63), “a distinção tenso/frouxo é definida em função da quantidade relativa de energia espectral. Os sons tensos apresentam uma maior energia total no espectro por serem produzidos com maior tensão articulatória, o que dá lugar a cavidades ressoadoras mais irregulares que as dos sons frouxos, onde a forma do trato vocal se aproxima mais da de um tubo uniforme. São tensas as vogais [i, e, a, o, u] e frouxas as vogais [ɪ, ɛ, æ, ɐ, ɔ, ʊ]”.

<b>Quadro 9:</b> Sistema fonológico do Cayapó do Sul: vogais						
<i>orais</i>				<i>nasais</i>		
	<i>agudo</i>	<i>grave</i>		<i>agudo</i>	<i>grave</i>	
		<i>plain</i>	<i>flat</i>		<i>plain</i>	<i>flat</i>
<i>difuso</i>	i	ɨ	u	ĩ	ĩ̃	ũ
<i>compacto</i>	e	ə	o	ẽ	ã	õ
		a				

## 5. Considerações Finais

A análise de uma língua, considerando todos os seus aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, entre outros, é apenas um retrato de determinado momento, e, tal como ocorre para as línguas com tradição de escrita, a ortografia é o registro de um momento anterior da língua, visto que a escrita não acompanha, tão prontamente, as mudanças ocorridas no sistema linguístico. Listas de palavras são, por suas características, um retrato de determinado momento de uma língua, só que diferente daquelas em que se encontra amplo registro, listas como as do Cayapó do Sul são como um retrato desfocado, em que as formas ali presentes são, antes tudo, adivinhadas. O trabalho linguístico, inevitavelmente, deixa de ser descritivo e passa a ser especulativo, em que a partir de poucos traços disponíveis na imagem, interpreta-se o que seja o quadro como um todo. Assim, o sistema fonológico apresentado nessa análise é uma hipótese norteada pela identificação das oposições da língua que outrora foi falada pelos Cayapó do Sul. Continua com lacunas, lacunas estas que evidenciam os limites impostos pela qualidade dos registros linguísticos.

## Referências

CASTRO-ALVES, F. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CASTRO-ALVES. Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, sílaba e acento). In RODRIGUES, A. D.; Cabral (Orgs.), A. S. A. C. *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Brasília: Editora UnB, 2007. p. 45-55.

BARBOSA, A. S. *Cayapó e panará*. 1918. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.

CÂMARA JR., J. M. Alguns Radicais Jê. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, v. 28, 1959.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 11ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

D'ANGELIS, W. R. *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. 2 vols.

\_\_\_\_\_. Nasalidade e soanticidade em línguas Jê: o Kaingang paulista e o Mëbengokre. *Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, Belém, p. 86-95, 2002.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos* v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.

DOURADO, L. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

EHRENREICH, P. Materialien Zur Sprachkunde Brasiliens. *Zeitschrift fur Ethnologie*, n. 26, p. 115-137, 1894.

GIRALDIN, O. *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp, 1997.

HEELAS, R. *The social organization of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil*. 1979. Thesis (Ph.D.). University of Oxford, 1979.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

JAKOBSON, R. FANT, C. G. M.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. The distinctive features and their correlates. Cambridge, MA: The MIT Press, 1952.

JAKOBSON, C. G. M.; HALLE, M. *Fundamentals of Language*. The Hauge: Mouton & co. S. Gravenhage, 1956.

KUPFER. Die Cayapo-Indianer in der Porvinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, pp. 244-254, 1870.

LEMOS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós*. 1882. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.

MAIA, E. M. *No reino da fala*. A linguagem e seus sons. São Paulo: Ática, 1985.

NIMUENDAJÚ, C. Os Gorotire. In *Textos Indigenistas*. São Paulo: Loyola, 1982 [1940].

OFÍCIO do [governador e Capitão-Geral de Goiás] Luís da Cunha Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a Civilização dos índios Caiapó; o sucesso do aldeamento da dita nação; a criação da Aldeia Maria I, e enviando plantas e estampas da dita aldeia. 18 dez. 1782. Manuscrito. CD-ROM. Projeto Resgate de Documentação Histórica “Barão de Rio Branco”. Disponível no Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas.

PICKERING, W. A. *A Fonologia Xavante: uma revisão*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhoechsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishausser, 1832-1837. 2v.

\_\_\_\_\_. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1951, Parte I.

RASTEIRO, R. P. As frentes de expansão sertanistas e o contexto dos Cayapó Meridionais: relatos e reflexões. *Revista de Arqueologia Pública*. (Ed. Especial: Anais da I Semana da Arqueologia) Campinas-SP, 2013. Disponível em: <<http://www.nepam.unicamp.br/arqueologiapublica/revista/anais/arqueologia-e-tematica-indigena/PDFs/arquivo5.pdf>>. Acesso em 07 de fev. 2014.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A.Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.164-206.

SALANOVA, A. P. *A nasalidade em Mebengokre e Apinajé: o limite do vozeamento soante*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz II*. Paris: a. Bertrand, 1848.

SCHWARTZMAN, S. *The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society*. Thesis (Ph.D.). University of Chicago, 1988.

TRUBETZKOY, N. *Principios de fonología*. Madrid: Cincel, [1939] 1992.

VASCONCELOS, E. A. Estudo Preliminar do Cayapó do Sul. BRAGGIO, S. L. B.; FILHO, S. M. S. (Orgs.) *Línguas e Culturas Macro-Jê*. Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2009. pp 315-328.

\_\_\_\_\_. *Investigando a hipótese Cayapó do Sul-Panará*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

## Sobre os autores

**Angela Chagas** – Possui graduação e mestrado em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá de 2012 a 2014. Atualmente, é docente da Faculdade de Letras/Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua na área de documentação, descrição e análise de línguas indígenas brasileiras. Desenvolveu pesquisa com a língua Apurinã (Aruák) na iniciação científica e no mestrado. Em seu doutoramento investigou a morfologia verbal da língua Ikpeng (Karib).

**Antonio Almir Silva Gomes** – Doutor pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal do Amapá e coordenador do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI-UNIFAP/CNPq). Desenvolve trabalhos de pesquisa linguística voltados para a descrição morfossintática da língua Sanapaná, falada pelo povo homônimo, que vive no Chaco Central, Paraguai; e para a compreensão e proposição de métodos capazes de potencializar o ensino de línguas (materna e adicional) no contexto da Educação Escolar Indígena. Ainda relacionado à educação, tem desenvolvido – pautado sobretudo na Lei 11.645/08 – pesquisas no sentido de discutir o lugar da temática indígena na escola não indígena.

**Eduardo Alves Vasconcelos** – Possui graduação em Letras e mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foi professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) em 2014. Atualmente, é docente do Curso Letras Português

(Campus Santana) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Atua na área de descrição e análise de línguas indígenas brasileiras. Desenvolveu pesquisa com a língua Xetá (Tupí-Guaraní, Ramo I) na iniciação científica e no mestrado. Em seu doutoramento investigou a relação Cayapó do Sul-Panará (Jê).

**Elissandra Barros** – Elissandra Barros é docente efetiva do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá e doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha com línguas e povos indígenas desde 2006. Tem experiência em linguística com ênfase em línguas indígenas brasileiras, especialmente Kuruaya (Tupi) e Palikur (Arawak).

**Glauber Romling da Silva** – É Professor da Universidade Federal do Amapá no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Possui Pós-Doutorado pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp com a pesquisa “A expressão da Recursividade em Pirahã: documentação, descrição e análise (Mura)” e Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a tese “Morfofossintaxe da Língua Paresi-Haliti (Arawak)”. Desde 2009 coordenou projetos de documentação no âmbito do *Endangered Languages Documentation Project* da *School of Oriental and African Studies* da *University of London* e do Programa de Documentação de Línguas Indígenas do Museu do Índio (FUNAI/UNESCO).

**Pikuruk Kayabi** – Possui graduação pela Unemat (Terceiro Grau Indígena). Atuou como professor em escolas indígenas do Território Indígena Xingu e atualmente é diretor da escola central Diauarum. Pikuruk também atuou como pesquisador indígena do Programa de Documentação de Línguas Indígenas do Museu do Índio (FUNAI/UNESCO) e atualmente é pesquisador indígena do projeto Gramática Pedagógica Kawaiwete (Museu do Índio/FUNAI).

**Raynice Geraldine Pereira da Silva** – Graduada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM (2001). Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP (2005 e 2010). Como atuação profissional, é professora da área de teoria e

análise linguística da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e trabalha como docente e consultora sobre Educação Escolar Indígena, além de assessorar os cursos de formação de professores indígenas promovido pelo governo do Estado do Amazonas e pela UFAM. Tem experiência na área de linguística e ensino de línguas, com ênfase em estudos fonológicos e gramaticais de línguas naturais. É pesquisadora CNPq onde desenvolve o projeto de pesquisa “Estudos das Variedades do Nheengatu no Amazonas”.

**Suzi Lima** – Possui bacharelado e licenciatura em Letras (Linguística/Português) pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Linguística pelo programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP e é doutora em Linguística pela Universidade de Massachusetts Amherst. Atualmente desenvolve projeto de pesquisa sobre a aquisição dos numerais em línguas indígenas brasileiras na Universidade de Harvard.



Este livro foi composto  
em Cambria pela Editora  
Autografia e impresso em  
papel offset 75 g/m<sup>2</sup>.

O Brasil é detentor de rica diversidade linguística de que participam cerca de 170 línguas indígenas ainda faladas no País. Ao mesmo tempo em que o estudo dessas línguas representa relevante contribuição científica e social, existe uma carência crônica de estudiosos e de estudos das mesmas.

Somente a partir da década de 80 houve um avanço no processo de institucionalização da Linguística no Brasil e no processo de formação de quadros para a área, incluindo a formação de pesquisadores de línguas indígenas. Este avanço possibilitou o surgimento paulatino de novos centros de estudos de nossas línguas, crescendo aqueles até então existentes, restritos a pouquíssimas instituições do sudeste (Unicamp, Museu Nacional, fundamentalmente).

Um desses novos centros é o Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI) (certificado pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq). Sediado na Unifap, o núcleo agrega professores das Universidades Federais do Amapá, do Pará e de Roraima, formados nas maiores universidades do país, como Unicamp, USP e UFRJ.

O livro é organizado por membros do NELI e reúne oito trabalhos de jovens linguistas, formados em diferentes instituições do País e também no Exterior, o que se reflete em distintas orientações teóricas adotadas no tratamento de aspectos da estrutura linguística abordados, bem como na diversidade linguística encontrada na obra. Esta inclui artigos relacionados a línguas dos troncos Tupi (Kuruaya, Mawé, Kawaiwete) e Macro-Jê (Cayapó do Sul), e das famílias Arawak (Paresi-Haliti), Karib (Ikpeng) e Maskoy (Sanapaná).

Trata-se de importante iniciativa do NELI cujo objetivo é o fortalecimento da área de Línguas Indígenas no norte do Brasil, região que concentra um grande número dessas línguas.

**LUCY SEKI**

